



O CANTO I DE *OS ARGONAUTAS*, DE APOLÔNIO DE RODES:  
TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

Thais Evangelista de Assis Caldas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha.

Rio de Janeiro  
Março de 2010

O CANTO I DE *OS ARGONAUTAS*, DE APOLÔNIO DE RODES:  
TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

Thais Evangelista de Assis Caldas

Orientador: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica) Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Examinada por:

---

Presidente, Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

---

Profa. Doutora Carlinda Fragale Pate Nuñez - UERJ

---

Prof. Doutor Henrique Fortuna Cairus – UFRJ

---

Profa. Doutora Celina Maria Moreira de Mello – UFRJ/PPGLEN (Suplente)

---

Prof. Doutor Auto Lyra Teixeira – UFRJ (Suplente)

Rio de Janeiro  
Março de 2010

Caldas, Thais Evangelista de Assis.

O canto I de *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes: tradução e comentários/  
Thais Evangelista de Assis Caldas – Rio de Janeiro:UFRJ/Faculdade de  
Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2010.

102 f.; 31 cm.

Orientador: Nely Maria Pessanha

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-  
Graduação em Letras Clássicas, 2010.

Referências bibliográficas: f.100-102.

1. Epopeia alexandrina. 2. *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes. 3. Canto I. 4.  
Tradução. 5. Comentários narratológicos. I. Pessanha, Nely Maria. II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras  
Clássica. III. Título.

O CANTO I DE *OS ARGONAUTAS*, DE APOLÔNIO DE RODES:  
TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

Thais Evangelista de Assis Caldas

Orientador: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica) Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

As alusões temáticas à viagem dos Argonautas são observadas em diversos autores de diferentes períodos da literatura grega. Já nos poemas homéricos e hesiódicos notam-se referências ao mito de Jasão e Medeia e à expedição liderada pelo Esonida em busca do velocino de ouro. A presente dissertação tem como *corpus* o primeiro canto do poema *Os Argonautas* de Apolônio de Rodes e visa a apresentar uma proposta de tradução, acrescida de comentários referentes ao jogo intertextual observado entre a epopeia alexandrina e as poesias homérica, hesiódica e pindárica e também a tragédia euripídiana *Medeia* e os idílios XIII e XXII de Teócrito. O caráter narrativo da poesia de Apolônio permite ainda a análise do *corpus* sob a perspectiva narratologia, segundo os pressupostos teóricos de Gérard Genette e I.J.F de Jong.

Palavras-chave: *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes; Epopeia alexandrina; Narratologia; Jogo intertextual.

Rio de Janeiro  
Março de 2010

O CANTO I DE *OS ARGONAUTAS*, DE APOLÔNIO DE RODES:  
TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

Thais Evangelista de Assis Caldas

Orientador: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

*Abstract* da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica) Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

The thematic allusions to the journey of the Argonauts are observed in various authors from different periods of Greek literature. Already in the homeric and hesiodic poems, the references to the myth of Jason and Medea and to the expedition led for the son of Aeson in search of the golden fleece are noticed. This Dissertation has as *corpus* the first song of the Apollonius of Rhodes' *Argonauts* and aims to present a translation proposal, increased of referring commentaries to the intertextual relationships observed between the Alexandrian epic and the Homeric poems, Hesiod and Pindar and also the Euripidean tragedy *Medea* and the idylls of Theocritus XIII and XXII. The narrative form of Apollonius' poetry it also allows the analysis of the *corpus* from the perspective of narratology, according to the theoretical assumptions of Gérard Genette and IJF de Jong.

Kew-words: Apollonius of Rhodes' *Argonauts*; Alexandrian epic poems; Narratology; intertextuality.

Rio de Janeiro  
Março de 2010

### Sinopse

Epopéia alexandrina e tradição poética. Pressupostos teóricos de narratologia, segundo Genette e De Jong. Tradução e comentários do Canto I de *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes.

Para Allan Caldas.

## **Agradecimentos**

À Professora Emérita Nely Maria Pessanha,  
pela proveitosa orientação desde a iniciação científica;

ao professor Doutor Henrique Cairus,  
pela atenção e disponibilidade;

à Tatiana Ribeiro,  
pela gentileza;

à minha família,  
pelo apoio;

à Allan Caldas, pelo companheirismo, compreensão e incentivo.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. <i>OS ARGONAUTAS</i> E A TRADIÇÃO LITERÁRIA	13
3. <i>OS ARGONAUTAS</i> , I: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO.	24
4. PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA NARRATOLOGIA	65
4.1. Voz	
4.2. Modos da narrativa	70
4.3 Tempo da narrativa	72
5. COMENTÁRIOS AO CANTO I	76
5.1. Narradores e narratários	
5.2. Modo da narrativa: os tipos de discurso	83
5.3. Anacronias e velocidade narrativa	88
6. CONCLUSÃO	98
7. BIBLIOGRAFIA	100

## 1. INTRODUÇÃO

Esta Dissertação elegeu como *corpus* o primeiro canto da obra *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes e tem por objetivo analisá-lo segundo alguns pressupostos da narratologia. O estudo da narrativa foi por mim iniciado na graduação, durante o período de pesquisa de iniciação científica, quando me propus a examinar a poesia arcaica - em particular o hino homérico a Afrodite, o quinto na edição de Allen – segundo alguns pressupostos narratológicos, sobretudo os referentes ao narrador.

Além da referida análise, pretende-se também nesta Dissertação apresentar uma proposta de tradução, em versos livres, do *corpus* mencionado, utilizando a edição de Francis Vian, de 1976. Como referencial teórico foram utilizados, sobretudo: a obra *Discurso da narrativa*, de Gérard Genette – tradução portuguesa de *Figures III* – e os ensaios *Narratological Theory on Narrators, Narratees, and Narrative*, de I.J.F de Jong e *Apollonius of Rhodes*, de M.P. Cuypers. Estes últimos merecem destaque, pois oferecem um estudo específico sobre a narrativa grega antiga, enfatizando as peculiaridades de cada autor.

*Os Argonautas* pertence à tradição literária desenvolvida no período helenístico da literatura grega, mais precisamente no século III a.C. As informações que se tem sobre este período não nos permite uma conclusão exata a respeito da cronologia entre o poema de Apolônio de Rodes e as obras de seus contemporâneos como Calímaco e Teócrito. Muitas outras questões relativas ao próprio texto permanecem sem explicação, mas não se pode negar a importância da obra, o único poema épico extenso, do período alexandrino, que foi conservado, em sua totalidade, e que exerceu influência sobre autores gregos e latinos.

O poema possui cinco mil, oitocentos e trinta e cinco versos, divididos em quatro cantos, e narra a viagem atribulada de Jasão e os Argonautas, que se arriscam em território estrangeiro pela conquista do velocino de ouro.

A expedição liderada pelo Esonida foi imposta por seu tio Pélias, rei da Tessália, que, ao tomar conhecimento de um oráculo, segundo o qual seria subjugado por um homem que fosse visto saindo do mar calçado com uma só sandália e, ao descobrir a identidade deste homem - seu sobrinho -, preparou-lhe uma prova, cujo objetivo principal era provocar a morte

do herói. Jasão foi encarregado de conquistar o velocino de ouro, fixado em um carvalho na Cólquida, façanha realizada, graças à intervenção de Medeia e suas artes mágicas.

O primeiro canto do poema dedica-se à narração de parte da viagem marítima ao território de Eetes. O motivo da expedição, o oráculo ouvido por Pélias, relatado brevemente nos primeiros versos, é seguido por um catálogo dos heróis que acompanharam o Esonida. Após o catálogo, que ocupa duzentos e onze versos, inicia-se o relato dos preparativos para a viagem: a marcha dos heróis, a despedida de Jasão, a reunião da primeira assembleia para a escolha do chefe, o lançamento da nau no mar, a divisão, por sorteio, dos bancos, a escolha do timoneiro e, por fim, a prece e o sacrifício a Apolo.

Três episódios merecem destaque entre os primeiros acontecimentos da viagem: a estada em Lemnos (vv.607-914), o encontro com os Dolíones (vv.936-1152) e, por fim, a trágica permanência entre os Mísios. Estas três escalas, a princípio, beneficiam os Argonautas, que são recebidos de maneira amistosa, com presentes de hospitalidade. No entanto, a tranquilidade inicial é abalada por eventos que prejudicam a união entre os heróis:

Em Lemnos todos são acolhidos pelas habitantes da ilha. Polyxo, ama de Hipsípila, incita as mulheres a receber os heróis em suas casas, para que, novamente, a cidade fosse povoada por homens que pudessem trabalhar a terra. A alegria dos heróis que, continuamente, divertiam-se com danças e festins, é interrompida quando Hércules intervém, reprovando duramente a maioria de seus amigos pela permanência prolongada na ilha.

Na terra do rei Cízico, os homens Dolíones também oferecem hospitalidade aos viajantes. A tranqüilidade experimentada na noite da chegada não perdura até a manhã seguinte, quando, no alto do monte Dínimo, Hércules e alguns heróis enfrentam e matam os Filhos da Terra. Após este combate, os Argonautas navegam o resto do dia, mas, durante a noite, são levados, por ventos contrários, de volta a terra de Cízico. Ignorando que desembarcavam no mesmo local, Jasão e seus companheiros enfrentam os Dolíones, o que acarreta a morte do rei, golpeado no peito pelo Esonida.

Ao chegarem à Mísia, novamente são recebidos com hospitalidade e amizade, mas, neste local, Hércules e seu companheiro Hílas interrompem a viagem, abandonados por seus companheiros, que navegam sem notar a ausência dos heróis. A descoberta da perda provoca uma violenta discórdia entre os Argonautas, principalmente entre Jasão e Telamón, que acusa o Esonida de abandonar propositalmente o melhor dos companheiros. Após o incidente, a travessia marítima prossegue e o primeiro canto do poema é finalizado. A narrativa da viagem de ida estende-se até o segundo canto, que termina com a chegada dos heróis à Cólquida. O terceiro canto relata o primeiro encontro entre Jasão e Medeia e a realização, em parte, das

provas impostas pelo rei Eetes. Finalmente, o canto quatro narra o sucesso da expedição – a conquista do velocino – e o regresso a Tessália.

Além de apresentar uma proposta de tradução do canto I de *Os Argonautas*, esta Dissertação rastreia a tradição poética da Grécia que diz respeito ao mito de Jasão e Medeia. Assim, o capítulo 2 trata do jogo intertextual entre a epopeia alexandrina, *corpus* deste trabalho, e as poesias homérica, hesiódica e pindárica e também a tragédia euripidiana *Medeia* e os idílios XIII e XXII de Teócrito. O capítulo 4 apresenta os pressupostos da narratologia, segundo Genette e De Jong; já o capítulo 5, comentários ao canto I, sob a perspectiva da narratologia. Procurou-se examinar, sobretudo, na obra de Apolônio, o emprego de técnicas narrativas já observadas na poesia homérica, que se referem ao tempo da narrativa – como o uso da analepse e da prolepse –, aos tipos de discurso e à identidade do narrador, assim como sua postura perante a história que conta.

## 2. OS ARGONAUTAS E A TRADIÇÃO LITERÁRIA

*Os Argonautas* tem como antecedente uma antiga tradição de relatos que já se referiam à mítica e perigosa expedição liderada por Jasão e dialoga com poemas vários de outras épocas, tais como: a epopéia homérica, em especial a *Odisséia*, a *Quarta Pítica* de Píndaro, a tragédia *Medeia* de Eurípedes, e os Idílios XIII e XXII, de Teócrito. O assunto escolhido, segundo Manuel Pérez López (1991, p.21) seria favorável a um autor que se propõe assumir um compromisso entre a tradição e as novas formas de fazer poesia, em conformidade com os princípios do primeiro Helenismo:

Certamente, já na época de Apolônio existia um grande número de obras que havia tratado o tema e isso proporcionava ao poeta-filólogo a oportunidade de demonstrar sua erudição e conhecimento exaustivo de todos os tipos de fontes, assim como tomar partido por umas ou outras variantes.<sup>1</sup>

Também o próprio narrador, nos versos iniciais da obra (I, 18-19), atesta a antiguidade e a notoriedade do tema, quando afirma:

Νῆα μὲν οὖν οἱ πρόσθεν ἐπικλείουσιν ᾄδοι  
Ἄργον Ἀθηναίης καμέειν ὑποθημοσύνησιν.

Os aedos de outrora ainda celebram Argos ter  
construído a nau, segundo os preceitos de Atena.

Na *Ilíada*, VII, 467-469, há uma referência à chegada ao acampamento dos Aqueus de inúmeros navios carregados de vinho, enviados de Lemnos por Euneu, filho de Jasão e Hipsípila:

Νῆες δ' ἐκ Λήμνοιο παρέσταν οἴνοιν ἄγουσαι  
πολλάι, τὰς προέηκεν Ἴησονίδες Εὐνήσος,  
τὸν ῥ' ἔτεχ' Ὑψιπύλη ὑπ' Ἴησονι, ποιμένι λαῶν.

Muitas naus, trazendo vinho, chegaram de Lemnos,  
as quais enviara o Esonida Euneu,

<sup>1</sup> Seguramente ya em época de Apolônio existia um gran cúmulo de obras que había tratado el tema y ello proporcionaba ao poeta-filólogo la oportunidade de demostrar su erudición y conocimiento exhaustivo de todo tipo de fuentes, así como tomar partido por unas u otras variantes.

filho que Hipsípila gerou com Jasão, pastor de povos.

Esta breve referência serve de base ao relato detalhado da obra de Apolônio sobre a estada dos Argonautas nesta ilha e o encontro amoroso entre o Esonida e a lemniense, no primeiro canto do poema (vv.607-914).

Na *Odisséia*, além da coincidência temática – a narrativa de uma viagem marítima perigosa – encontram-se alusões ao rei de Iolco e à nau Argo: No canto XI, 235-257, versos que correspondem à parte da narração da descida de Odisseu ao Hades, em que Pélias e Neleu são apresentados como filhos de Tiro e Poseidon, há um breve relato da concepção dos heróis, assim como do domínio ocupado por cada um: Pélias exercia o mando em Iolco, e Neleu, no solo arenoso de Pilos. No canto seguinte, Circe oferece instruções a Odisseu a respeito de sua viagem: Nos versos 59-69, informa da existência de rochas impossíveis de transpor, tanto pelos homens, quanto pelas aves:

τῆ μὲν τ' οὐδὲ ποτητὰ παρέρχεται οὐδὲ πέλειαι  
 τρήρωνες, ταί τ' ἀμβροσίην Διὶ πατρὶ φέρουσιν,  
 ἀλλὰ τε καὶ τῶν αἰὲν ἀφαιρεῖται λῖς πέτρη·  
 ἀλλ' ἄλλην ἐνίησι πατὴρ ἐναρίθμιον εἶναι. 65  
 τῆ δ' οὐ πῶ τις νηὺς φύγεν ἀνδρῶν, ἢ τις ἴκηται,  
 ἀλλὰ θ' ὁμοῦ πίνακός τε νεῶν καὶ σώματα φωτῶν  
 κύμαθ' ἄλῳσ φορέουσι πυρός τ' ὀλοοῖο θύελλαι.

Nenhuma das aves passa por ali, nem as tímidas  
 pombas, que a ambrosia levam para Zeus pai;  
 Sempre a lisa pedra detém uma delas;  
 outra, porém, o pai envia para completar o número; 65  
 por ali, nunca escapou nau dos homens, que depois voltasse,  
 mas, ondas do mar e tempestades de fogo destruidor  
 levam as tábuas das naus e os corpos dos homens.

Em seguida (vv. 69-72) faz menção ao episódio narrado no canto II de *Os Argonautas*, nos versos 531-605, ao afirmar que Argo foi a única nau capaz de atravessar as temíveis rochas. O sucesso da travessia é atribuído a Hera, que servira de guia ao Esonida, devido a sua afeição ao herói:

οἷη δὲ κείνη γε παρέπλω ποντοπόρος νηὺς,  
 Ἄργω πᾶσι μέλουσα, παρ' Αἰήταο πλέουσα. 70  
 Καὶ νύ κε τὴν ἔνθα ὦκα βάλεν μεγάλας ποτὶ πέτρας,  
 ἀλλ' Ἥρη παρέπεμψεν, ἐπεὶ φίλος ἦεν Ἰήσων.

Somente aquela nau, que percorre o mar, atravessou-as,  
Argo, de que todos se ocupam, vindo de Eetes. 70  
E ali seria, rapidamente, lançada contra as grandes rochas,  
mas Hera a conduziu, pois Jasão lhe era caro.

Referências a personagens do poema de Apolônio são também relatadas na *Teogonia* de Hesíodo. Nos versos 956-962 é apresentada a genealogia do rei Eetes e da princesa Medeia. Mais adiante (vv.992-1002) mencionam-se as provas executadas por Jasão e a união matrimonial deste com a filha de Eetes:

Κούρην δ' Αἰήταο διοτρεφέος βασιλῆος  
Αἰσονίδης βουλῆσι θεῶν αἰειγενετᾶων  
ἦγε παρ' Αἰήτεω, τελέσας στονόεντας ἀέθλους,  
τοὺς πολλοὺς ἐπέτελλε μέγας βασιλεὺς ὑπερήνωρ, 995  
ὑβριστῆς Πελῆης καὶ ἀτάσθαλος ὄβριμοεργός·  
τοὺς τελέσας ἐς Ἴωλκὸν ἀφίκετο πολλὰ μογῆσας  
ὠκείης ἐπὶ νηὸς ἄγων ἐλικώπιδα κούρην  
Αἰσονίδης, καὶ μιν θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν.  
καὶ ῥ' ἦ γε δηθεῖσ' ὑπ' Ἰήσωνι, ποιμένι λαῶν, 1000  
Μήδειον τέκε παῖδα, τὸν οὔρεσιν ἔτρεφε Χείρων  
Φιλλυρίδης· μεγάλου δὲ Διὸς νόος ἐξετελείτο.

À filha do rei Eetes, nutrido por Zeus,  
o Esonida, pelos desígnios dos deuses imortais,  
levou-a de junto de Eetes, após ter cumprido provas funestas,  
as muitas que o grande rei arrogante ordenou, 995  
o insolente Pélias, presunçoso violento;  
após cumpri-las, chegou a Iolcos, depois de muito penar,  
conduzindo a virgem de olhos vivos em sua nau veloz  
o Esonida, e tornou-a sua esposa vigorosa.  
Ela, submetida a Jasão, condutor de povos, 1000  
engendrou Medeio, que Quíron, o Filirida, criou  
nas montanhas: cumpriu-se o desígnio do grande Zeus.

Medeia é a heroína da tragédia homônima, de Eurípides, que narra os acontecimentos posteriores à viagem organizada por Jasão. Ainda nos versos iniciais da peça, nos quais a ama de Medeia lamenta o sofrimento de sua senhora (vv.1-8), a viagem dos Argonautas em busca do velocino é evocada. Outros eventos importantes são citados, como a paixão da filha de Eetes pelo Esonida – cuja descrição ocupa parte do terceiro canto do poema de Apolônio – e a travessia da nau Argo entre as rochas Simplegades que, conforme já dito, também é lembrada no canto XII da *Odisséia*, vv.69-72.

Nos versos 165-167 da tragédia, é a própria Medeia quem lamenta o seu destino. Nestes versos ela lembra o assassinato de seu irmão e o posterior abandono da casa paterna, episódios também relatados por Apolônio:

ὦ πάτερ, ὦ πόλις, ὧν κάσιν αἰσχροῦς  
τὸν ἔμὸν κτείνας' ἀπενάσθη.

Ó pai, ó *polis*, dos quais me afastei vergonhosamente,  
após matar meu irmão.

O assassinato de Apsirto é narrado no último canto de *Os Argonautas*. Os versos 410-481 deste canto descrevem, além da idealização e execução do crime pelo Esonida - auxiliado pela filha de Eetes – o cumprimento dos ritos necessários para a expiação da morte.

O auxílio prestado por Medeia ao filho de Esão para a realização das provas no palácio de Eetes, narrado nos dois últimos cantos do poema de Apolônio, é também mencionado pela princesa da Cólquida nos versos 475-485 de Eurípides, nos quais, mais uma vez, ela lamenta o abandono de sua família e terra natal em favor do Esonida:

Ἐκ τῶν δὲ πρώτων πρώτον ἄρξομαι λέγειν·	475
ἔσωσά σ', ὡς ἴσασιν Ἑλλήνων ὅσοι	
ταῦτ' ὅν συνεισέβησαν Ἀργῶν σκάφος,	
πεμφθέντα ταύρων πυρπνόων ἐπιστάτην	
ζεύγλαισι καὶ σπεροῦντα θανάσιμον γύην·	
δράκοντα θ', ὅς πάγχρυσον ἀμπέχων δέρος	480
σπείραις ἔσωζε πολυπλόκοις ἄπνους ὦν,	
κτείνας' ἀνέσχον σοὶ φάος σωτήριον.	
Αὐτὴ δὲ πατέρα καὶ δόμους προδοῦσ' ἔμοις	
τὴν Πηλιῶτιν εἰς Ἴωλκὸν ἰκόμην	
σὺν σοί, πρόθυμος μᾶλλον ἢ σοφωτέρα·	485

Pelo principio começarei a dizer:	475
Fui eu quem te salvou, como sabem todos os gregos	
que embarcaram na mesma nau de Argos,	
quando tu foste enviado para por o jugo nos touros	
cuspidores de fogo e para semear o campo mortífero.	
E o dragão que, rodeando o velocino de ouro,	480
enrolado em espirais, o protegia, insone,	
eu matei, e trouxe para ti a luz salvadora.	
E fui eu mesma quem, tendo traído o meu pai e minha família,	
vim do Pélion a Iolcos	
contigo, com mais ardor que sensatez.	485



Jasão, no entanto, nega a contribuição da mulher, afirmando que a única responsável pelo sucesso de sua empresa foi Cípris; o herói lembra, ainda, o auxílio de Eros, que forçou a princesa a salvá-lo τόξοις ἀφύκτοις, “com arcos inescapáveis” (vv.522-531). Este episódio se relaciona aos versos 275-286 do terceiro canto de *Os Argonautas*, nos quais Eros, a pedido de Afrodite, desperta a paixão de Medeia pelo Esonida, atirando nela uma de suas flechas.

Nos versos 1329-1335 da tragédia euripídica, ao tomar ciência da morte de seus filhos, é Jasão quem se lastima, mostrando-se arrependido de ter conduzido Medeia a sua pátria. Neste episódio, novamente, o assassinato de Apsirto é evocado:

ὄλοι'. Ἐγὼ δὲ νῦν φρονῶ τότ' οὐ φρονῶν, ὅτ' ἐκ δόμων σε βαρβάρου τ' ἀπὸ χθονὸς	1330
Ἕλλην' ἐς οἶκον ἠγόμην, κακὸν μέγα, πατρός τε καὶ γῆς προδότιν ἢ ὃ ἐθρέψατο. τὸν σὸν δ' ἀλάστορ' εἰς ἔμ' ἔσκηψαν θεοί· κτανούσα γὰρ δὴ σὸν κάσιν παρέστιον τὸ καλλίπρωρον εἰσέβης' Ἀργούης σκάφος.	1335

Pudesses tu perecer! Eu agora percebo o que antes não percebia, quando de uma casa e de uma pátria bárbara, te conduzi a um lar grego, grande mal, traidora de teu pai e da terra que te nutriu; teu espírito de vingança os deuses lançaram contra mim: após matar teu irmão, perto de teu lar, embarcaste na nau de Argo, de bela proa.	1330
	1335

O texto de Apolônio dialoga, também, com o epinício pindárico. A *IV Pítica*, dedicada a Arcesilas de Cirene, rei vencedor da corrida de carros, é, provavelmente, o antecedente mais importante de Apolônio de Rodes.

A ode, composta por treze tríades, tem como tema mítico a viagem dos Argonautas. Nela, encontram-se referências a episódios importantes da viagem, como a famosa travessia de Argo entre as rochas Simplegades e as provas executadas por Jasão pela conquista do velocino. Além disso, Píndaro apresenta antecedentes não mencionados, ou pouco desenvolvidos, na narrativa de Apolônio, como a usurpação do trono de Esão por Pélias.

É a partir da quarta tríade que a saga argonáutica passa a ser propriamente descrita. O relato tem início com o anúncio do oráculo conhecido por Pélias, segundo o qual o rei deveria resguardar-se do homem que fosse visto calçado com uma só sandália. O episódio, também brevemente narrado em *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes (vv. 5-17), é apresentado em

Píndaro em maiores detalhes: o poeta narra o encontro do filho de Esão e Pélias e o diálogo estabelecido entre eles (vv.69-111), através do qual o Esonida revela a intenção de reclamar o trono usurpado de seu pai, fato omitido pelo poeta de Rodes:

- 105 (...) ἰκόμαν  
οἴκαδ', ἀρχαίαν κομίζων  
πατρὸς ἐμοῦ, βασιλευομέναν  
οὐ κατ' αἴσαν, τάν ποτε Ζεὺς  
ὤπασεν λαγέτα  
Αἰόλω καὶ παισὶ τιμάν.
- 105 (...) cheguei  
a minha casa para recobrar a antiga  
dignidade real de meu pai, não exercida  
como convém, a qual, um dia, Zeus  
concedeu a Eólo,  
chefe de povos, e a seus filhos.

A partir do verso 138, Píndaro reproduz o acordo firmado entre Jasão e Pélias. Jasão, acompanhado de parentes, parte para o palácio de Pélias e lá reivindica o que lhe é devido:

- ἀλλὰ καὶ σκᾶπτον μόναρχον  
καὶ θρόνος, ὦ ποτε Κρηθείδας  
ἐγκαθίζων ἵπποταῖς εὖ-  
θυνε λαοῖς δίκας -  
τὰ μὲν ἄνευ ξυνᾶς ἀνίας
- 155 λῦσον ἄμμιν, μή τι νεώτερον ἐξ αὐ-  
τῶν ἀναστάῃ κακόν.
- Mas o cetro soberano  
e o trono, sobre o qual, um dia, assentava  
o filho de Creteu, e trazia justiça  
aos povos cavaleiros,  
sem sofrimento comum entre nós,
- 155 entrega-os a mim, para que deles não surja  
algum mal mais recente.

Pélias promete entregar o trono e o cetro real. No entanto, para que a promessa fosse cumprida, o Esonida deveria organizar uma expedição e trazer da Cólquida a pele de ouro que havia salvado Frixo dos golpes de sua madrasta:

- 165 Τοῦτον ἄεθλον ἐκὼν τέλεσον· καὶ τοι μοναρχεῖν  
καὶ βασιλευέμεν ὄμνυ-

μι προήσειν. Καρτερός  
 ὄρκος ἄμμιν μάρτυς ἔστω  
 Ζεὺς ὁ γενέθλιος ἀμφοτέποις.

- 165 Esta prova cumpre, de bom grado, e eu juro  
 entregar-te o governo soberano e  
 a realeza. Firme Juramento! Que nos  
 seja testemunha Zeus,  
 nosso ancestral comum.

Firmado o acordo entre o rei e Jasão, este envia mensageiros para anunciar a expedição. A partir do verso 170, na oitava tríade do poema, Píndaro enumera os heróis que atenderam ao chamado do filho de Esão: os três filhos de Zeus – Héacles, Castor e Polideuces -, Eufemo, Periclímene, Orfeu, Éritos, Equion, Zetes, Calais e o adivinho Mopso. Em Apolônio, o catálogo de heróis, conforme já dito, ocupa duzentos e onze versos, e enumera cinquenta e quatro heróis, diferente de Píndaro, que cita apenas onze deles. Note-se que a diferença entre as duas listas não se limita apenas a um número reduzido de homens enumerados por Píndaro. Apolônio oferece um relato mais detalhado: cita a ascendência de cada guerreiro – por vezes recuando a várias gerações, como na descrição da genealogia de Nauplio (vv.133-138) –, acrescenta, em alguns casos, relatos sobre façanhas importantes atribuídas ao herói ou a algum antepassado seu, informações a respeito da geografia de sua terra natal, sobre o motivo da participação na expedição, ou, até mesmo, antecipa o destino estabelecido para cada um, como, por exemplo, ao anunciar que Cantos e Mopso haveriam de morrer na Líbia (vv.77-85).

Após o catálogo, Píndaro narra o início da viagem, citando, na décima tríade, a famosa travessia dos Argonautas pelas rochas Simplégades, única aventura mencionada pelo poeta, antes da chegada a Cólquida.

Na mesma ode, vv. 216-230, a paixão de Medeia pelo Esonida, suscitada por Afrodite, é evocada. Há referências, também, ao auxílio prestado pela princesa da Cólquida ao herói para realização das provas – episódio narrado no terceiro canto da obra de Apolônio – e à promessa de casamento entre os dois:

- 220 Καὶ τάχα πείρατ' ἀέθλων  
 δείκνυεν πατρώϊων·  
 σὺν δ' ἐλαίῳ φαρμακώσασις  
 ἀντίνομα στερεᾶν ὄδυνᾶν  
 δῶκε χρίεσθαι. Καταίνη-  
 σάν τε κοινὸν γάμον

γλυκὺν ἐν ἀλλάλοισι μίξαν.

- 220 E, prontamente, ela lhe mostrou  
o cumprimento das provas de seu pai:  
tendo preparado com azeite  
um antídoto para as dores mais cruéis,  
entregou-lhe para que se ungesse. E prometeram  
unir-se um ao outro  
em doce casamento.

Nos versos seguintes, Píndaro narra a vitória de Jasão sobre os touros cuspidores de fogo e a conquista do velocino; no epodo da décima primeira tríade e na estrofe da décima segunda, o poeta resume em poucas linhas um episódio importante da viagem dos Argonautas: o encontro com as mulheres de Lemnos, que, aqui é narrado como um acontecimento ocorrido durante a viagem de volta a Tessália, ao contrario de Apolônio (I, vv.607-914) que o situa na viagem de ida:

- 251 ἔν τ' Ὀκεανοῦ πελάγεσσι μίγεν πόντῳ τ' ἔρυθρῳ  
Λαμνιᾶν τ' ἔθνει γυναικῶν ἀνδροφόνων·  
ἔνθα καὶ γυίων ἀέθλοισι ἐπέδει-  
ξαντο ἰν ἔσθᾶτος ἀμφίς,  
  
καὶ συνεύνασθεν...

- 251 Embrenharam-se nas águas do Oceano e no Mar Vermelho,  
e na terra das mulheres de Lemnos, matadoras de homens.  
Ali provaram seus membros nos jogos,  
cujo prêmio era um vestido,  
  
e uniram-se a elas...

Da união entre uma lemniese e Eufemo nasce Leucofano, que dá origem à dinastia de Cirene (vv.252-262). Nestes versos, o poeta finaliza o relato sobre as aventuras dos Argonautas e passa a enaltecer a descendência de Eufemo, alcançando, assim, o objetivo de seu canto.

Também no período alexandrino notam-se relatos de episódios inseridos no périplo dos Argonautas descrito por Apolônio. Os Idílios XIII e XXII de Teócrito constituem bons exemplos desta intertextualidade. O primeiro, intitulado de *Hilas*, narra o episódio igualmente relatado por Apolônio de Rodes no primeiro canto de *Os Argonautas*, nos versos 1207-1272: o desaparecimento do companheiro de Hércules, raptado pelas Ninfas, e o desespero do filho de Alcmena à procura do herói. Nos versos iniciais do idílio XIII (vv.16-24), encontram-se

referências à expedição em busca do velocino e à famosa travessia da nau Argo entre as rochas Cianéias:

Ἄλλ' ὅτε τὸ χρύσειον ἔπλει μετὰ κῶας Ἰάσων  
 Αἰσονίδας, οἱ δ' αὐτῶ ἀριστῆες συνέποντο  
 πασᾶν ἐκ πολίων προλελεγμένοι ὦν ὄφελός τι,  
 ἴκετο χῶ ταλαεργὸς ἀνὴρ ἐς ἀφνειὸν Ἴωλκόν,  
 Ἄλκμήνας υἱὸς Μιδεάτιδος ἠρωΐνας,  
 σὺν δ' αὐτῶ κατέβαινε ὕλας εὐέδρον ἐπ' Ἄργῳ,  
 ἅτις κυανεᾶν οὐχ ἄψατο συνδρομάδων ναῦς,  
 ἀλλὰ διεισαίξεν (ἀφ' οὗ τότε χοιράδες ἔσταν)  
 αἰετὸς ὡς μέγα λαίτμα, βαθὺν δ' εἰσέδραμε Φᾶσιν.

Mas quando Jasão, o Esonida, navegava em busca do velocino de ouro, e os melhores o seguiam, escolhidos de todas as cidades, chegou também à rica Iolcos o homem infatigável, filho da heroína Alcmena de Midéia, e, com ele, Hilas descia até Argo, provida de belos bancos, a nau que não tocou as Cianéias, que se chocam, mas atravessou como uma águia o grande golfo, (por causa disso, os recifes se fixaram), e lançou-se no profundo Phasis.

O idílio XXII recebe o título de *Dióscuros* e celebra as façanhas dos filhos de Leda e Zeus, Castor e Polideuces, no país dos Bebrícios. A primeira parte do poema dedica-se à narrativa do combate entre Âmico, rei dos Bebrícios, e Polideuces, que se dá logo após a passagem dos Argonautas pelas rochas Cianéias. A luta entre Polideuces e o rei – caracterizado tanto por Teócrito, quanto por Apolônio como um homem soberbo e que não respeita os rituais de hospitalidade – termina em um acordo, pelo qual o rei é poupado da morte, mediante a promessa de não mais importunar os estrangeiros que abarcassem suas terras. Apolônio de Rodes relata o episódio nos 158 primeiros versos do segundo canto de *Os Argonautas*. No entanto, ao contrário de Teócrito, situa o combate pugilístico antes da travessia das rochas moventes e finaliza a disputa com a morte de Âmico por Polideuces, a qual se segue uma violenta batalha entre os Argonautas e os Bebrícios.

A influência da literatura arcaica e clássica sobre a obra de Apolônio não se limita, porém, à coincidência de temas. O autor emprega diversos recursos literários já utilizados por seus predecessores, dentre os quais se destaca Homero.

Conforme observa Richard Hunter (2001, p.93), os versos iniciais de *Os Argonautas* nos informam mais sobre o gênero da poesia de Apolônio do que sobre o seu tema, uma vez que o autor se propõe a cantar *πολαιγενέων κλέα φωτῶν*, “os feitos gloriosos dos homens antigos” (I, 1-2), inserindo sua obra no gênero mais remoto da poesia grega, o épico. Assim como na poesia homérica, o narrador conta, em versos hexamétricos, uma história temporalmente situada em um passado longínquo e, para tanto, emprega recursos tradicionais, como a invocação às Musas, a apresentação de um catálogo de heróis, as descrições de lugares e objetos, o emprego de símiles, a representação de cenas de sacrifícios aos deuses, de despedidas, de reunião de heróis, e uma série alternada de discursos de personagens.

Hunter adverte, no entanto, que existe certo distanciamento entre o modelo épico empregado por Homero - no qual a narração é um ato de memória e repetição - e o modelo de Apolônio, caracterizado por uma maior liberdade. Um bom exemplo desse distanciamento pode ser observado através do relacionamento estabelecido entre o narrador e a Musa: enquanto o narrador da *Ilíada*, por exemplo, relata sua história baseando-se apenas no que a Musa lhe conta, no período helenístico, o poeta demonstra uma maior responsabilidade por aquilo que narra e uma maior liberdade de escolha.

D.P. Nelis (2005, p.356) nota, ao longo da narrativa de *Os Argonautas*, diversos padrões de relacionamento entre o narrador e as Musas: Diferentemente da poesia homérica, as filhas de Mnemosine não são invocadas nos versos de abertura do poema de Apolônio. Somente no final do próemio (I, 22) são mencionadas pela primeira vez, quando o poeta solicita que sejam *hypophétors* de seu canto, termo de difícil tradução, cujo significado oscila entre “produtoras” e “intérpretes”. No início do terceiro canto, Érato é convidada a colocar-se ao lado do narrador e contar-lhe como Jasão, com a ajuda do amor de Medeia, conquistou o velocino:

Εἰ δ' ἄγε νῦν, Ἐρατώ, παρά θ' ἴστασο, καί μοι ἔνισπε,  
 ἔνθεν ὅπως ἔς Ἴωλκὸν ἀνήγαγε κῶας Ἰήσων  
 Μηδείης ὑπ' ἔρωτι...

Vem, agora, Érato, coloca-te ao meu lado e conta-me,  
 então, como Jasão levou para Iolcos o velocino,  
 graças ao amor de Medeia...

No canto seguinte, a Musa é novamente invocada, mas, nesta ocasião o narrador declara sua incapacidade em continuar o relato, transferindo para a divindade a total responsabilidade sobre a narrativa (IV, 1-2):

Αὐτὴ νῦν κάματόν γε, θεά, καὶ δήνεα κούρης  
Κολχίδος ἔννεπε, Μοῦσα, Διὸς τέκος...

Tu mesma, agora, deusa, o sofrimento e os planos da jovem  
da Cólquida conta, Musa, filha de Zeus...

O mesmo acontece nos versos 1381- 1382 do canto IV, quando o narrador se declara intérprete das Piérides:

Μουσάων ὄδε μῦθος ἐγὼ δ' ὑπακουὸς αἰίδω  
Πιερίδων, καὶ τήνδε πανατρεκὲς ἔκλυον ὀμφήν...

Aqui o relato das Musas eu, intérprete das Piérides,  
canto, e esta voz divina, com toda certeza, escutei.

Note-se que esta invocação antecede o relato do episódio no qual os Argonautas, desprovidos de água e alimentos, carregam nos ombros a nau Argo, durante doze dias inteiros, caminhando pelas dunas da Líbia, e parece corresponder ao desejo do narrador de esquivar-se da responsabilidade por uma narrativa com traços de inverossímil.

Como pôde ser observado nos exemplos acima, o padrão único de relacionamento observado em Homero, segundo o qual o aedo se declara um porta-voz da sabedoria divina, é substituído em Apolônio por uma variedade de padrões, que vai desde a inicial ausência da Musa até a declaração de total dependência de seu conhecimento. Assim, Apolônio estabelece, com seus predecessores, ao mesmo tempo, uma relação de dependência e desvio. Através da tensão entre tradição e inovação, cria uma literatura familiar com tendências inovadoras, como afirma Bernd Effe (2001, p. 147), uma poesia feita de literatura, guiada pelo princípio da intertextualidade.

### 3. ARGONAUTAS, I: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Começando por ti, Febo, rememorarei os feitos gloriosos  
 dos homens antigos, que pela boca do Ponto e através das rochas  
 Cianéias, por ordem do rei Pélias, conduziram,  
 em direção ao toção de ouro, a bem construída Argo .  
 Pélias ouviu tal vaticínio: no futuro, um destino 5  
 odioso o esperava – pela trama daquele homem  
 que veria, no meio do povo, com um só pé calçado, pereceria.  
 Pouco depois, conforme tua profecia, Jasão,  
 ao atravessar a pé a corrente do Anauro, volumoso no inverno,  
 salvou da lama uma das sandália, mas a outra, contudo, 10  
 deixou lá embaixo, no fundo, presa na correnteza.  
 Ele chegou rápido junto a Pélias, para participar  
 de um festim que o rei oferecia a seu pai Poseidon  
 e aos outros deuses, mas de Hera Pelásgia não se ocupava.  
 Ao vê-lo, de imediato compreendeu e preparou para ele 15  
 uma prova de navegação, cheia de aflições , para que no mar  
 ou entre homens estrangeiros lhe escapasse o regresso.  
 Os aedos de outrora ainda celebram Argos ter  
 construído a nau, segundo os preceitos de Atena<sup>2</sup>.  
 Agora, eu gostaria de narrar a origem e os nomes dos heróis, 20  
 seus longos trajetos pelo mar e tudo o que realizaram  
 em suas errâncias. Que as Musas inspirem meu canto!  
 Primeiro, lembremos de Orfeu, que, um dia, dizem,  
 a própria Calíope engendrou, depois de deitar-se

---

<sup>2</sup> A participação de Atena na construção da nau Argo e sua intervenção favorável na expedição dos Argonautas ilustram, segundo DETIENNE (1974), tradições épicas relativas a uma Atena αἴθυια, “gaiivota do mar”, epíteto diretamente relacionado a *métis* da navegação. A deusa trabalha ativamente durante a construção da nau: ela própria seleciona a madeira (II, 1187-1189), instrui Argos sobre o trabalho a ser feito e estabelece as escoras do navio (I, 723-724). Além disso, é a filha de Zeus a responsável pela escolha e envio do hábil timoneiro, Tifis a Jasão (I, 105-110). Durante a perigosa passagem pelas Rochas Cianéias, Atena exerce um papel crucial, ao afastá-las com as mãos e impulsionar a nau, intervenção esta que possibilitou a travessia segura dos Argonautas (II, 598-614).



com o Trácio Eagro, perto do cume de Pimpléia. 25

Além disso, contam, também que, nas montanhas, duras pedras  
e o curso dos rios encantou com a voz de seus cantos.  
Carvalhos selvagens, sinais, ainda, dessa música,  
crescendo com força sobre a costa trácia de Zona,  
avançam alinhados, em fileiras cerradas: ele os 30  
fez descer, de longe, desde a Piéria, encantados por sua lira.  
Este Orfeu, que era o socorro do Esonida  
em suas provas, obedecendo aos conselhos de Quirão  
acolheu-o, ele que reinava na Piéria Bistônida.  
Chegou, em seguida, Asterião, que Cometes 35  
engendrou, junto às águas do turbulento Apídano,  
em Pirésia, perto do monte Filéio, que ele habitava,  
lá onde o grande Apídano e o divino Enipeu,  
vindos de longe, unem-se, tornando-se um só.  
Após deixar Larissa, chegou até eles Polifemo, 40  
o Ilatida, que, outrora, dentre os fortes Lápitas mais jovens,  
combatia, no tempo em que estes se armavam  
contra os Centauros. Então, já estavam fatigados seus membros,  
mas seu coração permanecia ainda belicoso, como antes.  
Não permaneceu, por muito tempo em Fílaca, Ificlo, 45  
tio materno do Esonida, pois Esão desposou sua irmã,  
Alcímeda, filha de Fílaco; a aliança com ela  
e o parentesco o impeliram a juntar-se à tropa.  
Nem Admeto, que reinava em Feras, rica em ovelhas,  
permaneceu sob o cume do monte Calcodônio. 50  
Não permaneceram em Alope os dois filhos de Hermes,  
Éritos e Equion, ricos em campos de trigo e experientes em ardis;  
quando partiam, chegou até eles o terceiro irmão,  
Etalides. A ele, junto à corrente do Anfrisso,  
a filha de Mirmidão, Eupolémeia de Ftia, pariu; 55  
mas aqueles dois nasceram de Antianira, a filha de Ménetos.  
Tendo deixado a opulenta Girton, chegou Côronos,  
o Cenida, valente, não superava seu pai,

pois os aedos celebram Ceneu ainda vivo, embora tenha sucumbido  
 aos Centauros, quando, só, os perseguiu longe dos outros 60  
 heróis; os Centauros, após se lançarem de novo contra ele,  
 não tiveram força para derrubá-lo nem para matá-lo,  
 mas, indestrutível, inflexível, afundou no seio da terra,  
 golpeado violentamente com troncos de pinheiros enormes.  
 Chegou ainda Mopso Titaresio, a quem, acima de todos, 65  
 o filho de Letô ensinou os presságios das aves.  
 Veio também Eurídamas, filho de Ctímeno: perto do lago Xíncias  
 em Ctímena, país dos Dolopes, ele habitava.  
 Também Actor, de Oponte, o filho Menécio  
 enviou para que se juntasse aos heróis. 70  
 Seguia Eurítion e também o valente Euríbotes,  
 filhos, um de Teléon, outro, de Iros Actórida:  
 De fato, o ilustre Euríbotes era filho de Teléon,  
 e Eurítion, de Iros; um terceiro ia com eles, Oileu,  
 superior em valentia experiente em atacar 75  
 os inimigos por trás, após fazer recuar as falanges.  
 De Eubéia veio Cantos, que, por desejar muito,  
 Canetos, o Abantíada, enviou. Ele não devia  
 regressar a Cerinto: era destino que ele,  
 assim como Mopso, hábil na arte da adivinhação, 80  
 morressem, enquanto erravam, nos confins da Líbia.  
 Assim, não há para os homens mal tão distante de alcançar,  
 quando lhes prestam homenagens póstumas na Líbia,  
 tão longe dos Colcos quanto o espaço de tempo  
 que se vê entre o nascente e o ocaso do sol 85  
 A Cantos se juntaram também Clítios e Ífitos,  
 guardiões da Ecália, filhos do cruel Euritos,  
 de Euritos, a quem o deus que fere ao longe deu o arco; não desfrutou  
 deste presente, pois quis rivalizar com o próprio benfeitor.  
 Chegaram após eles os Eacidas, não ao mesmo tempo 90  
 nem vindos do mesmo lugar, pois, fugindo, estabeleceram-se  
 longe de Egina, após matarem o irmão, Folcos,

por descuido. Telamon habitou a ilha Ática,  
 mas Peleu, afastado do irmão, habitava sua mansão na Ftia.  
 Veio até eles de Cecrópia<sup>3</sup> o belicoso Butes 95  
 filho do bravo Teleonte, e Faleros, de forte lança.  
 Seu pai, Alcon, o enviara: não possuía, no entanto, outros  
 filhos que cuidassem de sua velhice e de sua vida;  
 mas, embora fosse seu filho querido e único,  
 o enviou, para que se distinguisse entre os valentes heróis. 100  
 A Teseu, que se sobressaía entre todos os Erectidas,  
 uma corda invisível o detinha, sob a terra de Tenária,  
 após seguir Pirítoo por um caminho inútil; certamente os dois  
 poderiam tornar mais fácil para todos o fim do esforço.  
 Tifis, o Hagnianida, abandonou o povo Sifeu 105  
 dos Téspios; ele era hábil em prever as ondas revoltas  
 do vasto mar, hábil em prever as tempestades de vento,  
 e em reconhecer o tempo favorável à navegação, pelo sol e uma estrela.  
 A própria Tritônida, Atena, enviou-o ao grupo dos heróis,  
 e ele chegou entre os que aspiravam a isso; 110  
 ela mesma construiu a rápida nau, que Argos,  
 o Arestórida, com sua ajuda executou, seguindo suas ordens.  
 Assim, tornou-se a mais excelente de todas as naus  
 que, sob o movimento dos remos, experimentaram o mar.  
 Fliante chegou também até eles de Aretireia, 115  
 onde habitava, muito rico, graças a Dioniso,  
 seu pai, que tinha seu lar perto das fontes de Asopo.  
 De Argos chegaram ainda Talau e Areio, filhos  
 de Bias, e o valente Leódoco, os quais pariu Pero,  
 a filha de Neleu; por causa dela sofreu uma terrível aflição 120  
 nos estábulos de Íficloo Eólida Melampo  
 Não ouvimos dizer que a força de Hércules,  
 de coração forte, descuidou o desejo do Esonida.  
 Mas, quando ouviu os rumores de que os heróis se reuniam,

---

<sup>3</sup> Atenas

tendo percorrido o caminho da Arcádia a Argos Lirceu – 125  
o caminho pelo qual levava um javali vivo, que pastava nos vales  
de Lampéia, pelo grande pântano Eurimantion –  
a ele, na ágora principal de Micenas, envolto  
em cordas, sacudiu seu largo dorso,  
e, por sua própria vontade, contrário ao pensamento de Euristeu, 130  
partiu. Também ia com ele Hilas, seu nobre companheiro,  
na flor da idade, portador das flechas e guardião do arco.  
Até ele veio, ainda, um descendente do divino Dânao,  
Nauplio: Era filho de Clitoneu Naubólida,  
e Náubolos, por sua vez, era filho de Lerno: Sabemos que Lerno 135  
era filho do Nauplíada Proitos; a jovem Danaide Amimone,  
tendo, outrora, deitado com Poseidon, engendrou  
Nauplio, que entre todos se sobressaía na navegação.  
Idmon chegou, o último daqueles que habitavam  
Argos; assim que conheceu seu destino através das aves, 140  
partiu, para que seu povo não invejasse sua glória.  
Não era, de fato, filho de Abante, mas o próprio  
filho de Letô o engendrou, incluindo-o entre os ilustres  
Eólidias; ele próprio ensinou-lhe os oráculos,  
a observar as aves e a conhecer os presságios do fogo. 145  
Também a Etólida Leda enviou de Esparta o forte  
Polideuces e Castor, perito em cavalos de ligeiros  
pés. No palácio de Tíndaro, ela os pariu,  
filhos queridos, em um único parto; não desprezou  
suas súplicas: planejava para eles algo digno dos rebentos de Zeus. 150  
Os Afaretiadas, Linceu e o violento Idas,  
chegaram de Arene, ambos confiantes em sua grande  
força; Linceu se distinguia por sua visão  
penetrante, se é verdadeira a fama de que esse herói  
enxergava facilmente também sob da terra. 155  
Policlímenos, o filho de Neleu, levantou-se para partir com eles;  
Era o mais velho dos filhos do divino Neleu  
que nasceram em Pilos; Poseidon concedeu-lhe

uma força sem limites e poderia transformar-se,  
 enquanto lutava, no desejasse no tumulto da refrega. 160  
 Também Anfidamante e Cefeu vieram da Arcádia;  
 eles habitavam a Tegéia e o domínio de Afidante,  
 dois filhos de Aleu. Um terceiro os acompanhava,  
 Anceu; seu pai Licurgo o enviou, ele que era  
 o irmão mais velho dos dois heróis. Licurgo, no entanto, que já 165  
 era velho, permaneceu na cidade para cuidar de Aleu,  
 e entregou seu filho como companheiro de seus irmãos.  
 Anceu chegou agitando uma pele de urso de Menália e,  
 em sua mão direita, um grande machado de dois gumes; pois  
 seu avô paterno, Aleu, escondera suas armas no fundo de uma cabana, 170  
 para ver se podia, de algum modo, impedir que ele partisse.  
 Chegou também Augias, que se dizia filho  
 de Hélios; ele reinava entre os homens Eleus,  
 orgulhoso de sua riqueza, e desejava muito ver  
 a terra da Cólquida e o próprio Eetes, chefe dos Colcos. 175  
 Asterio e Anfion, filhos de Hiperasio,  
 chegaram da Aquéia Pelena, que, outrora, Pelen,  
 seu avô paterno, fundou sobre as alturas do Egíalo.  
 Após deixar Tenaro, Eufemo chegou até eles,  
 o mais rápido de todos, que com Poseidon 180  
 a jovem Europa engendrou, a filha do fortíssimo Tício.  
 Este homem corria também sobre as ondas do mar  
 azulado, e sem submergir seus pés ágeis, mas, quando molhava  
 apenas as extremidades, era levado pela rota úmida.  
 Chegaram também dois outros filhos de Poseidon: 185  
 Um, Ergino, após ter abandonado a cidade do admirável  
 Mileto; o outro, o violento Anceu, tendo deixado  
 Partênia, morada de Hera Imbrasia; os dois se orgulhavam  
 de serem conhecedores, tanto da navegação, quanto da guerra.  
 O filho de Oineu, após deixar Cálidon, até eles 190  
 chegou, o valente Meleagro e, com ele, Laoconte;  
 Laoconte era irmão de Oineu, não da mesma mãe,

pois uma serva o pariu. Oineu enviou-o  
a ele que era já velho, para ser preceptor de seu filho.  
Assim, Meleagro, ainda na adolescência, entrava no grupo muito corajoso 195  
de heróis. Eu creio que não chegou nenhum outro  
superior a ele, exceto Hércules, se, permanecendo  
um único ano, ali entre os Etólios, tivesse sido criado.  
E seu tio materno fez com ele o mesmo caminho: hábil  
em lutar com a lança e no combate corpo a corpo, 200  
o filho de Téstios, Íficio, o acompanhou em sua marcha.  
Com ele chegou Palemonio, filho de Lerno de Olenos,  
filho de Lerno por nome, mas de Hefesto por nascimento,  
e, por esta razão, era coxo dos dois pés; mas, ninguém ousaria  
criticar seu porte e sua valentia; assim, ele era contado 205  
entre todos os heróis, acrescentando glória a Jasão.  
Dos Focenses chegou Ífitos, nascido de Náubolos,  
o filho de Órnito; Jasão foi seu hospede, anteriormente,  
quando foi a Pito, para consultar os oráculos  
sobre sua viagem marítima: ali mesmo, em seu palácio, o recebeu. 210  
Zetes, por sua vez, e Calais, os filhos de Bóreas, chegaram,  
os quais, um dia, para Bóreas a filha de Orecteu, Orítia, pariu  
nos confins da Trácia de clima rigoroso; até aí  
o trácio Bóreas levou-a, vindo de Cecropia,  
onde, perto do Ilisso, ela dançava em um coro; 215  
levando-a para longe, a um lugar chamado Rocha  
de Sarpédon, próximo ao curso do rio Ergino,  
subjugou-a, após envolvê-la em nuvens sombrias.  
Os dois, sobre as têmperas e de cada lado dos pés, agitavam,  
ao elevarem-se pelo ar, asas escuras, grande maravilha de se ver, 220  
brilhantes e com penas de ouro; ao redor de suas costas,  
do alto da cabeça e do colo, de um lado e de outro,  
eram agitados pelo vento os negros cabelos.  
Nem Acasto, filho do próprio Pélias, poderoso,  
desejava permanecer no palácio de seu pai, 225  
nem Argos, o servidor da deusa Atena:

também os dois deviam juntar-se à tropa de heróis.

Todos estes se reuniram como auxiliares do Esonida.

A estes heróis, a todos, os povos vizinhos chamam

de Míncias, pois a maior parte e os melhores 230

orgulhavam-se de ser do sangue das filhas

de Míncias: Assim, ao próprio Jasão, engendrou-o

sua mãe Alcímeda, nascida de Clímena, filha de Míncias.

Depois que, pelos escravos, foram preparadas todas as coisas

com as quais se equipam o interior das naus providas de remos, 235

quando a necessidade leva os homens a navegar sobre o mar,

então, iam até a nau, pela cidade, onde a Costa

é chamada de Págasas de Magnésia. Uma multidão do povo

corria em redor dos heróis, que se afastavam rapidamente:

eles se distinguiam como estrelas brilhantes no meio de nuvens. 240

Assim, cada um dizia, ao vê-los se apressarem com suas armas:

“Zeus soberano, qual o pensamento de Pélias? A que lugar

fora da terra da Acaia ele envia tão numerosa tropa de heróis?

No mesmo dia, poderiam incendiar com fogo destruidor o palácio

de Eetes, se ele não lhes entregassem, de bom grado, o velocino. 245

Mas não se pode evitar esta viagem, esforço impossível para os que seguem.”

Assim diziam, aqui e lá, pela cidade. As mulheres levantavam

muitas vezes as mãos ao céu para os imortais, rogando

que concedessem o termo do regresso, prazeroso;

lamentavam-se uma para outra, chorando: 250

“Infeliz Alcímeda, também para ti, ainda que tarde,

o mal chegou, e não alcançaste o termo no esplendor da vida.

E Esão, também, é muito desgraçado. Certamente, seria melhor

para ele se, no passado, após ser envolvido em faixas fúnebres,

jazesse no fundo da terra, ainda ignorante das provas funestas. 255

Uma negra onda deveria ter tragado Frixo, junto com o carneiro,

quando a virgem Hele morreu; mas o monstro funesto

deixou escapar uma voz humana, para, mais tarde,

causar a Alcímeda inúmeras dores e sofrimentos.”

Assim elas falavam, enquanto os heróis iam para o porto. 260

Já muitos servos e servas se reuniram  
e a mãe de Jasão, que o abraçava; uma dor aguda  
penetrava em cada uma; com eles, o pai, que, sob a funesta velhice,  
enrolado em suas roupas, gemia.

Jasão, todavia, apaziguava o sofrimento deles, 265  
animando-os; ordenou a seus servos que trouxessem suas armas  
de guerra; eles, de olhos baixos e em silêncio, trouxeram-nas.  
Mas a mãe que, primeiro, tinha envolvido com seus braços o filho,  
assim o detinha, chorando abundantemente, como uma menina que,  
totalmente só, chora, ao abraçar com alegria sua ama 270  
grisalha, para a qual já não há outros que possam cuidar dela,  
mas, sob as ordens da madrasta, leva uma vida penosa.  
Ela, recentemente, maltratou-a com muitos insultos,  
e, ao lamentar-se, seu coração, atado por dentro pela desgraça,  
não pode deixar escapar tantos gemidos quanto ela deseja. 275  
Assim chorava abundantemente, com o filho nos braços,  
Alcímeda e, em sua aflição, diz estas palavras:  
“Que agradasse aos deuses que, naquele dia, quando eu, infeliz,  
ouvi o rei Pélias dizer a ordem funesta,  
imediatamente perdesse a vida e esquecesse meus sofrimentos, 280  
para que tu me enterrasses com tuas mãos queridas,  
meu filho: este era o único desejo que ainda esperava  
de ti; todas as outras recompensas de meus cuidados desfruto há muito tempo.  
Agora, eu, a outrora admirada entre as Aquéias  
será abandonada no palácio vazio como uma escrava, 285  
muito infeliz, a consumir-se de saudade de ti, por quem  
antes, eu tinha muita alegria e honra, por quem  
desatei minha cintura pela primeira e última vez: a deusa  
Ilítia impediu-me absolutamente de ter muitos filhos.  
Oh! Que infelicidade a minha! Jamais imaginei, 290  
nem em sonho, que Frixo, em sua fuga, se tornaria meu mal.”  
Assim ela se lamentava em gemidos; as mulheres  
choravam sem parar ao seu lado. Então Jasão,  
consolando-a com doces palavras, diz:



“Não te deixes tomar, mãe, assim, em excesso, 295  
 por aflições dolorosas, pois com lágrimas não afastarás  
 essa infelicidade, mas acrescentaria mais dores a teus sofrimentos.  
 Os deuses distribuem aos mortais males desconhecidos;  
 embora atormentada em teu coração, resigna-te  
 a suportar tua parte ; confia no favor de Atena 300  
 e nos oráculos dos deuses, pois Febo anunciou uma resposta  
 muito favorável; confia também na ajuda dos heróis.  
 Mas tu, agora, permanece tranqüila aqui no palácio  
 com as servas, não sejas uma ave inconveniente para o navio;  
 até ali me acompanharão, em minha marcha, parentes e servos.” 305  
 Ele disse assim, e deixou a casa para partir.  
 Tal como Apolo sai de seu templo perfumado  
 na sagrada Delos, ou em Claros, ou em Pito,  
 ou na vasta Lícia, junto às correntes do Xanto,  
 assim Jasão marchava pela multidão do povo; 310  
 um grito se elevou, enquanto todos, ao mesmo tempo, o animavam.  
 Até ele veio a velha Ifias, sacerdotisa de Ártemis, protetora da cidade,  
 e beijou-lhe a mão direita. Todavia, nada pôde dizer,  
 embora desejasse, porque a multidão corria;  
 ela permaneceu ali, à parte, como uma velha abandonada 315  
 pelos mais jovens; e ele, arrastado para muito longe, afastou-se.  
 Mas, quando ele deixou as ruas bem construídas da cidade,  
 chegou até a Costa de Págasas, onde seus companheiros  
 o receberam, esperando todos juntos, perto da nau Argos.  
 Ele permaneceu ali, no porto; seus companheiros reuniram-se diante dele 320  
 Eles viram Acasto e Argos, que desciam  
 correndo da cidade, e ficaram admirados ao vê-los  
 correr com todo ímpeto, contra a vontade de Pélias.  
 Um, Argos Arestórida, cobria os ombros com uma pele de touro  
 de pelos negros, que caía até os pés; o outro, por sua vez, 325  
 com uma bela manta dupla, que sua irmã Pelopeia lhe presenteara.  
 Jasão, todavia, absteve-se de fazer perguntas aos dois,  
 e mandou-os sentar reunidos em assembleia.

Ali mesmo, sobre as velas enroladas e sobre o mastro  
estendido, todos se sentaram, um ao lado do outro. 330

Então, o prudente filho de Esão disse-lhes:

“Tudo o que é necessário para equipar uma nau parece  
estar convenientemente bem preparado para a partida.

Então, por isso, não poderíamos adiar por mais tempo,  
nossa navegação, uma vez que soprarem ventos favoráveis. 335

Vamos, amigos, pois será, em conjunto, mais tarde, o regresso para a Hélade,  
e em conjunto será a viagem até o palácio de Eetes.

Por isso, agora, sem fazerdes caso, escolhei o melhor  
dentre vós como chefe: aquele que possa de tudo  
cuidar, não só das lutas, mas também dos pactos os estrangeiros.” 340

Assim disse. Os jovens olharam para o valente Hércules,  
sentado no meio; em um só grito, todos lhe pediam  
que se manifestasse; ele, do lugar onde estava sentado,  
levantou a mão direita e disse:

“Que ninguém me conceda esta glória, pois eu não me deixarei  
persuadir, assim como impedirei um outro de levantar-se. 345

Que aquele que nos reuniu também comande nosso grupo.”

Assim disse, muito orgulhoso. Concordaram com o que ordenara  
Hércules. Então, o próprio Jasão belicoso levantou-se,  
alegre, e disse aos que desejavam ouvi-lo: 350

“Se concedeis a mim a honra de cuidar de vós,  
então, que nada impeça, como antes, a viagem.

E agora, depois de agradarmos a Febo com sacrifícios,  
preparemos, imediatamente, os banquetes. Até que cheguem  
meus escravos, guias dos estábulos, aqueles que cuidam de 355

conduzir até aqui os bois bem escolhidos do rebanho,  
poderíamos, então, lançar a nau no mar e, depois de dispor  
todos os equipamentos, sortear os remos, pelos bancos.

Enquanto isso, então, um altar, na praia, erijamos  
a Apolo, deus dos embarques, que, por um oráculo, prometeu-me 360  
mostrar e indicar os caminhos do mar, se com sacrifícios  
a ele eu começasse a trabalhar para o rei.”.

Assim disse, e foi o primeiro a voltar ao trabalho. Os outros se levantaram,  
convencidos; amontoaram suas vestes grossas ao longe,  
sobre uma pedra lisa, que o mar não alcança 365  
com suas ondas, e que, outrora, o mar tempestuoso lavara.  
A nau, por conselho de Argos, fortemente  
amarraram , de início, por dentro, com um cabo bem torcido,  
estendendo-o de cada lado, para que as vigas fossem bem ajustadas  
pelas cavilhas e pudessem resistir à violência das vagas. 370  
Cavaram, logo, em largura, o espaço igual ao  
que a nau ocupava e, da proa até o interior do mar,  
quanto deveria percorrer, arrastada por seus braços;  
cada vez que cavavam mais fundo, mais longe ficavam  
da roda da proa. No sulco, estenderam troncos polidos; 375  
inclinaram a nau para baixo sobre os primeiros troncos,  
para que fosse levada a deslizar através deles.  
Então, acima, de um lado e do outro, tendo agitado os remos,  
e deixando-os avançar um côvado, amarraram-nos em torno das cavilhas;  
e eles mesmos se colocaram, alternadamente, dos dois lados 380  
e estenderam, ao mesmo tempo, peitos e braços. Tifis, então,  
embarcou, para exortar os jovens a arrastar a nau no momento oportuno;  
para estimulá-los, gritou com toda sua força. Em seguida, inclinaram  
a nau com força, afastando-a com um só impulso  
do fundo de sua base. Moveram-se rápido, 385  
forçando-a a avançar: Argo do Pélion seguiu muito rapidamente;  
eles, de um lado e de outro, gritavam enquanto empurravam.  
Os troncos, friccionados sob a quilha robusta, gemiam;  
ao redor deles, uma fumaça negra levantava-se por causa do peso.  
A nau deslizou para dentro do mar; eles, em seguida, 390  
puxando-a para trás, impediam-na de ir mais adiante.  
Dispuseram os remos nas cavilhas pelos dois lados, e colocaram  
o mastro, as velas bem trabalhadas e os víveres.  
Mas, depois de preparar, com habilidade, cada uma dessas coisas,  
primeiro, repartiram, por sorteio, os bancos, 395  
ocupando um só banco dois homens. O banco do meio, no entanto,

reservaram para Heracles, e, excluindo os outros heróis,  
para Anceu, que habitava a cidade de Tegéia:  
para eles, únicos, deixaram o banco do meio,  
assim, sem sorteio. Com a aprovação de todos, encarregaram 400  
Tifis de cuidar do timão da nau de bela quilha.  
Em seguida, movendo umas pedras de perto do mar,  
elevaram ali mesmo, na beira do mar, um altar a Apolo.  
denominado Protetor da Costa e do embarque. Rapidamente,  
estenderam por cima troncos de oliveira seca. 405  
Enquanto isso, os vaqueiros do Esonida chegaram até ele,  
trazendo dois bois do rebanho. Os mais jovens dos companheiros  
arrastaram-nos para perto do altar; os outros, em seguida,  
ofereceram a água lustral e os grãos de cevada. Em seguida, Jasão  
faz uma prece, invocando Apolo, deus de seus pais: 410  
“Escuta, senhor, que habitas Págasas e a cidade de Esão  
que leva o nome de nosso pai, tu que me prometeste,  
ao consultar teu oráculo em Delfos, mostrar a realização e o fim  
de minha viagem, pois tu és o motivador dos meus trabalhos.  
Agora, tu mesmo guia a nau com meus companheiros sãos e salvos 415  
até lá e de volta à Hélade. Mais tarde, para ti, ofereceremos  
uma vez mais, sobre o altar, sacrifícios magníficos de  
tantos touros quantos forem os que regressarmos. E, tanto em Delfos,  
quanto em Ortígia, levarei infinitos dons.  
Agora vem, Deus que dispara ao longe, e aceita nosso sacrifício, 420  
que a ti oferecemos como primeiro sinal de gratidão pelo embarque  
desta nau. Que eu desate, senhor, para um destino favorável  
as amarras, segundo a tua vontade; e que sobre um vento  
agradável, com o qual poderemos ir pelo mar com tranqüilidade”.  
Disse e, durante a súplica, lançou os grãos de cevada. Junto aos bois 425  
cingiram-se os dois: o muito forte Anceu e Héracles.  
Este, com a clava, golpeou o boi no meio da cabeça, na frente;  
o animal, caindo ali mesmo como uma massa, apoiou-se na terra.  
Já Anceu, depois de cortar o longo colo do outro  
com um machado de bronze, destrinchou os fortes músculos; 430

o animal tombou, caindo sobre ambos os chifres.

Os companheiros degolaram rapidamente os bois e arrancaram suas peles,

cortavam, despedaçavam e separavam as coxas sagradas;

em conjunto, depois de cobrirem todas as partes com gordura espessa,

queimaram-nas sobre um pedaço de madeira. O Esonida derramava as libações 435

de vinho puro. Idmon alegrava-se ao contemplar o fogo

dos sacrifícios que brilhava por todos os lados e a fumaça

de bom presságio que se elevava em espirais sombrios.

Em seguida, despreocupadamente, expressou o desígnio do filho de Letô:

“O destino que os deuses reservaram para vós é retornar aqui 440

trazendo o velocino; porém, neste intervalo, até lá e

durante o regresso, os trabalhos são inumeráveis.

Mas, para mim foi decidido por decisão terrível de uma divindade

morrer longe daqui, em alguma parte do continente asiático.

Assim, sabendo já, desde antes, pelas aves funestas 445

a minha sorte, deixei minha pátria para embarcar

na nau, e graças a esse embarque, a glória permanece em minha casa”

Assim disse, e os jovens, ao ouvirem estas profecias,

alegraram-se com o regresso; mas o pesar os surpreendeu pelo destino de Idmón.

Quando o sol ultrapassa o momento pleno do dia, 450

e os campos começam a ser cobertos de sombra pelos penhascos,

quando o sol baixa sob a escuridão da noite,

todos, então, depois de espalhar sobre a areia

folhagem espessa, deitaram-se, lado a lado, ao longo

da margem espumosa; ao lado deles estavam depositados alimentos 455

incontáveis e vinho delicioso, que era servido em jarros

pelos escanções. Depois, eles conversavam uns com os outros,

alternadamente, tal qual os jovens, alegremente, durante a refeição e o vinho,

costumam entreter-se, quando a funesta desmedida está ausente.

Mas, então, o Esonida, impotente, dentro de si, pensava 460

em cada coisa, como um homem triste.

Idas, ao vê-lo, repreendeu-o com uma forte voz:

“Esonida, qual é este ardil que tramas em teu espírito?

anuncia diante de nós teu pensamento. Ou te domina

o medo, que se aproxima, o que assusta os homens covardes? 465  
 Sabe, agora, por minha lança impetuosa, com a qual alcancei  
 glória maior nos combates – nem Zeus me acrescenta  
 tanto quanto minha lança – nenhum sofrimento  
 será funesto e nenhuma prova será inútil,  
 enquanto Idas te seguir, mesmo se um deus te enfrentar: 470  
 Tal o protetor que tu trazes de Arene.”  
 Disse, e segurando com ambas as mãos uma taça cheia,  
 bebia o delicioso vinho sem mistura, molhando com ele  
 os lábios e a barba negra. Todos eles, ao mesmo tempo,  
 criaram tumulto, e Idmon, publicamente, disse-lhe: 475  
 “Insensato! Há muito tempo tramas em tua mente coisas funestas ou,  
 para tua desgraça, o vinho puro enche no peito  
 teu coração insolente, e te leva a desonrar os deuses?  
 Há outras palavras de consolo com as quais um homem pode  
 encorajar um companheiro; mas tu falaste com orgulho insensato. 480  
 Dizem que os filhos de Aloeu proferiram, outrora, injurias como estas  
 contra os imortais, aos quais não te igualas em valentia.  
 Contudo, ambos foram mortos pelas rápidas flechas  
 do filho de Letô, embora fossem fortes.”  
 Assim disse. Mas Idas, filho de Afareu, riu copiosamente 485  
 e, apertando os olhos, respondeu-lhe com insultos:  
 “Vamos! Dizes, entao, através de tuas profecias,  
 se para mim os deuses reservam uma morte  
 tal qual a que teu pai deu aos filhos de Aloeu,  
 mas considera como tu poderás escapar ileso de minhas mãos, 490  
 se fores surpreendido a proferir profecias vãs.”  
 Idas se irritava, enquanto o afrontava. Um pouco mais, a disputa teria surgido,  
 se os companheiros, tendo interpelado com gritos os que se injuriavam,  
 e o próprio Esonida, não os detivessem. Então, Orfeu,  
 levantando a cítara com a mão esquerda, experimentou cantar. 495  
 Cantava como a terra, o céu e o mar,  
 antes unidos entre si em uma única forma,  
 foram separados, por causa de uma funesta discórdia;

e como têm um limite sempre estável no éter  
as estrelas e os percursos da lua e do sol; 500  
e como as montanhas surgiram, e como os rios sonoros  
com sua Ninfas e todas as bestas nasceram.  
Cantava, também, como, no princípio, Ofion e Eurínome, a filha do Oceano<sup>4</sup>,  
possuíam a soberania do Olimpo nevoento;  
e como, pela força e pelos braços, um cedeu sua honra a Cronos, 505  
a outra a Réia, e caíram nas ondas do Oceano;  
eles reinaram, todo o tempo, sobre os Titãs, deuses bem-aventurados,  
enquanto Zeus, ainda jovem, tendo ainda em sua mente idéias infantis,  
habitava no fundo da gruta de Dicte; os Ciclopes,  
nascidos da terra, ainda não o tinham tornado senhor do raio, 510  
com o trono e com o relâmpago: são eles que conferem glória a Zeus.  
Disse; e cessou o phorminx e sua voz divina.  
Após ter terminado o cantar, todos juntos ainda esticavam  
com força suas cabeças, com ouvidos atentos, tranquilos  
pelo encanto, tal era o encantamento do canto que ele lhes deixou. 515  
Um pouco depois, após terem misturado as libações para Zeus,  
segundo o costume, eles, de pé, derramaram-nas sobre as línguas  
que queimavam e, durante a noite, ocuparam-se do sono.  
Mas, quando a brilhante Aurora com seus olhos luminosos  
contemplou os cumes elevados do Pélion, e os tranquilos 520  
promontórios eram banhados pelo mar agitado pelo vento,  
Tifis, então despertou. Rápido, ele estimula os companheiros  
a embarcar na nau e a dispor os remos.  
Terrivelmente ressoavam o porto de Págasas e a própria  
Argo do Pélion, impulsionando-os a partir: 525  
Dentro da nau estava estendida uma viga divina, de um carvalho  
de Dodona, que Atena ajustou no meio da roda da proa.  
Os heróis, tendo-se dirigido a seus bancos, um após o outro,  
como foram, antes, divididos para remar,  
sentaram-se, de forma ordenada, cada um no seu lugar, ao lado das armas. 530

<sup>4</sup> Nota-se, neste verso, a repetição do sintagma ἦειδεν δ' ὡς, também presente no verso 496, o que caracteriza a anáfora.

No meio, sentaram-se Anceu e a grande força  
 de Hércules; perto de si depositou sua clava e, sob seus  
 pés, afundou a quilha da nau. Soltaram, já,  
 as amarras e derramaram vinho sobre o mar; mas Jasão,  
 em lágrimas, desviou os olhos de sua terra natal. 535

Eles, como jovens que, tendo formado um coro a Febo, em Pitô,  
 ou em Ortígia, ou próximo às águas  
 de Ismeno , ao som do phorminx, em torno do altar  
 batem no chão com os pés rápidos, juntos e harmoniosamente,  
 assim os heróis, ao som da cítara de Orfeu, batiam com os remos 540  
 na água do mar impetuoso, e ondas barulhentas se chocavam contra a nau.  
 A água negra do mar corria espumante de um lado a outro,  
 ribombando terrível sob o vigor destes homens muito fortes.  
 Enquanto a nau partia, as armas brilhavam sob o sol,  
 como uma chama; a longa rota tornava-se branca, sem cessar, 545  
 como um caminho que se distingue de uma verde planície.  
 Todos os deuses, naquele dia, olhavam do alto do céu  
 a nau e a raça de semideuses, os melhores que, naquele tempo,  
 navegaram pelo mar. Nos cumes mais elevados,  
 as Ninfas do Pélion contemplavam estupefatas 550  
 o trabalho de Atena Itonida e os próprios  
 heróis, que agitavam os remos com as mãos.  
 Veio do alto de uma montanha próxima ao mar  
 Quirão, filho de Filira; ele molhou os pés na arrebenção  
 branca das ondas e, sacudindo muito sua mão poderosa, 555  
 desejou um regresso feliz aos que partiam;  
 com ele estava a esposa que, carregando nos braços  
 Aquiles Pelida, mostrava-o ao pai querido.  
 Quando deixaram a costa circular do porto,  
 graças à sabedoria e à prudência do hábil Tifis, 560  
 o Hagniada, que com destreza segurava em suas mãos  
 o timão bem polido, para que dirigisse a nau com firmeza,  
 depositaram, então, o grande mastro na viga transversal da nau,  
 e fixaram-no nas escoras que haviam estendido de cada lado.



Largaram as velas no mastro, após içá-las até a parte mais alta; 565  
soprou nelas um vento favorável, de som penetrante; e após terem enrolado,  
separadamente, sobre o assoalho, os cabos nas cavilhas polidas,  
percorreram tranquilos o longo cabo Tiseu.

Tocando para eles o phorminx, o filho de Eagro celebrava com um canto  
harmonioso a protetora das naus, filha de um pai ilustre, 570  
Ártemis, que velava sobre aquelas montanhas do mar,  
e protegia também a terra de Iolcos. Os peixes,  
atirando-se do fundo do mar, os grandes junto aos  
pequenos, seguiam as rotas molhada, saltando.

Como quando, do campo, inúmeras ovelhas, já bem saciadas 575  
de ervas, seguem os rastros de seu condutor  
para o estábulo, ele vai na frente, tocando com sua flauta  
harmoniosa uma bela melodia pastoril; assim, também, os peixes  
acompanhavam a nau: um vento forte empurrava-a continuamente.

Logo, a terra longínqua dos Pelasgos, rica em campos de trigo, 580  
desaparecia; e eles passaram pelos cumes escarpados do Pélion,  
seguindo sempre adiante; o cabo de Sépia desapareceu também e  
Esciato surgiu no mar; surgiram ao longe  
Pirésias e, sob o sol sereno, a costa da Magnésia  
continental, assim como a tumba de Dólope. Ali, 585  
durante a noite, eles abordaram, por causa dos ventos contrários;  
em honra a Dólope, ao crepúsculo, eles sacrificaram ovelhas,  
enquanto o mar era sacudido pelas ondas. Por dois dias  
permaneceram ociosos na costa. No terceiro, lançaram no mar  
a nau, tendo estendido no alto a enorme vela. 590  
Chamam ainda esta costa de Afetas de Argo.

[Dali seguiram adiante por Melibéia,  
contemplando a costa e o litoral batido por ventos violentos.]  
Desde a Aurora, avistando, logo, Homola, situada  
sobre o mar, costearam-na; pouco tempo depois, 595  
estavam a ponto de ultrapassar as correntes do rio Amiro.  
Dali eles avistaram Euriménas e as falésias, batidas  
por ondas, do Ossa e do Olimpo. Em seguida,

alcançaram, durante a noite, as colinas de Palena,  
 além do cabo de Canastron, empurrados pelo sopro do vento. 600  
 Pela manhã, enquanto navegavam, surgiu a montanha Trácia  
 Athos que, embora Lemnos seja tão longe quanto a distância  
 que um navio bem equipado pode percorrer até o meio-dia,  
 com a sombra de seu cume mais alto, encobre até Mirina.  
 Naquele dia, até o crepúsculo, um vento favorável soprou-lhes 605  
 com muita força, e esticou as velas da nau.  
 Mas, após o vento deixá-los, junto com os raios do sol,  
 chegaram, remando, à rochosa Lemnos dos Síntios.  
 Ali, toda a população masculina, ao mesmo tempo, tinha sido morta,  
 sem piedade, pela ação criminal das mulheres, no ano anterior. 610  
 De fato, os homens, odiando suas mulheres legítimas,  
 repudiaram-nas; porém sentiam um amor violento  
 pelas cativas, que eles mesmos traziam do outro lado,  
 ao saquearem a Trácia: foi quando a cólera terrível de Cípris  
 os perseguia, porque durante muito tempo, não a honraram com oferendas. 615  
 Oh! infelizes! Lamentavelmente insaciáveis de ciúme,  
 não mataram somente seus maridos junto com elas  
 no leito, mas também toda a raça masculina, para que, no futuro,  
 não pagassem a pena pela matança deplorável.  
 Só entre todas, Hipsípila, a filha de Thoante, poupou 620  
 seu velho pai, que reinava sobre aquele povo:  
 lançou-o sobre o mar, em um cofre vazio, para ser levado  
 e ver se podia escapar. Pescadores arrastaram-no para a ilha  
 antes chamada Enéia e , mais tarde, Sicino,  
 por causa de Sicino, que a Náiade Enéia, 625  
 a Ninfa, engendrou, após ter-se deitado com Thoante.  
 Para todas elas, cuidar dos rebanhos de bois, vestir  
 armaduras de bronze e lavrar os campos de trigo  
 era mais fácil que os trabalhos de Atena,  
 aos quais, antes, sempre se dedicavam. No entanto, 630  
 com frequência olhavam fixamente para o mar vasto,  
 com um medo terrível, quando os Trácios chegassem.

Por isso, quando viram Argo perto da ilha, empurrada pela força dos remos,  
 logo, após vestirem suas armaduras mortais, correram,  
 com todo ímpeto, das portas de Mirina até a praia, 635  
 semelhante as Bacantes, comedoras de carne crua: diziam que, talvez,  
 os Trácios tivessem chegado. Com elas, a filha de Thoante, Hipsípila,  
 vestiu-se com as armas de seu pai. Indecisas, corriam  
 em silêncio, tal era o temor que pairava sobre elas.  
 Enquanto isso, os heróis enviaram da nau 640  
 Etálida, o ágil mensageiro, a quem encarregaram  
 de cuidar das mensagens e do cetro de Hermes,  
 seu pai, que lhe havia dado uma memória imperecível.  
 Nem mesmo agora, que partiu para os redemoinhos  
 terríveis do Aqueronte, o esquecimento invadiu sua alma. 645  
 Mas o destino determinou que ela alternasse sempre,  
 ora entre aqueles que habitam sob a terra, ora, voltando ao brilho  
 do sol, entre os homens vivos. Mas por que é necessário  
 que eu conte, em detalhe, os mitos de Etálida?  
 Foi ele que, então, persuadiu Hipsípila a acolher os que chegaram 650  
 quando o dia terminava, durante a noite. Porém, ao amanhecer,  
 não soltaram as amarras da nau, por causa dos sopros do Bóreas.  
 As mulheres de Lemnos, que vinham pela cidade, sentaram-se  
 na assembleia, pois a própria Hipsípila havia ordenado.  
 E, quando todas, em multidão, estavam reunidas, 655  
 no meio delas, imediatamente, exortando-as, disse:  
 “Amigas, vamos! Ofereçamos presentes agradáveis  
 a estes homens, os quais convém receber e levar para a nau,  
 víveres e vinho delicioso, para que permaneçam sempre fora  
 das torres, e que, por necessidade, constrangidos a vir até nós, 660  
 não descubram tudo com exatidão, e que não chegue muito longe um funesto  
 rumor, pois cometemos uma ação grave; isso não será,  
 de maneira alguma, agradável a eles, se vierem a saber.  
 Tal é o ardil que agora veio a nossa mente.  
 Mas, se dentre vós, alguma outra pensar em um conselho melhor, 665  
 que se levante, pois também por isso as chamei até aqui.”

Assim disse, e sentou-se sobre o assento de pedra de seu pai. Em seguida, sua querida ama Polyxo levantou-se, coxeando sobre os pés deformados pela velhice, apoiando-se em um bastão, desejava muito falar: 670  
perto dela estavam sentadas quatro virgens não casadas, cobertas de cabeleira branca. Ela se levantou no meio da assembleia; com dificuldade ergueu um pouco o colo sobre a espádua encurvada e disse assim: 675  
“Os presentes, como agrada à própria Hipsípila, enviemos aos estrangeiros, pois é melhor entregá-los. Mas que plano vós tendes para assegurar subsistência, se um exército Trácio cair sobre vós, ou algum dos outros inimigos? Pois, muitas vezes, isto acontece entre os homens, como também agora este grupo chega de improviso. 680  
E se algum dos bem-aventurados afastar esses males, no futuro, outros, infinitos e maiores que a guerra, vos esperam. Quando as mulheres velhas perecerem, e vós, as mais jovens, sem filhos, alcançardes a odiosa velhice, de que maneira, então, sobreviveréis, desgraçadas? Ou, por si mesmos, 685  
os bois, atrelados juntos, nos campos profundos arrastarão para vós pelo alqueire o arado que fende a terra, e, logo, quando o ano cumprir sua evolução, colherão as espigas? Quanto a mim, mesmo se, ainda, as Keres me tenham horror, eu creio que, provavelmente, já no ano próximo, 690  
a terra me cobrirá, após ter eu recebido minha parte de honras fúnebres, como é costume, antes que se aproxime este infortúnio. Às mais jovens eu aconselho pensar muito bem nisto, pois agora um meio de defesa eficaz está ante vossos pés, se confiardes vossas casas, e todos os vossos bens 695  
e a ilustre cidade aos cuidados dos estrangeiros.” Assim disse; a assembleia encheu-se de ruídos, pois o discurso agradou-lhes. Após ela, logo, levantou-se, de novo, Hipsípila e, em resposta, disse estas palavras: 700  
“ Se este plano agrada a todas vós,

eu enviarei, agora mesmo, uma mensageira até a nau.”

Disse, e dirigiu a palavra a Ifínoe, que estava mais perto:

Levanta, Ifínoe, vá rogar a este homem que conduz

a expedição, seja ele quem for, a vir até nós,

para que eu lhe diga uma palavra do povo, que lhe alegrará.

705

convida-os também, se quiserem, a entrar

nesta terra e nesta cidade, com confiança e doçura.”

Disse, e desfez a assembleia. Em seguida, levantou-se para ir a sua casa.

Deste modo, também Ifínoe chegou até os Míncias; eles indagaram

com que interesse ela chegou até ali; pronta e impetuosamente,

710

dirigiu-se aos que perguntavam com estas palavras:

“A filha de Thoante, Hipsípila, enviou-me até aqui

para que eu convocasse o chefe da nau, seja ele quem for,

para que ela lhe diga uma palavra do povo, que lhe alegrará.

Vós outros, ela convida a entrar, se quiserdes

715

imediatamente, nesta terra e nesta cidade, com doçura.”

Assim disse, e o discurso de bom agouro agradou a todos.

Pensavam que, com a morte de Thoante, Hipsípila,

a filha querida, passava a reinar. Prontamente,

enviaram Jasão, e eles mesmos se prepararam para partir.

720

Ele prendeu, em volta dos ombros, uma manta dupla púrpura,

obra da deusa Itônida, que Palas lhe tinha dado,

quando, no princípio, colocava as escoras de madeira

da nau Argo e aprendia a medir seus bancos com réguas.

Seria mais fácil dirigir os dois olhos para o sol

725

nascente que contemplar aquela vermelhidão,

poiso centro era vermelho,

mas as bordas eram completamente purpúreas.

Em cada ponta, muitas figuras haviam sido bordadas, com arte.

Estavam ali os Ciclopes, dedicados a seu trabalho eterno,

730

forjando o raio para Zeus soberano; ele já era,

quase todo brilhante, faltava apenas um único

relâmpago, que eles esticavam com martelos

de ferro, sopro fervente do fogo impetuoso.

Estavam também os dois filhos de Antíope, filha de Asopo, 735  
 Anfíon e Zeto. Tebas estava perto, ainda sem torres;  
 eles haviam lançado, há pouco, suas fundações,  
 cheios de desejo. Zeto levava no ombro o cume  
 de uma alta montanha, semelhante a um sofredor;  
 Anfíon, produzindo um som harmonioso com sua lira de ouro, 740  
 ia atrás dele, e uma pedra duas vezes maior seguia seus passos.

Em seguida, estava representada a deusa Citeréia, de espessas tranças,  
 portando firmeo ágil escudo de Ares. De seu ombro,  
 o laço da túnica tinha deslizado sobre o cotovelo esquerdo,  
 passando abaixo do seio; e assim, de frente, 745  
 sua imagem exata aparecia visível no escudo de bronze.

Havia ali também um pasto de bois de erva abundante; por causa deles  
 os Teléboes e os filhos de Eléctrion combatiam.  
 Estes defendendo-se, mas aqueles, piratas de Tafos,  
 querendo despojá-los; o prado, coberto de vermelho, era regado 750  
 com o sangue deles, e muitos saqueavam os poucos pastores.

Havia também dois carros de guerra que combatiam.  
 Pélops, agitando as rédeas, conduzia o que estava  
 na frente, a seu lado, estava Hipodamia.  
 Após ele, perseguindo-o, Mirtilo conduzia seus cavalos; 755  
 estava com ele Enomao, que levava na mão a lança estendida para frente;  
 e, ao romper-se o eixo nos cubos de roda, desviando-se para o outro lado,  
 caía, quando avançava para transpassar as costas de Pélops.

Estava representado também Febo Apolo, um rapaz,  
 ainda não muito grande, lançando uma flecha contra o grande Tício 760  
 que, resolutamente, tirava o véu de sua mãe, e que a divina Elara  
 engendrou, mas que Gaia alimentou e novamente pariu.

Também estava ali Frixo, o Miniano, como se estivesse, verdadeiramente,  
 ouvindo o carneiro, e este, semelhante a quem fala.  
 Ao vê-los, ficarias em silêncio e poderias enganar teu coração 765  
 na esperança de ouvir deles alguma palavra sensata;  
 e, durante a espera, poderias contemplá-los por muito tempo.  
 Tais eram os presentes da deusa Itônida, Atena.

Jasão tomou em sua mão direita a lança, que fere de longe. Atalante,  
 outrora, no Menalo, lhe oferecera como presente de hospitalidade, 770  
 indo ao seu encontro cheia de boa vontade; desejava muito segui-lo  
 na viagem, mas ele, voluntariamente, detinha a jovem,  
 pois teve medo das terríveis discórdias causadas pelo amor.  
 Jasão saiu em direção à cidade, semelhante a uma estrela brilhante  
 que, encerradas em seus novos cobertores, as recém-casadas , 775  
 veem elevar-se por cima de suas casas,  
 e seus olhos se encantam com sua bela vermelhidão,  
 através do ar obscuro; alegra-se a virgem,  
 desejosa do jovem que vive entre homens  
 estrangeiros, para quem seus pais a reservaram como noiva. 780  
 Semelhante a esta estrela, o herói seguia os passos da mensageira e,  
 Quando, então, ultrapassaram as portas da cidade,  
 as mulheres do povo, atrás dele, se empurravam,  
 alegres com o estrangeiro; ele, de olhos fixos na terra,  
 seguia despreocupadamente, até chegar ao esplêndido palácio 785  
 de Hipsípila. Quando apareceu, as servas abriram as portas  
 de duplo batente, ajustadas por tábuas bem construídas.  
 Então, Ifínoe, impetuosamente, conduzindo-o  
 pelo belo vestíbulo, o fez assentar em um assento todo brilhante,  
 em frente a sua senhora. Ela, inclinando os dois olhos, 790  
 fez corar as bochechas virginais. No entanto, embora  
 envergonhada, a ele se dirige com palavras sedutoras:  
 “Estrangeiro, por que permaneceste assim, esperando por muito tempo,  
 fora dos muros? Pois esta cidade não está habitada por homens,  
 mas estes, recém chegados à terra da Trácia, 795  
 lavram os campos de trigo. Todos os nossos males  
 vou contar com sinceridade, para que vós também os conheçais bem.  
 Quando Thoante, meu pai, reinava sobre os cidadãos,  
 o exército do nosso povo, saindo das naus, saqueavam  
 as moradas dos habitantes da Trácia, em nossa presença, 800  
 e traziam até aqui um imenso botim, com jovens  
 mulheres. Cumpria-se a cólera de uma deusa funesta,

de Cípris, que lançou sobre eles uma cegueira mortal:

Eles odiavam suas esposas legítimas e, de suas casas,  
cedendo à loucura, expulsavam as mulheres, 805  
mas dormiam com suas cativas, presas de guerra.

Infelizes! Em verdade, suportamos por muito tempo, para ver  
se, um dia, mais tarde, mudariam de ideia; mas, sem cessar, em dobro,  
o funesto sofrimento seguia adiante; desprezavam os filhos  
legítimos dentro de seus palácios, e uma obscura prole surgia. 810

Assim, as filhas virgens e, junto com elas, as mães  
viúvas, erravam pela cidade, negligentemente.

O pai já não tinha o menor cuidado com sua filha,  
mesmo se a visse sendo torturada, ante seus olhos,  
pelas mãos de uma madrasta presunçosa. Nem os filhos 815

defendiam suas mães, como antes, do ultraje indigno;  
nem a irmã, era objeto de preocupação de seus irmãos.

Mas só eram objetos de cuidado as jovens cativas, nos palácios,  
nos coros de danças, na *ágora* e nos festins.

Até que um deus inspirou em nós a resolução irresistível 820  
de não mais receber em nossos muros os que regressavam  
da Trácia, para que pensassem naquilo que é justo ou, partindo  
com suas cativas, fossem para outro lugar.

Eles, então, após implorar pela raça de seus filhos, pelos do sexo masculino,  
que permaneciam na cidade, partiram, de novo, para lá e, ainda agora, 825  
habitam os campos da Trácia, cobertos de neve.

Permaneçei, então, entre nós; se quiseres,  
e se a ti agrada habitar aqui, poderias receber  
as honrarias de meu pai Thoante. Não creio  
que tu criticarás nossa terra, pois é abundante em colheitas, 830  
acima de todas as outras ilhas que se situam no mar Egeu.

Vamos! retorna agora até a nau e relata a teus companheiros  
nossas palavras, e não permaneças fora da cidade.”

Assim disse, dissimulando o assassinato que cometeram  
contra os homens. E ele, por sua vez, respondeu-lhe: 835

“Hipsípila, nós receberíamos os presentes muito agradáveis



que tu nos ofereces e de que nós necessitamos.  
 Regressarei à cidade outra vez, quando tiver relatado  
 tudo, como convém. Da soberania cuida tu  
 e da ilha também: Recuso, não por 840  
 desprezo, mas provas lamentáveis me perseguem.”  
 Ele disse, e tocou sua mão direita. Depois, partiu,  
 logo; em seu redor, inúmeras jovens, vindas  
 de todos os lados, circulavam com alegria, até que ele saiu pelas  
 portas. Mais tarde, sobre carros velozes, elas avançam 845  
 em direção a costa, com muitos presentes de hospitalidade,  
 quando Jasão já havia relatado, fielmente, todo o discurso  
 que Hipsípila fizera, após tê-lo chamado.  
 E elas levavam os heróis como hóspedes em suas casas  
 com facilidade, pois Cípris fez nascer neles um doce desejo, 850  
 graças a Hefesto, de muitos ardis, para que, sem sofrimento,  
 Lemnos fosse de novo habitada por homens, no futuro.  
 Então, o Esonida dirigiu-se ao palácio real  
 de Hipsípila; e os outros, para onde a cada um coubera pela sorte,  
 exceto Hércules: este permanecera próximo a nau, 855  
 de bom grado, com poucos companheiros, que haviam se separado.  
 Imediatamente, a cidade alegrou-se com coros de danças e festins,  
 totalmente tomada pela fumaça das carne assada; acima dos outros  
 imortais, imploravam o favor do filho ilustre de Hera  
 e também da própria Cípris, com cantos e sacrifícios. 860  
 era sempre adiada de um dia para o outro a viagem marítima;  
 e eles teriam permanecido ociosos ali por muito tempo,  
 se Hércules, após reunir seus companheiros, longe das mulheres,  
 não se tivesse dirigido a eles, repreendendo-os, com censura:  
 “Infelizes! O assassinato de um parente nos afasta de nossa 865  
 terra natal? Ou viemos de lá até aqui pela necessidade  
 de casar, tendo ultrajado as mulheres de nossa cidade? Ou agrada-nos  
 habitar aqui para lavrar a terra fértil de Lemnos?  
 Certamente não seremos célebres por nos envolver, assim,  
 por muito tempo, com mulheres estrangeiras; nem deus algum 870

por nossas preces, nos dará o velocino, que se move por si próprio,  
após capturá-lo. Vamos, novamente, cada um para sua casa,  
e deixai-o passar todos os seus dias no leito de Hipsípila,  
até que povoe Lemnos com crianças, e uma grande fama o alcance.”

Assim repreendeu o grupo; em sua presença ninguém ousou  
levantar os olhos nem lhe dirigir a palavra, mas, deste modo,  
saindo da assembleia, apressados, prepararam-se

para partir; as mulheres, quando souberam, correram até eles.

Assim como as abelhas zumbem em volta de belos lírios,  
saídas da pedra que lhes serve de colmeia e, ao redor, o prado  
orvalhoso se enche de alegria e, voando, elas colhem

ora um, ora outro fruto doce; assim, também, as mulheres,  
espalharam-se, avidamente, em volta dos homens, lamentando-se;  
com gestos e palavras, despediam-se de cada um,

rogando aos imortais que lhes concedessem um regresso livre de dores.

Assim também Hipsípila suplicou, segurando as mãos  
do Esonida; e derramava lágrimas, pela falta do herói que partia:

“vá, e que os deuses te façam voltar, outra vez, junto com teus  
companheiros, sem dano, levando para o rei o velocino de ouro,  
assim como desejas e é agradável a ti. Esta ilha

e o cetro de meu pai estarão aqui, se algum dia,  
no futuro, após teu retorno, quiseres voltar.

Facilmente poderias reunir uma multidão inumerável  
de outras cidades. Mas tu não terás este desejo,  
e nem mesmo eu pressinto que será assim.

lembra-te, enquanto estiveres ausente, assim como em seu retorno,  
de Hipsípila, e deixa-nos um conselho, que eu seguirei  
de boa vontade, se os deuses me permitirem gerar um filho.”

Então, o filho de Esão, admirado, respondeu-lhe:

“Hipsípila, que todos os presságios se cumpram, deste modo,  
graças aos bem-aventurados! Retenha em teu coração o melhor

para mim, pois basta habitar em minha pátria, pela vontade  
de Pélias; que os deuses somente me libere de minhas provas.

Mas, se para mim está predestinado não voltar à terra da Hélade,

navegando para longe, e se tu engendrasses um filho homem, 905  
envia-o, quando chegar à adolescência, a Iolcos, a Pelásgia,  
como consolo na aflição de meu pai e minha mãe, se, por sorte,  
ainda os encontrar vivos, para que, longe do rei,  
sejam cuidados por ele, como hóspedes em seu palácio.”

Assim disse, e foi o primeiro a embarcar na nau; os outros 910  
heróis embarcaram também. Tomaram os remos nas mãos,  
sentando-se um após o outro; Argos desatou para eles as amarras  
do fundo de uma rocha banhada pelo mar. Eles, então,  
com ímpeto, golpeavam a água com os longos remos.

À noite, sob a ordem de Orfeu, chegaram 915  
à ilha de Electra Atlântida, para que, conhecendo  
os misteriosos ritos, com as doces cerimônias de iniciação,  
pudessem, sãos e salvos, navegar sobre o mar gelado.

Deles, todavia, não irei contar mais: que se saúde  
esta ilha, assim como os deuses que nela habitam, a quem coube, 920  
pela sorte, aqueles mistérios, que não nos é permitido contar.

Daí, remando, com ardor, pelas profundezas do mar Negro,  
tinham, de um lado, a terra dos Trácios, e do outro,  
em frente, no alto, Imbros. Pouco depois do  
do sol deitar-se, chegaram à ponta do Queronesso. 925

Ali, o Notos lhes soprava forte e, após içarem as velas  
em direção ao vento favorável, entraram nas difíceis correntes  
da filha de Atamante. O alto mar havia sido deixado para trás  
pela manhã: à noite, outro mar, por dentro da costa  
de Rheteio perocorreram, tendo, à direita, a terra de Ida. 930

Após deixarem Dardânia, dirigiram-se a Abydos  
e depois passaram ao longo de Percote, a margem  
arenosa de Abarnis e a divina Pityeia;  
também, durante a noite, percorreram o Helesponto,  
agitado por redemoinhos, passando a nau pelo meio. 935

Há no interior da Propôntida uma ilha escarpada,  
situada a uma distância tão curta da terra da Frigia,  
rica em trigo, quanto a de um istmo banhado pelas ondas,

e que avança até o continente; suas costas são duplas  
e está localizada mais além das águas do Esepo: 940  
os que ali habitam a chamam de Monte dos Ursos.  
Viviam nela os Filhos selvagens e ferozes da Terra,  
grande maravilha de ver para os circunvizinhos:  
pois os seis braços de cada um se agitavam no ar,  
dois partindo de seus ombros robustos e, mais embaixo, 945  
os outros quatro, encaixados em seus terribilíssimos flancos.  
O Istmo, por sua vez, e a planície habitavam-na os homens  
Dolíones; entre eles reinava o herói Cizico, filho  
de Aineu, que Ainete, a filha do divino Eussoro  
pariu. Nunca os Filhos da Terra os prejudicava, 950  
embora fossem terríveis, por causa da proteção de Poseidon,  
pois dele os Dolíones, no princípio eram descendentes.  
Para lá precipitou-se Argo, empurrada pelos ventos  
Trácios. O Belo Porto acolheu-a em sua corrida.  
Lá, também, após soltarem a pequena pedra da âncora, 955  
seguindo os conselhos de Tifis, deixaram-na sob uma fonte,  
sob a fonte Artácia; pegaram uma outra, pesada, que se ajustava,  
mas aquela, seguindo os oráculos do deus que fere ao longe,  
os Neleidas Jônios ofereceram, posteriormente,  
como oferenda, segundo o costume, no templo de Atena Jasônida. 960  
Tendo ido ao encontro deles, juntos, os Dolíones, por amizade,  
e o próprio Cízico, e quando souberam quem eles eram,  
qual era a sua raça e o objetivo da expedição, ofereceram hospitalidade;  
também convenceram que fossem mais adiante com os remos  
para atar as amarras da nau no porto da cidade. 965  
Ali erigiram um altar a Apolo, Deus do Desembarque, e,  
após sentarem-se próximo à praia, cuidaram do sacrifício.  
O próprio rei ofereceu-lhes vinho delicioso, que lhes faltava,  
assim como carneiros: pois havia um oráculo que dizia que,  
quando chegasse uma expedição divina de heróis, logo 970  
deveriam aproximar-se de maneira amável, sem pensar em guerra.  
A barba apenas começava a aparecer nele.

Não havia ainda compartilhado da alegria de ter filhos,  
 mas, no palácio, sua esposa não conhecia  
 as dores do parto; Kleite, de belos cachos, nascida 975  
 do Percosio Mérops. Há pouco trouxera com dotes  
 maravilhosos, da casa de seu pai, situada no lado oposto.  
 Mas, mesmo assim, após deixar o quarto e o leito da esposa,  
 preparou com eles a refeição, e suprimiu os temores de seu coração.  
 Interrogavam-se uns aos outros, alternadamente. Perguntava-lhes 980  
 qual era o objetivo de sua viagem e quais as ordens de Pélias:  
 E eles informavam-se sobre as cidades dos povos vizinhos  
 e sobre todo o golfo da vasta Propôntida; mas  
 não soube contar mais, embora desejassem saber.  
 Na aurora, subiram ao grande Díndimo, para que eles também 985  
 observassem as rotas daquele mar; enquanto uns conduziam  
 a nau, de sua primeira amarra no porto de Khytos.  
 Este caminho, que eles subiram, chama-se Caminho de Jasão.  
 Mas os Filhos da Terra, após se lançarem do outro lado da montanha,  
 obstruíram a boca do Khytos com inúmeras pedras, atiradas no fundo, 990  
 como se preparassem emboscada para um monstro marinho que estava ali dentro.  
 Mas havia ficado ali com os homens mais jovens Hércules,  
 que, tendo prontamente estendido contra eles seu arco  
 esticado para trás, jogou-os ao chão, um após o outro. Eles também,  
 levantavam pedras abruptas de todos os lados, e lançavam-nas. 995  
 Aqueles monstros terríveis, certamente, a deusa Hera, esposa  
 de Zeus, criava-os, para serem uma prova para Hércules.  
 Em seguida, também os outros, juntando-se a ele,  
 antes de chegarem ao cume, heróis belicosos que eram,  
 empreenderam a matança dos Filhos da Terra, recebendo-os, 1000  
 ora com flechas, ora com lanças, até que mataram  
 todos os que, face a face, os perseguiram sem trégua.  
 Assim como lenhadores lançam, em fila, na margem,  
 grandes troncos, recém golpeados pelo machado,  
 para que, após serem molhados, sustentassem as sólidas cavilhas, 1005  
 assim, eles estavam estendidos no porto espumoso,

em fila: uns, amontoados, afundando na água salgada  
 a cabeça e o peito, com as pernas para cima,  
 no chão; outros, ao contrário, apoiavam firme  
 a cabeça na areia e os pés mergulhados nas profundezas; 1010  
 Ambos se tornaram, ao mesmo tempo, para aves e peixes.  
 Os heróis, quando a luta já não lhes inspirava temor,  
 após soltarem as amarras da nau ao sopro do vento,  
 seguiam adiante, através das ondas do mar.  
 A nau corria á vela o dia todo; mas, ao chegar 1015  
 a noite, sua força já não era constante: tormentas contrárias  
 lançavam-na para trás com toda força, até que se aproximaram  
 novamente dos hospitaleiros Dolíones. Desembarcaram  
 na mesma noite. Ainda hoje é chamada Pedra Sagrada, aquela,  
 em torno da qual os heróis, apressados, lançaram as amarras da nau. 1020  
 Ninguém teve o cuidado de verificar que estavam na mesma  
 ilha, nem os Dolíones, por sua vez, reconheceram verdadeiramente,  
 à noite, os heróis que voltavam, mas pensavam que, talvez,  
 Ares Pelásgio chegara ao porto, vindo dos homens Makríeis;  
 então, após vestirem suas armas, contra eles levantaram as mãos; 1025  
 chocaram as lanças e escudos uns contra os outros,  
 semelhantes a uma ardente fagulha de fogo, que se eleva  
 ao cair em moitas secas. Um tumulto terrível  
 e violento caiu sobre o povo dos Dolíones;  
 Nem Cízico, contra o destino, deveria retornar 1030  
 do combate a sua casa, ao seu quarto e a seu leito nupcial:  
 Mas o Esonida, voltando-se o rei diretamente contra ele,  
 golpeou-o no meio do peito, após lançar-se sobre ele;  
 ao redor da lança o osso se quebra e, tendo rolado na areia,  
 cumpriu seu destino. Pois não é permitido aos mortais 1035  
 escapar: uma grande rede se estende toda ao redor deles.  
 Assim, crendo que certamente estava livre do amargo crime  
 dos heróis, naquela mesma noite, o destino encadeou-o,  
 enquanto lutava com aqueles. Muitos outros, ao defendê-lo,  
 foram mortos. Héacles matou Telecles 1040

e Megabrontes; Acasto matou Sphodris;  
 Peleu venceu Zeles e Gefiro, ágil no combate;  
 Telamón, de forte lança, massacrou Basileu;  
 Idas, por sua vez, mata Promeus, Clítio e Jacinto;  
 os dois Tindaridas, Megalossakes e Flogios; 1045  
 junto a eles, o filho de Oineu venceu o valente Itymoneus  
 e também Artaces, chefe de homens; os habitantes  
 honram ainda hoje a todos com honras de heróis.  
 Os outros, após cederem, tremem de medo, como pombas  
 que, em bando, se assustam diante de falcões de rápido vôo. 1050  
 Todos juntos, em massa, se lançam às portas; logo,  
 a cidade encheu-se de gemidos, com a fuga do combate.  
 Ao romper do dia, ambos perceberam o erro funesto  
 e irremediável; uma dor terrível apoderou-se  
 dos heróis Míncias, ao verem diante deles 1055  
 o filho de Aineu, Cízico, caído no pó e sangue.  
 Três dias inteiros choraram e arrancaram os cabelos,  
 eles e o povo dos Dolíones. Mas, após darem três voltas  
 em torno do cadáver com suas armas de bronze,  
 honraram-no com uma túmulo, e mediram-se nos jogos, 1060  
 segundo o costume, na planície do Prado. Ali, ainda agora,  
 este túmulo se eleva, para ser visto pelos homens vindouros.  
 Nem sua esposa, Kleite, deixou para trás o marido  
 morto: após este mal, outro pior aconteceu,  
 enforcando-se ela com uma corda no pescoço. As próprias 1065  
 Ninfas dos bosques lamentaram-na após sua morte,  
 e com as lágrimas que verteram à terra de suas pálpebras,  
 com todas elas, as deusas ergueram uma fonte, que chamam  
 Kleite, o nome muito famoso da esposa infeliz.  
 Aquele foi, para as mulheres e os homens Dolíones, 1070  
 o dia mais terrível, vindo de Zeus, pois ninguém  
 ousou comer alimento algum. Nem, durante muito tempo,  
 pensaram no trabalho dos mós de trigo, por causa do sofrimento.  
 Mas assim se sustentaram: comendo alimentos crus.

Ali, ainda agora, quando, em honra deles, os Jônios, 1075  
habitantes de Cízico, vertem libações anuais, moem, continuamente,  
o trigo no moinho público para a farinha do bolo ritual.  
A partir disso, violentas tempestades se levantaram,  
durante doze dias e doze noites, que os impediram,  
ainda uma vez, de navegar ali. Na noite seguinte, 1080  
os outros heróis, vencidos pelo sono, após muito tempo,  
dormiam durante a última vigília; mas Acasto e Mopso,  
o Ampicida, protegiam os que dormiam profundamente.  
Então, acima da loura cabeça do Esonida,  
voou o alcião, profetizando, com seu canto penetrante, 1085  
o fim dos ventos revoltos; Mopso compreendeu,  
ao ouvir, o presságio de bom agouro da ave do litoral;  
um deus afastou-a novamente, e ela, lançando-se  
no ar, alcançou o extremo da popa da nau.  
Imediatamente, Mopso despertou Jasão, que estava deitado 1090  
sobre macias peles de ovelhas, sacudindo-o, e disse assim:  
“Esonida, é necessário que tu subas este lugar sagrado  
da áspera Díndimo, para aplacar a Mãe, de belo trono,  
de todos os bem-aventurados, e as tempestades violentas  
cessarão; pois eu acabei de ouvir tal presságio 1095  
do alcião do mar que, por cima de ti, enquanto  
dormias, voou ao seu redor, anunciando tudo isso.  
Graças a ela, os ventos, o mar, o mais profundo da terra  
e a morada nevoenta do Olimpo foram testadas,  
e a ela, quando sobe das montanhas até o vasto céu, 1100  
o próprio Zeus Cronida cede lugar, assim como os outros  
imortais bem-aventurados honram esta terrível deusa.”  
Assim disse; e Jasão, ao ouvir o discurso, acolheu-o com alegria.  
Levantou-se alegre de seu leito e, apressado, fez levantar  
todos os companheiros; despertos, contou-lhes 1105  
as predições divinas do Ampicida Mopso.  
Imediatamente, os mais jovens, após tirarem os bois dos estábulos,  
conduziram-nos, em seguida, ao cume escarpado da montanha;



os outros, tendo desatado as amarras da Pedra Sagrada,  
remaram até o Porto Trácio; eles subiram também, 1110  
deixando na nau um pequeno número de companheiros.  
As torres de observação dos Makríeis e todo o país situado  
além da Trácia tornaram-se visíveis, ao alcance de suas mãos;  
mostravam-se também a boca brumosa do Bósforo e as alturas  
da Mísia; do outro lado, a corrente do rio Esepo, 1115  
a cidade e a planície de Nepeia de Adrasteia.  
Havia ali um grosso tronco de vinha, crescido na floresta,  
um tronco de árvore todo velho; cortaram-no para  
torná-lo uma estátua sagrada da Deusa da montanha;  
Argos esculpiu-a com arte e, em seguida, colocaram-na sobre a colina 1120  
escarpada, coberta por carvalhos altíssimos,  
os mais altos de todos os que criaram raízes.  
Depois, erigiram um altar de cascalho, ao redor, e, após coroarem-se  
com folhas de carvalho, cuidaram do sacrifício,  
invocando a muito poderosa Mãe de Díndimo, 1125  
que habita a Frigia e, com ela, Titias e Cylleno,  
os únicos que são chamados condutores do destino  
e assistentes da Mãe do Ida, entre todos os que eram  
os Dáctilos Cretenses do Ida, que um dia a Ninfa  
Anquíale fez nascer na gruta de Dicte, após apanhar 1130  
com as duas mãos a terra de Eaxo.  
Muitas vezes, o Esonida lhe suplicava com preces  
que afastasse os furacões, vertendo libações sobre as vítimas  
que queimavam; ao mesmo tempo, os jovens, por ordem de Orfeu,  
saltitantes, dançavam uma dança armada, bem cadenciada 1135  
e golpeavam os escudos com espadas, a fim de que, no ar,  
se perdesse o grito de mau agouro que o povo ainda  
soltava, por causa do funeral do rei. Desde então, os Frígios  
sempre aplacam Reia com o rombo<sup>5</sup> e o tamborim.  
A deusa aceitou em seu coração as santas oferendas 1140

---

<sup>5</sup> Disco de madeira que se faz girar por uma correia; quanto maior a velocidade adquirida, mais agudo é o som produzido (cf. LÓPEZ, 1991, p.116).

e manifestou-se pela aparição de sinais claros.

As árvores espalhavam frutos em abundância; ao redor de seus pés,

a terra, por si mesma, fazia crescer flores da delicada erva;

as feras, tendo deixado as matas e seus covis,

chegaram até a montanha, abanando a cauda. Ela provocou 1145

ainda outro prodígio: pois nunca, anteriormente, o Díndimo

fora regado pela água, mas, então, ela brotava para eles, sem cessar,

do cume árido; desde então, os circunvizinhos

chamam aquela água potável de Fonte de Jasão.

Em seguida, prepararam um festim em honra a deusa, nos Montes dos Ursos, 1150

celebrando Reia, muito poderosa. E depois, ao amanhecer,

quando os ventos cessaram, deixaram a ilha remando.

Uma rivalidade agitava, então, cada um dos heróis,

para decidir quem descansaria por último; o ar ao redor,

sem ventos, acalmou os redemoinhos e adormeceu o mar; 1155

Confiantes na calmaria, conduziam a nau adiante,

com força; esta, lançando-se com ímpeto através do mar, nem os cavalos

de Poseidon, de pés rápidos como a tempestade, alcançavam.

No entanto, quando as ondas foram despertadas pelos ventos

violentos que começam a soprar dos rios, durante a noite, 1160

esgotados pelo esforço, eles descansavam; mas Hércules

arrastava os que sofriam com todo o vigor de seus braços,

e sacudia as vigas bem ajustadas da nau.

Mas, quando, desejosos de alcançar a terra dos Míniás,

costeavam um pouco abaixo da Frigia, avistando 1165

as embocaduras do Ríndaco e a grande tumba de Egeon;

naquele momento, levantando os sulcos das ondas agitadas,

Hércules quebrou o remo ao meio; segurando um pedaço

com ambas as mãos, caiu de lado, mas o outro, o mar

banhava, carregando-o com o movimento das ondas. Senta, em silêncio, 1170

olhando ao redor: suas mãos não estavam acostumadas a ficar paradas.

Quando, vindo do campo, o jardineiro ou algum lavrador,

com alegria chega a sua tenda, ansioso pela ceia,

ali, na entrada dobra seus joelhos esgotados,

negro de poeira e, olhando suas mãos gastas, 1175  
 profere maldições para seu próprio ventre,  
 neste momento, os heróis chegaram às moradas da terra Cianida,  
 perto do monte Argantonio e das embocaduras do Kios.  
 Ao chegarem, os Mísios, habitantes daquele país,  
 receberam-nos em amizade e com hospitalidade e entregaram 1180  
 aos necessitados víveres, carneiros e vinho em abundância.  
 Em seguida, uns carregavam troncos secos, outros haviam recolhido  
 dos prados folhagem em abundância, que serve de leito,  
 para forrar o chão; outros giravam a lenha para acender o fogo;  
 outros misturavam o vinho nas crateras e preparavam a refeição, 1185  
 ao crepúsculo, após sacrificarem a Apolo, Deus do Desembarque.  
 Depois de recomendar bem a seus companheiros que se alimentassem,  
 o filho de Zeus partiu para a floresta, para que se apressasse  
 em fabricar para ele um remo de fácil manejo.  
 Enquanto vagava de um lado a outro, encontrou um abeto, 1190  
 nem muito carregado de ramos, nem muito vigoroso,  
 mas semelhante a um jovem broto de um longo álamo,  
 tão grande era de se ver, tanto em altura, quanto em espessura.  
 Rapidamente, ele pôs no chão a aljava, cheia de flechas,  
 seu arco, e despojou-se da pele de leão. 1195  
 Após sacudir o abeto do fundo da terra com sua clava  
 de bronze, agarrou o tronco com ambas as mãos,  
 confiante em sua força; apoiou nele seu largo ombro,  
 após separar bem as pernas e, embora estivesse bem arraigado,  
 arrancou-o da terra a que estava preso com suas raízes. 1200  
 Do mesmo modo que, de uma maneira imprevista, quando, sobretudo,  
 ocorre o poente invernal do funesto Órion, uma rápida tempestade  
 de vento, precipitando-se do alto, arranca o mastro de uma nau  
 com suas cunhas, da parte de baixo de suas escoras,  
 assim Heracles a levantou. Em seguida, após recolher seu arco, 1205  
 suas flechas, a pele e a clava, pôs-se em movimento para regressar.  
 Hilas, no entanto, longe do grupo, com um jarro de bronze,  
 buscava a corrente sagrada de uma fonte, para recolher

a água para a ceia, antes dele e, rapidamente,  
preparar tudo, como convém, para o que chegava. 1210

Pois, na verdade, em tais costumes Hércules o instruía,  
após tê-lo levado, na primeira infância, da casa de seu pai,  
o divino Theodamas que, em Dríopes, ele matou sem piedade,  
em uma disputa por boi que lavra a terra.

Theodamas fendia os campos de um alqueire 1215  
com a charrua, ferido pela tristeza; Hércules ordenava  
que lhe entregasse o boi lavrador, contra a sua vontade.  
Desejava, em verdade, um pretexto infeliz para levar a guerra  
aos Dríopes, pois viviam sem preocupar-se com a justiça.

Mas isto me levaria para longe do meu canto. 1220

Rapidamente, Hílas chegou à fonte que os habitantes  
vizinhos chamam de Pegas. Os coros das Ninfas  
havam se formado há pouco, pois era costume entre todas  
aquelas Ninfas que habitavam perto do amável cume  
da montanha sempre celebrar Ártemis com cantos noturnos. 1225

Todas que receberam por sorte os cumes das montanhas, as grutas,  
e também as guardiãs dos bosques chegavam, de longe, em fila.  
A Ninfa aquática surgira há pouco da fonte  
de belas águas. Perto dela, percebeu Hílas,  
que enrubescia por sua beleza e pelos doces encantos: 1230

pois, do éter, a lua cheia lançava-se sobre ele,  
iluminando-o. Cipris atingiu o coração da Ninfa  
e, em sua impotência, com dificuldade, recobrou seu ânimo.  
Assim que ele, com o corpo inclinado, mergulhou o jarro  
na corrente, e a água ressoava fortemente, 1235

ao entrar no bronze sonoro, imediatamente,  
ela pôs o braço esquerdo sobre seu colo, desejosa  
de beijar sua boca delicada; com a mão direita  
tirou seu cotovelo, e afundou-o no meio do redemoinho.

Um único herói, entre os companheiros, ouviu Hílas gritar, 1240  
O Ilatida Polifemo, que ia mais adiante pelo caminho,  
pois queria receber o gigantesco Hércules, quando chegasse.

Perseguido-o, chegou perto de Pegas, como uma fera  
 selvagem, a que chegou de longe o balido de carneiros;  
 ela parte, consumida pela fome, mas não encontrou 1245  
 o rebanho – antes, os próprios pastores as cercaram  
 nos estábulos -, a fera, gemendo, ruge sem parar, até cansar;  
 assim, então, o Ilatida gemia intensamente, correndo  
 de um lado para o outro, a gritar, mas seu grito era inútil.  
 Imediatamente, tendo sacado sua grande espada, saiu para procurá-lo, 1250  
 receoso de que se tornasse presa das aves, ou que, só,  
 homens preparassem uma emboscada, e conduzissem-no como fácil botim.  
 Então, encontrou-se com o próprio Hércules pelo caminho,  
 enquanto movimentava a espada nua em sua mão; reconheceu facilmente  
 que ele se dirigia à nau, ao crepúsculo. Logo, 1255  
 contou-lhe a desgraça deplorável, com o coração entorpecido pela angústia:  
 “Infeliz, serei o primeiro a anunciar-te uma dor terrível.  
 Pois Hilas, indo até a fonte, são e salvo não volta,  
 pois saqueadores o levaram, após tê-lo capturado  
 ou feras o devoraram; eu ouvi-o a gritar.” 1260  
 Assim disse; ao ouvi-lo, o suor, em abundância, escorria  
 das têmporas e o sangue negro fervia no fundo de suas entranhas.  
 Irritado, lançou o abeto no chão e corria pelo caminho  
 por onde seus próprios pés o conduziam, precipitando-se com furor.  
 Assim como um touro, picado por uma mosca, se lança, 1265  
 deixando o prado e pântanos, sem preocupar-se com os pastores  
 nem com o rebanho, e percorre seu caminho, ora sem parar,  
 ora parando e, levantando a larga nuca,  
 solta mugidos, ferido pelo vil ferrão,  
 assim Hércules, em seu ímpeto, ora movia rápido os joelhos, 1270  
 sem interrupção, ora, interrompendo o esforço,  
 vociferava com um grande grito que ressoava ao longe.  
 Em seguida, a estrela da manhã ultrapassou os cumes mais  
 altos e os ventos voltaram; Tifis, rapidamente,  
 ordenou que embarcassem e aproveitassem o vento. 1275  
 Eles embarcaram prontamente, apressados, e, após arrastarem

as âncoras para cima da nau, içaram os cabos.

As velas curvaram-se no meio com o vento e, longe da costa,  
eram levados, alegres, ao longo do cabo de Poseidon.

Quando a Aurora, de olhar brilhante, começa a brilhar, do alto do céu, 1280  
surgindo do horizonte, e os caminhos começam a clarear,  
e as planícies, úmidas de orvalho, brilham com a luz resplandecente,  
perceberam, que, por ignorância, haviam deixado seus companheiros.

Sobreveio entre eles uma violenta discórdia, um tumulto  
indizível, para saber se haviam partido, tendo abandonado 1285  
o melhor de seus companheiros. Desolado pela impotência,  
o Esonida não falava nem num sentido, nem em outro,  
mas permanecia imóvel, consumindo o coração com a penosa  
desgraça. A cólera apoderou-se de Telamon, e ele disse assim:

“Permaneces assim, tranquilo, porque, em verdade, era cômodo 1290  
para ti abandonar Hércules; de ti surgiu este ardil,  
para que a glória dele, na Grécia, não ocultasse a tua,  
se os deuses permitirem o nosso regresso para casa.

Mas, que prazer há nestas palavras? Eu voltarei, apesar de teus  
companheiros que tramaram esta astúcia.” 1295

Assim disse, e avançou em direção a Tifis, o Hagniada;  
seus olhos pareciam faíscas de um fogo impetuoso.

E teriam chegado, outra vez, à terra dos Mísios,  
após terem lutado contra o mar e o ruído incessante do vento,  
se os dois filhos do Trácio Bóreas não tivessem 1300  
detido o Eacida com duras palavras.

Infelizes! Para eles um odioso castigo estava reservado, no futuro,  
pelas mãos de Hércules, pois impediram sua busca:

ao voltarem dos jogos em honra a Pélias, abatido  
em Tenos, banhada por todos os lados, ele os matou, amontoou terra 1305  
em volta deles e, por cima, erigiu duas estelas;  
uma delas, extrema admiração para a vista dos homens,  
move-se pelo sopro do sonoro Bóreas.

E assim era como tudo deveria realizar-se no decorrer do tempo.

Apareceu -lhes, do fundo do mar, Glauco, 1310

O astuto intérprete do divino Nereu;  
 após levantar sua cabeça peluda e seu peito  
 do fundo do mar, estendeu sua mão robusta,  
 agarrando a popa da nau, e gritou para os heróis impacientes:  
 “Por que, contra a vontade do grande Zeus, desejais 1315  
 conduzir o valente Hércules à cidade de Eetes?  
 Seu destino é realizar, em Argos, para o presunçoso Euristeu,  
 todos os doze trabalhos, suportando muitas fadigas,  
 e habitar a morada dos imortais, se já tiver realizado os poucos  
 que faltam; assim, que não haja nenhum pesar por ele. 1320  
 A Polifemo, por sua vez, foi outorgado pela sorte  
 Chegar ao termo da vida na imensa terra dos Cálibes, após edificar,  
 nas desembocaduras do Kios, uma ilustre cidade para os Mísios.  
 Quanto a Hílas, uma deusa, uma Ninfa, por amor, tornou-o seu  
 esposo e, por causa dele, que se afastaram, foram abandonados.” 1325  
 Disse, e mergulhou na onda incessante, submergindo no fundo do mar;  
 ao seu redor, a água, agitada por redemoinhos, cobria-se de espuma  
 borbulhante. Depois, banhou a nau pelo mar recurvo.  
 Os heróis se alegraram. O Eácida Telamon, com ímpeto,  
 foi até Jasão e, apertando a ponta da mão dele 1330  
 contra a sua, beijou-a e disse:  
 “Esonida, não te irrites comigo se, por irreflexão,  
 cometi alguma falta: a aflição que me sobreveio  
 fez-me dizer palavras insolentes e intoleráveis. Mas, aos ventos  
 entreguemos minha falta, e nos tratemos bem como antes.” 1335  
 Então, o filho de Esão, com cuidado, respondeu-lhe:  
 “Querido, certamente me injuriaste muito com palavras vis,  
 dizendo, diante de todos, que eu era o culpado diante de um homem  
 amável. Mas, seguramente, não guardo cólera amarga contra ti,  
 embora, antes, estivesse irritado, pois não te enfureceste 1340  
 por causa de rebanhos de ovelhas nem por riquezas,  
 mas por um companheiro. Espero que tu também lutes  
 contra outro por minha causa, se algo semelhante acontecer”  
 Disse, e, unidos como antes, assentaram-se.

Quanto aos outros dois, pelo querer de Zeus, um, o Ilatida Polifemo, 1345  
deveria fundar para os Mísios uma cidade com o nome do rio,  
após assentar seus alicerces; o outro, deveria ir, novamente, sofrer  
os trabalhos de Euristeu. Ele ameaçou devastar  
rapidamente a terra dos Mísios, se não lhe  
descobrissem qual a sorte de Hilas, vivo ou morto. 1350  
Entregaram como garantia os melhores filhos do povo,  
após escolhê-los, e fizeram juramentos de que nunca  
abandonariam o trabalho penoso de procurá-lo.  
Por essa razão, ainda hoje, os habitantes de Kíos perguntam por Hilas,  
filho de Teodamente, e cuidam da bem construída 1355  
Traquis: foi lá que Hércules alojou as crianças  
que enviaram para que ele levasse dali como garantia.  
O vento levou a nau durante todo o dia e noite,  
soprando com violência; mas soprava muito fraco,  
quando a aurora surgiu. Eles adentraram a costa 1360  
de uma terra que, vista do golfo, parecia muito extensa,  
e a abordaram com remos ao surgir o sol.  
[A Aurora, não muito mais tarde, apareceu, como eles desejavam.]



#### 4. PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA NARRATOLOGIA

Gérard Genette, para analisar o discurso narrativo, toma como ponto de partida – com algumas ressalvas e modificações – a divisão apresentada por Todorov em 1966, quando este usou o termo narratologia para definir a disciplina que se propõe analisar e entender os mecanismos dos textos narrativos. O teórico búlgaro classifica os problemas da narrativa em três categorias: a do tempo, a do modo e a do aspecto. Os termos por ele estabelecidos são reformulados e redistribuídos recorrendo-se a “*uma espécie de metáfora lingüística*, pois, segundo Genette (1995, p.28), toda narrativa “*é uma produção lingüística que assume a relação de um ou vários acontecimentos, sendo legítimo, talvez, tratá-la como o desenvolvimento monstruoso de uma forma verbal, no sentido gramatical do termo*”. Elegendo da gramática do verbo categorias de análise, Genette (1995, p.29) formula os problemas de estudo do discurso narrativo, reduzindo-o a três classes fundamentais de determinação:

- 1) “*as que estão ligadas à forma pela qual se encontra implicada na narrativa a própria narração, ou seja, a situação ou instância narrativa, e, com ela, os seus dois protagonistas: o narrador e seu destinatário, real ou virtual*” – **a voz**;
- 2) “*as que estão ligadas às modalidades (formas e graus da representação narrativa)*” - **modos da narrativa**;
- 3) “*as que estão ligadas às relações temporais entre narrativa e diegese*” – **categoria de tempo**.

##### 4.1. Voz

Genette (1995, p.212) trata sob a categoria da voz

o aspecto (...) da ação verbal considerada nas suas relações com o sujeito – não sendo esse sujeito aqui somente aquele que realiza ou sofre a ação, mas também aquele (o mesmo ou um outro) que a relata, e eventualmente, todos aqueles que participam, mesmo que passivamente, nessa atividade narrativa.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> apud VENDRYÈS, 1966, pp.258-266.

Considerando que uma situação narrativa é um conjunto complexo, no qual o ato narrativo, os seus protagonistas, as suas determinações espaço-temporais e a sua relação com outras situações narrativas estão entrelaçadas, torna-se necessário para análise dessa instância considerar, simultaneamente, elementos relacionados às categorias de tempo da narração, do nível narrativo e de pessoa, que abrange a ligação entre o narrador e seu(s) narratário(s) e a história contada.

No tocante ao tempo da narração<sup>7</sup>, Genette afirma que as determinações temporais de uma narrativa são mais importantes que as determinações espaciais, pois é quase impossível contar uma história sem situá-la no tempo em relação ao ato narrativo, enquanto que o lugar onde se realiza o discurso raramente é especificado e não apresenta grande importância. Em relação à posição temporal, distinguem-se quatro tipos de narração: 1) ulterior (narrativa no passado, posição mais freqüente), 2) anterior (narrativa preditiva que, embora possa ser conduzida no presente, realiza-se, geralmente no futuro), 3) simultânea (forma mais simples, na qual a narrativa é contemporânea da ação) e 4) intercalada (entre os momentos da ação).

A divergência entre ação contada e ato narrativo não se define, porém, apenas pela distância temporal e espacial que os separa, mas também por uma diferença de nível. Genette (1995, p. 227) define essa diferença afirmando que *todo acontecimento contado por uma narrativa está num nível diegético imediatamente superior àquele em que se situa o ato narrativo produto dessa narrativa*. Se tomarmos como exemplo a *Odisseia*, observamos, nos cantos iniciais, um narrador externo (alheio à história que conta) narrando as aventuras de Odisseu, personagem principal da história, mas do canto IX ao XII, é o próprio herói quem conta suas aventuras ao rei dos Feácios, Alcínoo, configurando, assim, a mudança de nível: o primeiro nível é o extradiegético e os acontecimentos contados nessa primeira narrativa são chamados de diegéticos ou intradieгéticos, já os acontecimentos narrados por Odisseu em uma narrativa de segundo grau, também denominada narrativa encaixada, são considerados metadieгéticos.

A narrativa de segundo grau, cuja origem remonta às obras iniciais de poesia épica, é estudada através da distinção entre os principais tipos de relação estabelecida entre a narrativa metadieгética e a narrativa primeira na qual está inserida.

---

<sup>7</sup> Para evitar a confusão originada pela ambigüidade do termo *narrativa*, Genette (1995, p.25) propõe uma designação própria para cada um dos seus sentidos. Assim, atribui o termo *história* para a acepção de conteúdo narrativo; o termo *narrativa* é empregado para o discurso, o enunciado narrativo, e o termo *narração* para o ato narrativo produtor e, por extensão, o conjunto da situação real ou fictícia na qual toma lugar.

O primeiro tipo confere à narrativa segunda uma função explicativa, ou seja, há uma relação de causalidade entre os acontecimentos da metadiegeese e os da diegeese. São narrativas assumidas por uma personagem que conta a história de outra ou a sua própria.

O segundo tipo consiste numa relação temática, já que não há nenhuma continuidade espaço-temporal entre as narrativas. O contraste ou semelhança temática pode exercer uma função persuasiva, quando a narrativa metadiegetica influencia a situação diegetica.

O terceiro tipo exerce uma função de distração ou obstrução: não há nenhuma relação clara entre os dois níveis da história, pois é o próprio ato de narrar que desempenha tal função.

I.J.F de Jong, no ensaio *Narratological Theory on Narrators, Narratees, and Narrative* estabelece uma classificação semelhante a de Genette ao salientar a possibilidade de um narrador primário encaixar outra narrativa dentro da sua, seja ele mesmo narrando ou tornando um dos personagens um narrador secundário. A autora identifica cinco funções que as chamadas narrativas encaixadas podem exercer em relação à narrativa principal, assinalando a possibilidade daquelas assumirem mais de uma função. Podem ser: (1) explicativas – quando tomam forma de uma analepse que explica o presente; (2) proféticas – quando tomam forma de uma prolepse, que anuncia o que irá acontecer; (3) temáticas – quando há uma semelhança entre a narrativa primária e a encaixada; (4) persuasiva - quando a narrativa encaixada tem como função influenciar o curso dos eventos na narrativa principal; ou (5) distrativa - quando a narrativa encaixada é contada para entreter.

No que tange ao estudo da pessoa narrativa, Genette considera que não se deve fundamentar este tipo de análise na distinção entre formas gramaticais, exemplificada por expressões como “narrativa em primeira ou terceira pessoa”. Uma vez que o narrador sempre estará presente em sua narrativa, podendo nela interferir como tal, todo texto narrativo é, por definição, realizado na primeira pessoa. A questão a ser identificada é se o narrador emprega ou não a primeira pessoa para designar uma das suas personagens e, a partir deste critério, distinguem-se dois tipos de narrativas: uma de narrador ausente da história que conta (heterodiegetico), e outra de narrador presente como personagem na história que conta (homodiegetico). Este último tipo subdivide-se em dois grupos, pois é possível que o narrador esteja presente apenas como testemunha ou observador, exercendo um papel secundário, ou pode ainda ser o herói de sua narrativa (chamado autodiegetico), variedade que representa o grau forte do homodiegetico.

O estatuto do narrador pode ser definido, ao mesmo tempo, pelo seu nível narrativo (extra- ou intradiegetico) e pela sua relação à história (hetero- ou homodiegetico). Genette

(1995, p. 247) apresenta um quadro de dupla entrada, que abrange quatro tipos fundamentais de narrador:

1) extradiegético-heterodiegético – tem como paradigma Homero, narrador do primeiro nível que conta uma história da qual está ausente;

2) extradiegético- homodiegético – paradigma: Gil Blas, narrador do primeiro nível que conta sua própria história;

3) intradiegético-heterodiegético – paradigma: Xerazade, narradora de segundo grau que conta histórias das quais está geralmente ausente;

4) intradiegético-homodiegético – paradigma: Ulisses nos cantos IX a XII da Odisséia, narrador do segundo grau que conta a sua própria história.

De Jong (2004, p.1) ressalta a importância da presença do narrador na narrativa, sendo este o critério considerado, pela maioria dos narratologistas, como o mais importante para se definir se um texto é narrativo ou não. Assim como Genette, Jong estabelece alguns critérios para descrever a identidade, o papel e a atitude do narrador ao longo da história que conta. A primeira questão investigada é a distinção entre narrador interno e narrador externo: chama-se de narrador interno – ou homodiegético, segundo a nomenclatura de Genette – aquele que é também personagem da própria história que conta; o externo, ou heterodiegético, é aquele que, ao contrário do interno, não é personagem da história narrada.

De Jong (2004, p.2) salienta, ainda, que a combinação dos critérios nível narrativo e relação à história são suficientes para descrever a maioria dos narradores da literatura mundial. No entanto, além de identificar a identidade do narrador, a autora investiga também seu possível papel e atitude perante a história contada. Para isso, distingue o narrador aberto do narrador coberto: O aberto é aquele que se manifesta claramente ao longo de sua narrativa. Ele pode ser identificado, por exemplo, quando comenta os eventos que relata ou quando reflete sobre seu papel como narrador. Se, ao contrário, nenhuma dessas características é apresentada, é classificado como coberto. Outro aspecto a ser analisado é o privilégio do narrador, que pode ser medido pelo seu nível de conhecimento sobre o que conta, pelo seu acesso aos pensamentos dos personagens e pela capacidade de mover-se livre e rapidamente pelos vários pontos da história.

Assim como toda narrativa pressupõe a existência de um narrador, podemos afirmar que todo narrador pressupõe um destinatário, ou narratário:

(...) Como o narrador, o narratário é um dos elementos da situação narrativa, e coloca-se, necessariamente no mesmo nível diegético; quer dizer que não se confunde mais, a priori, com o leitor (mesmo virtual) de que o

narrador com o autor, pelo menos não necessariamente. (GENETTE, 1995, p.258)

De Jong (2004, pp.4-6), contudo, salienta a existência de várias combinações possíveis ao se tratar da relação entre narrador e narratário na história que está sendo contada. Uma situação muito comum é que um narrador externo se dirija a um narratário externo, ou seja, nenhum dos envolvidos representa um papel nos eventos contados. O narratário externo ou heterodiegético é facilmente identificado com o leitor virtual, que é, a princípio, indefinido, podendo identificar-se a qualquer leitor real. Esta última afirmação caracteriza uma postura oposta à apresentada por Genette, pois conforme mencionado acima, o teórico francês não admite a possibilidade de identificação entre narratário e leitor.

Ainda segundo Jong, é possível que um narrador externo se dirija a um narratário interno. Esta é uma situação bastante comum nos hinos antigos, quando um narrador conta os feitos de um deus, enquanto se dirige a ele. No verso inicial de *Os Argonautas* observa-se uma circunstância semelhante.

Outra situação possível é que um narrador interno se dirija a um narratário interno, envolvido na história. Porém, é mais freqüente nas narrativas que um narrador interno conte sua história a pessoas que não testemunharam os eventos narrados, ou seja, a narratários externos. Esta é a situação encontrada, por exemplo, no relato de Odisseu ao rei Alcínoo na *Odisséia*, que tem início no verso 19 do canto IX e que se estende aos três cantos seguintes. Nestes versos, Odisseu (narrador interno) conta suas próprias aventuras ao rei dos feácios (narratário externo).

Assim como os narradores primários, os narratários primários podem também classificar-se em abertos ou cobertos. Os narratários abertos podem ser identificados pelas formas “leitor” ou “você”, por exemplo, empregadas pelo narrador. Em relação aos narratários cobertos, é possível sentir sua presença através das explicações que o narrador insere no discurso, visando satisfazer a curiosidade ou negar as expectativas de seu destinatário.

A respeito do narratário secundário, a situação mais comum é quando um personagem A informa ao personagem B sobre algo que A experimentou (narrador secundário interno – narratário secundário externo).

É possível, também, que o personagem A narre ao personagem B eventos em que nenhum dos dois participou (narrador externo secundário – narratário externo secundário) – esta também é uma situação narrativa bastante comum, que pode ser exemplificada por Xerazade contando ao sultão histórias das quais não participaram.

Outra situação possível é que o personagem A recontar na presença do personagem B algo que ambos experimentaram (narrador secundário interno- narratário secundário interno - neste caso é possível encontrar as formas “nós” ou “você”)

Finalmente, há o personagem A contando ao personagem B sobre algo de que B participou (narrador externo secundário - narratário interno secundário). Esta não é uma situação muito comum, mas pode ser exemplificada na *Iliada* I, 396-406, quando Aquiles lembra a mãe Tétis do auxílio prestado no passado pela deusa a Zeus.

#### 4.2. Modos na narrativa

De acordo com Genette (1995, p.160), a informação narrativa tem os seus graus, ou seja, “a narrativa pode fornecer ao leitor mais ou menos pormenores, e de forma mais ou menos direta, e assim parecer (...) manter-se a maior ou menor distância daquilo que se conta”.

Ela pode também escolher o regulamento da informação que dá, segundo as capacidades de conhecimento dos personagens, da qual toma o ponto de vista, adotando, assim, esta ou aquela perspectiva. A perspectiva, assim como a distância são as duas modalidades principais da chamada regulação da informação narrativa, o modo.

Genette situa em Platão, no terceiro livro da República, a origem da abordagem dos problemas de distância. O filósofo faz oposição entre dois modos narrativos: a narrativa pura – quando o poeta fala em seu nome (em discurso indireto), sem a intenção de fazer-nos acreditar que é um outro quem fala – e imitação, ou mimese, quando o poeta procura dar a ilusão de que é uma das personagens que fala e não ele (empregando o discurso direto).

A partir da oposição inicial entre narrativa mimética e narrativa pura, Genette distingue três estados do discurso narrativo:

O discurso narrativizado, ou contado, é tratado como um acontecimento entre outros e, como tal, é assumido pelo próprio narrador. É a forma discursiva mais distante e, em geral, mais redutora, pois, é comum nesta modalidade que pormenores narrativos sejam omitidos.

O discurso imitado é aquele que é relatado de maneira fictícia, tal como é suposto ter sido pronunciado pela personagem. Este tipo de discurso, como observa Genette, é adotado já desde Homero pelo gênero misto da epopéia, que combina diegese e mimese.

Entre o tipo imitado e narrativizado, existe uma espécie de grau intermediário, representado pelo discurso transposto – um pouco mais mimético que o discurso contado, e com a presença sutil de um narrador.

No tocante à perspectiva, ela é entendida como “*o modo de regulação da informação que procede da escolha (ou não) de um ponto de vista restritivo.*” Apesar de ter sido uma questão frequentemente estudada, sobretudo após o século XIX, os equívocos estão presentes, e se originam, segundo Genette (1995, p.184), da confusão entre modo e voz, ou seja, entre as perguntas “*qual é a personagem cujo ponto de vista orienta a perspectiva narrativa?*”, e *quem é o narrador?*, ou entre a pergunta *quem vê?* e a pergunta *quem fala?*. Para amenizar as falhas oriundas destas questões, o autor apresenta o quadro proposto em 1943 por Brooks e Warren<sup>8</sup>, a respeito do foco narrativo, termo equivalente a *ponto de vista*:

	ACONTECIMENTOS ANALISADOS DO INTERIOR	ACONTECIMENTOS OBSERVADOS DO EXTERIOR
<i>Narrador presente como personagem na ação</i>	(1) o herói conta a sua história	(2) Uma testemunha conta a história do herói
<i>Narrador ausente como personagem da ação</i>	(4) o autor ou analista ou onisciente conta a história	(3) o autor conta a história do exterior

Genette salienta que apenas o limite vertical diz respeito ao “ponto de vista” (interior ou exterior), enquanto o horizontal concerne à voz (identidade do narrador). Sendo assim, em relação ao ponto de vista, não haveria qualquer verdadeira diferença entre 1 e 4 e entre 2 e 3.

Considerando apenas as determinações exclusivamente modais, ou seja, aquelas relacionadas ao ponto de vista, estabelece-se uma tipologia de três termos, baseada na nomenclatura instituída por Todorov<sup>9</sup>. Esta classificação pode ser resumida pelas seguintes fórmulas: 1) *Narrador > Personagem* – quando o narrador diz mais do que qualquer personagem poderia saber; 2) *Narrador = Personagem* – quando o narrador diz somente o que certa personagem sabe; 3) *Narrador < Personagem* – a chamada narrativa objetiva, quando o narrador diz menos do que a personagem sabe.

<sup>8</sup> BROOKS, Cleanth; WARREN, Robert Penn. *Understanding fiction*. Nova York: F. S. Crofts, 1943

<sup>9</sup> “Les catégories du récit littéraire”, *communications* 8, 1966.

A partir das fórmulas expostas acima, Genette designa três tipos possíveis de narrativa, de acordo com a focalização: narrativa não focalizada, ou de focalização zero, que corresponde à primeira fórmula; narrativa de focalização interna, e narrativa de focalização externa (neste caso, as ações das personagens são conhecidas, mas não sabemos sobre seus pensamentos e sentimentos). O segundo tipo, a narrativa de focalização interna, pode ser fixo – quando quase nunca abandonamos o ponto de vista de uma personagem, variável, quando há uma alternância de personagem focal, ou múltipla, quando o mesmo acontecimento pode ser evocado várias vezes, segundo o ponto de vista de várias personagens. Este último pode ser exemplificado pelos romances por cartas, por exemplo.

O tipo de focalização pode variar ao longo de uma narrativa e a focalização interna só se realiza plenamente no “monólogo interior”. Sendo assim, não se pode considerar que uma narrativa é de focalização interna se a personagem focal é descrita ou designada do exterior, ou se o narrador analisa objetivamente seus pensamentos e percepções. Uma maneira menos rigorosa de aplicar o termo é tomada de Roland Barthes, na definição de modo pessoal da narrativa. O critério utilizado para se considerar uma narrativa de focalização interna seria, então, a possibilidade de reescrever o segmento narrativo na primeira pessoa, sem que haja qualquer alteração do discurso, exceto a mudança dos pronomes gramaticais, conforme o exemplo seguinte: “James Bond notou um homem de uns cinquenta anos, de modos ainda jovens, etc.” / “notei um homem de uns cinquenta anos, etc.”<sup>10</sup>

### 4.3. Tempo da narrativa

Estudar a ordem temporal de uma narrativa significa confrontar a ordem de disposição dos acontecimentos no discurso narrativo com a ordem de disposição desses acontecimentos na história. Sendo assim, denomina-se *anacronia* qualquer forma de discordância entre essas duas instâncias: a da história e a da narrativa. Genette salienta que toda anacronia compõe uma narrativa temporalmente segunda em relação à narrativa na qual se encaixa, a primeira.<sup>11</sup> Note-se ainda que as relações de subordinação podem ser estabelecidas, em alguns casos, de uma maneira mais complexa que a usual. Isto acontece quando uma narrativa segunda,

---

<sup>10</sup> GENETTE, 1995, p.192

<sup>11</sup> Genette chama narrativa primeira “ao nível temporal de narrativa em relação ao qual uma anacronia se define como tal”.



inserida na narrativa principal, figura também como narrativa principal em relação a uma terceira narrativa a ela encaixada.

Os casos mais comuns de anacronias são representados pela analepse e pela prolepse. A *analepse* é definida como “*toda a ulterior evocação de um acontecimento anterior ao ponto da história em que se está*” e a *prolepse* como “*toda manobra narrativa consistindo em contar ou evocar de antemão um acontecimento ulterior*”<sup>12</sup>.

A analepse é muito comum na narrativa épica e corresponde à necessidade de recuperar algum fato antecedente essencial para lógica narrativa, ou, simplesmente, assume uma função de distração ou obstrução da narrativa primeira.

Este tipo de anacronia classifica-se em externa ou interna. No primeiro caso, a amplitude total da analepse permanece exterior à da narrativa primeira, ou seja, a narrativa encaixada reporta-se a um episódio anterior ao ponto de partida temporal da narrativa principal. O mesmo não acontece com as analepses internas, cujo campo temporal está incorporado na narrativa primeira.

Entre as analepses internas distinguem-se as heterodiegéticas das homodiegéticas. As heterodiegéticas reportam-se a um conteúdo diegético diferente do da narrativa principal, geralmente, sobre uma nova personagem introduzida. Já as homodiegéticas referem-se à mesma linha de ação da narrativa principal. Este último tipo divide-se em duas categorias. A primeira delas, chamada *analepse completiva*, envolve segmentos retrospectivos que preenchem posteriormente uma lacuna anterior da narrativa, que pode ser *elipses* simples, ou seja, falhas na continuidade temporal, ou *paralipses*. Esta se difere da anterior, pois consiste na omissão de um dos elementos constitutivos da situação, num período coberto pela narrativa; não se trata de uma falha estritamente temporal, uma vez que, o segmento diacrônico não é suprimido, embora fatos importantes não sejam mencionados.

O segundo tipo de analepse interna homodiegética é chamada *repetitiva*. Neste caso, a narrativa retorna abertamente ao que foi dito; são alusões da narrativa ao seu passado.

Em relação à amplitude, ou seja, ao período de tempo coberto pela narrativa retrospectiva, as analepses são divididas em parciais ou completas. As analepses parciais são consideradas pontuais, pois a retrospectiva é seguida de uma *elipse*, sem alcançar a narrativa primeira. A função deste tipo de analepse é trazer ao leitor uma informação isolada, importante para a compreensão de algum elemento da ação. A analepse completa, ao contrário da anterior, conduz a narrativa retrospectiva até alcançar a narrativa primeira, cobrindo um

---

<sup>12</sup> GENETTE, 1972, p. 38.

período de tempo maior. Tem por objetivo recuperar a totalidade de um antecedente narrativo, omitido pela prática do início *in medias res*.

O uso da prolepse não é tão freqüente como o da sua figura inversa e pode ser explicado pela necessidade de compensar futuras elipses ou paralipses – e neste caso é chamada de *completiva* – ou para referir-se rapidamente a um acontecimento que será posteriormente contado de forma detalhada – sendo então classificada de *repetitiva*.

Em relação à amplitude, assim como as analepses, a antecipação divide-se se em parcial (o tipo mais comum) e completa – quando se estende no tempo da história até o desenlace ou ao próprio momento narrativo.

É possível, ainda, encontrarmos estruturas ambíguas, ou anacronias complexas, como antecipação sobre antecipação, analepses sobre prolepses e prolepses sobre analepses.

Além de estudar as questões relacionadas à ordem e à freqüência, Genette propõe, também, a comparação entre narrativa e história no que tange à duração, embora, segundo o autor, seja uma tarefa mais difícil do que estudar a ordem e a freqüência. Tal dificuldade deve-se ao fato de não ser tão óbvio medir a duração de uma narrativa.

O chamado grau zero em relação à ordem é a coincidência entre a sucessão diegética e a sucessão narrativa, ou a isocronia entre narrativa e história. Esta coincidência em relação à duração não existe, ou não é verificável, pois, conforme já dito, não é possível medir a velocidade de uma narrativa, e mesmo se considerarmos uma cena de diálogo, o máximo que podemos supor é que este relata tudo o que foi dito, mas não é possível inferir a velocidade em que essas palavras foram pronunciadas nem as possíveis pausas durante a conversação.

Uma maneira possível de definir o isocronismo de uma narrativa é através da comparação entre a duração da história (medida em segundos, minutos, horas, dias, etc.) e a extensão do texto (medido em linhas e páginas). Assim seria possível estabelecer um hipotético grau zero, embora tal análise, segundo Genette, a não ser no nível das grandes unidades narrativas, seria extenuante e desprovida de rigor, pois o tempo da história dificilmente é indicado ou inferível com a precisão necessária.

Teoricamente, quanto às velocidades narrativas, existe uma gradação contínua desde a elipse, ou velocidade infinita – em que um segmento inexistente de narrativa corresponde a uma qualquer duração de história – até a pausa descritiva, caracterizada pela absoluta lentidão, em que qualquer segmento da narrativa corresponde a uma duração diegética inexistente. As duas velocidades intermediárias são a cena, representada, na maioria das vezes, na forma dialogada, na qual se observa uma igualdade convencional entre o tempo da

narrativa e o da história, e a narrativa sumária, ou seja, a narração em alguns parágrafos ou algumas páginas, de vários dias, meses ou anos, sem adição de detalhes de ação ou de palavras. Este tipo de narração é representado na maior parte dos segmentos retrospectivos, principalmente nas analepses completas.

A análise das elipses temporais é realizada a partir da constatação do tempo da história elidido, sendo que essa duração pode ser indicada (elipses determinadas) ou não (elipses indeterminadas). Do ponto de vista formal, dividem-se em:

- a) Elipses explícitas – as que se apresentam pela indicação do lapso do tempo elidido, de forma determinada ou não, sendo assimiladas a rápidos sumários, como “passaram alguns anos”, ou pela elisão simples, com a posterior indicação do tempo suprimido quando se retoma a narrativa.
- b) Elipses implícitas – cuja presença não está declarada no texto, podendo ser inferidas pelo leitor.
- c) Elipse hipotética – a forma mais implícita da elipse, impossível de localizar, e que, posteriormente, revela uma analepse.

## 5. COMENTÁRIOS AO CANTO I

### 5.1 Narradores e narratários

M.P. Cuypers (2004, p.57) salienta que, quarenta e cinco por cento da *Ilíada* e sessenta e sete por cento da *Odisséia* é composta por discurso de personagens, enquanto, no poema de Apolônio, este número diminui para apenas vinte e nove por cento. Ao contrário do narrador dos poemas homéricos, que introduz constantemente narradores secundários, o narrador primário de *Os Argonautas* tende a conduzir a narrativa, focalizando em sua própria pessoa. Essa tendência pode ser observada já no primeiro canto do poema, pois apesar de serem introduzidos outros narradores ao longo deste canto, estes são responsáveis por apenas uma pequena parte da narração.

Os versos iniciais do poema de Apolônio: “Ἀρχόμενος σέο, Φοῖβε, παλαιγενέων κλέα φωτῶν / μνήσομαι...” assemelham-se à poesia épica homérica, não somente pelo uso do hexâmetro, mas também pela tradicional invocação à divindade. Esta semelhança torna-se ainda mais evidente quando se comparam os versos citados à abertura da maior parte dos hinos homéricos, em particular à do *Hino a Apolo*. No *Hino a Selene*, por exemplo, durante a invocação, é empregada uma fórmula de abertura muito semelhante ao início de *Os Argonautas*: “...σέο δ’ Ἀρχόμενος κλέα φωτῶν / ἄσομαι ἡμιθέω...” –“...começando por ti, eu cantarei os feitos gloriosos dos homens semideuses...” (vv. 18-19).

Jenny Strauss Clay, no ensaio *The Homeric Hymns*<sup>13</sup>, aponta as fórmulas de abertura e encerramento como as características mais típicas dos hinos. Ainda segundo Clay, entre as fórmulas de abertura, a mais comum é a que declara na primeira pessoa do singular do presente ou futuro – como, por exemplo, “eu irei lembrar”, equivalente à forma μνήσομαι e ἄσομαι, utilizada pelo narrador de *Os Argonautas* e pelo narrador homérico, respectivamente. A particular relação com o *hino a Apolo* deve-se ao fato de que em ambos os poemas encontrarmos narradores abertos, que se dirigem a um narratário também aberto: o deus Apolo.

De acordo com os critérios estabelecidos por De Jong – já relacionados no item 4.1 – investigaram-se questões relacionadas à identidade, ao papel e à atitude dos narradores de *Os Argonautas* ao longo da história que conta, assim como ao nível narrativo no qual estão inseridos.

<sup>13</sup> In: MORRIS, Ian & POWELL, Barry (eds). *A New Companion to Homer*. Leiden/ New York/ Köln: Brill, 1997, pp. 489-507

A primeira questão investigada é a distinção entre narrador interno e narrador externo. O narrador primário de *Os Argonautas* é identificado como externo, uma vez que, segundo suas próprias palavras, irá lembrar os feitos dos homens de antigamente (vv.1e 2), excluindo-se, portanto, da narrativa. Este se mostra consciente de todos os eventos que formam sua narrativa, assim como dos pensamentos e intenções de seus personagens, o que nos permite classificá-lo ainda como onisciente e onipresente. Os privilégios deste narrador externo podem ser mensurados segundo três critérios, apresentados por De Jong – e já citados no item 4.1. Primeiramente, deve-se identificar se o narrador sabe e revela o fim de sua história; em seguida, é preciso observar também se ele tem acesso aos pensamentos dos personagens e se pode mover-se com facilidade e livremente por vários pontos da história.

Quanto ao primeiro critério nota-se que o narrador conhece bem o desenlace da história, incluindo informações relativas a eventos do passado e do futuro. No canto I, vv.77-85, ele nos informa o futuro de dois argonautas:

De Eubéia veio Cantos, que, por desejar muito,  
 Canetos, o Abantíada, enviou. Ele não devia  
 regressar a Cerinto: era destino que ele,  
 assim como Mopso, hábil na arte da adivinhação, 80  
 morressem, enquanto erravam, nos confins da Líbia.  
 Assim, não há para os homens mal tão distante de alcançar,  
 quando lhes prestam homenagens póstumas na Líbia,  
 tão longe dos Colcos quanto o espaço de tempo  
 que se vê entre o nascente e o ocaso do sol 85

Nos versos 1302-1309, o narrador faz-nos saber o destino dos filhos de Bóreas, informação que vai muito além do que é narrado no poema, pois se refere aos jogos fúnebres em honra a Pélias, assassinado após o retorno dos heróis à Tessália:

Infelizes! Para eles um odioso castigo estava reservado, no futuro,  
 pelas mãos de Hércules, pois impediram sua busca:  
 ao voltarem dos jogos em honra a Pélias, abatido  
 em Tenos, banhada por todos os lados, ele os matou, amontoou terra 1305  
 em volta deles e, por cima, erigiu duas estelas;  
 uma delas, extrema admiração para a vista dos homens,  
 move-se pelo sopro do sonoro Bóreas.  
 E assim era como tudo deveria realizar-se no decorrer do tempo.

Além de dominar a história narrada, o narrador heterodiegético tem acesso aos pensamentos e sentimentos dos personagens: Nos versos 464-470, Idas acusa o Esonida de

covarde, ao vê-lo imóvel e perplexo. No entanto, a perplexidade de Jasão já havia sido explicada pelo narrador nos versos anteriores: o filho de Esão, confuso, lamentava a iminente morte de Idmon:

“Mas, então, o Esonida, impotente, dentro de si, pensava / em cada coisa, como um homem triste.” (vv.460-461).

O acesso do narrador aos sentimentos dos personagens da história caracteriza a focalização encaixada, definida por De Jong (2001, 13) como a representação pelo narrador, no texto por ele apresentado, de uma focalização de personagem, como percepções, pensamentos emoções ou palavras (discurso indireto). Genette (1995, p.195), no entanto, considera que em exemplos como esses, nota-se o emprego da paralepse, representada, por exemplo, por uma *incursão na consciência de uma personagem no decorrer de uma narrativa geralmente conduzida em focalização externa*, consistindo no excesso de informação.

Situação semelhante se apresenta nos versos 1284-1295: no momento em que os Argonautas percebem que Hércules e Hilas haviam sido deixados para trás, Telamon observa a reação de Jasão e interpreta seu silêncio como tranqüilidade, acusando o Esonida de tramar o desaparecimento do filho de Zeus. Porém, o narrador heterodiegético sabe e informa o verdadeiro motivo da quietude do líder dos Argonautas:

Sobreveio entre eles uma violenta discórdia, um tumulto  
indizível, para saber se haviam partido, tendo abandonado 1285  
o melhor de seus companheiros. Desolado pela impotência,  
o Esonida não falava nem num sentido, nem em outro,  
mas permanecia imóvel, consumindo o coração com a penosa  
desgraça...

Nos versos 1251-1252, o excesso de informação fornecida pelo narrador se faz presente mais uma vez, quando este revela o que pensava Polifemo, enquanto procurava por Hilas, recém desaparecido: “Imediatamente, tendo sacado sua grande espada, saiu para procurá-lo/ receoso de que se tornasse presa das aves, ou que, só, /homens preparassem uma emboscada, e conduzissem-no como fácil botim.”.

Este excerto, assim como anterior, constituem também, conforme visto, exemplos de focalização encaixada.

A notável facilidade em mover-se livremente por vários pontos da história enfatiza, também, os privilégios do narrador, uma vez que este se move muito facilmente para o passado ou futuro de sua narrativa, a ponto de estabelecer conexões entre episódios ocorridos em um passado longínquo e o presente narrativo: nos versos 1039-1048, por exemplo, ao

narrar a matança dos Dolíones pelos Argonautas, o narrador nos fornece uma informação que diz respeito ao presente narrativo, quando afirma: “... os habitantes/ honram, ainda hoje, a todos com honras de heróis.” (vv1047-1048); o mesmo se observa nos versos: 1060-1061, sobre a tumba de Cízico - “Ali, ainda agora, / este túmulo se eleva, para ser visto pelos homens vindouros.” e, nos versos 1074- 1077, ainda relacionados à morte dos Dolíones: “Ali, ainda agora, quando, em honra deles, os Jônios, habitantes de Cízico, /vertem libações anuais, moem, continuamente, / o trigo no moinho público para a farinha do bolo ritual.”.

Conforme já foi dito, outro critério possível de classificação está relacionado aos níveis narrativos: Assim, narrador primário, ou extradiegético, pode ser definido como aquele que conta a história principal e cuja voz é a primeira a ser ouvida quando a narrativa tem início; o secundário, ou intradiegético, é aquele que, introduzido por um narrador primário, passa a contar a história em discurso direto. Note-se que os mesmos critérios utilizados para definir a identidade dos narradores podem ser aplicados, de igual forma, aos narratários. Sendo assim, ambos serão investigados, essencialmente, a partir da identificação do nível narrativo e da relação que se estabelece com a história narrada.

Observa-se em *Os Argonautas* uma série de “vozes” que se alternam. Isso significa que o narrador primário – o que se propôs no início do poema a lembrar “os feitos gloriosos dos homens antigos” – em alguns momentos, introduz narradores secundários que passam a narrar suas próprias histórias ou a de outros personagens.

Primeiramente, este narrador extradiegético e heterodiegético (pois não é personagem da história narrada) tem como narratário o deus Apolo (narratário homodiegético), invocado por ele no primeiro verso e, embora o objetivo da narrativa não seja contar exclusivamente os feitos de filho de Leto, deve-se destacar que este deus é a causa da ação do poema, uma vez que é autor dos oráculos que instigaram a busca pelo velocino de ouro. O mesmo é observado nos versos 440-442, quando Idmon (narrador heterodiegético) – interpretando os desígnios de Apolo, através do fogo do sacrifício – revela aos Argonautas (narratários homodiegéticos) que estes serão bem-sucedidos na busca pelo velocino. Note-se, porém, que Idmon, além de heterodiegético, é também narrador intradiegético, ou secundário, o que o diferencia do narrador inicial.

O discurso das mulheres que lamentam o destino dos pais de Jasão (vv.251-259) introduz a primeira mudança de voz do poema. No decorrer deste discurso, há uma referência a história de Frixo e Hele, caracterizando o padrão narrador heterodiegético (ou externo) e narratário heterodiegético, pois nem as mulheres nem Alcímeda são personagens da narrativa

em questão, embora a última sofra indiretamente as conseqüências da fuga de Frixo. O mesmo padrão pode ser observado nos versos 481-484 - quando o adivinho Idmon narra brevemente a Idas a história dos filhos de Aloeu, mortos pelas flechas de Apolo – e nos versos 1315-1325, quando Glauco revela aos Argonautas o futuro de Hércules e Polifemo e o paradeiro de Hílas.

Nos versos 278-291, Alcímeda queixa-se com o filho do destino a ela reservado. O discurso da mãe de Jasão pode ser dividido em três seções: primeiramente, ela lembra do momento em que ouviu as ordens de Pélias a respeito da viagem do filho (narrador homodiegético, narratário homodiegético); em seguida, prevê o destino que a espera (narrador homodiegético e narratário heterodiegético) e finalmente, relembra o nascimento de Jasão e as alegrias experimentadas em sua companhia (narrador homodiegético e narratário homodiegético). A combinação observada na primeira e na última seção se faz presente em outros episódios: Nos versos 336-337, o Esonida afirma a seus companheiros que todos estão destinados a realizar a viagem ao palácio de Eetes e, em seguida, a regressar à Hélade; nos versos 411-419, Jasão faz uma prece a Apolo, lembrando da consulta realizada ao oráculo em Delfos e da promessa recebida da divindade. Finalmente, nos versos 1337-1346, Jasão faz referência às ofensas a que foi submetido por Telamon, caracterizando uma narrativa da qual ambos participaram.

O padrão observado na segunda seção – quando um personagem A conta a um personagem B sobre algo que A vivenciou (narrador homodiegético e narratário heterodiegético) – é o mais abundante ao longo da narrativa e pode ser notado: nos versos 299-302, nos quais Jasão informa a Alcímeda sobre o oráculo favorável recebido do deus Apolo; nos versos 359-362, quando, mais uma vez, Jasão conta o oráculo, desta vez aos Argonautas; em parte da narrativa profética de Idmon aos Argonautas, através da qual ele revela a iminência de sua morte aos companheiros de viagem (vv. 443-447); no discurso de Polyxo às mulheres de Lemnos (vv.689-692), quando a ama de Hipsípila evoca também a aproximação de sua morte; nos versos 796-826, quando Hipsípila explica a Jasão o motivo da ausência de homens na ilha de Lemnos e finalmente, no discurso Polifemo nos versos 1257-1260, quando este comunica o desaparecimento de Hílas a Hércules.

De igual importância é a investigação do papel e da atitude do narrador perante a história que conta. Conforme já foi dito no item 4.1, De Jong distingue o narrador *aberto* do narrador *coberto*:

No início do poema de Apolônio de Rodes nota-se a presença de um narrador aberto, ainda que anônimo que, por sua vez, direciona-se a um narratário também aberto, mas



nomeado – o deus Apolo, evocado no primeiro verso pelo epíteto Φοῖβε. O uso do referido vocativo, do particípio ἀρχόμενος, “começando”, e da forma verbal μνήσομαι - “eu rememorarei”, na primeira pessoa do singular do futuro médio são, conforme observa De Jong, artifícios através dos quais o narrador chama a atenção para seu papel, e que nos permite, distingui-lo de um narrador coberto. Ao longo do poema, há outros indícios de uma intervenção direta no curso da narrativa. Nos versos 18-22, por exemplo, que antecedem o catálogo dos heróis, o narrador primário situa o seu narratário a respeito de seu programa narrativo, informando-o que irá iniciar a narrativa pela exposição dos nomes e das origens dos heróis que participaram da expedição. Nota-se no verso 20, o uso do pronome pessoal de primeira pessoa ἐγώ, enfatizando a presença do narrador:

Os aedos de outrora ainda celebram Argos ter  
 construído a nau, segundo os preceitos de Atena.  
 Agora, eu gostaria de narrar a origem e os nomes dos heróis,                     20  
 seus longos trajetos pelo mar e tudo o que realizaram  
 em suas errâncias. Que as Musas inspirem meu canto!

Além dos exemplos citados acima, destacam-se outros, como o do canto I, vv.915-921, versos nos quais o narrador declara que não irá narrar sobre a iniciação dos Argonautas na ilha de Samotrácia. Esse silêncio do narrador é explicado, segundo Cuypers, por decoro religioso, já que aquele afirma não ser apropriado cantar sobre os deuses e os mistérios da ilha:

À noite, sob a ordem de Orfeu, chegaram   915  
 à ilha de Electra Atlântida, para que, conhecendo  
 os misteriosos ritos, com as doces cerimônias de iniciação,  
 pudessem, sãos e salvos, navegar sobre o mar gelado.  
 Deles, todavia, não irei contar mais: que se saúde  
 esta ilha, assim como os deuses que nela habitam, a quem coube,                     920  
 pela sorte, aqueles mistérios, que não nos é permitido contar.

A omissão de informação, observada no exemplo acima, caracteriza o emprego da paralipse, uma vez que o narrador fornece menos informação do que realmente tem.

As intervenções do narrador, no entanto, nem sempre possuem um motivo declarado. Nos versos 640-648, a história de Etálida, filho de Hermes é contada. Contudo, no último verso, o narrador indaga sobre sua motivação narrativa, ou seja, analisa a necessidade de prosseguir sua narrativa, de acordo com suas intenções:

Enquanto isso, os heróis enviaram da nau 640  
 Etálida, o ágil mensageiro, a quem encarregaram  
 de cuidar das mensagens e do cetro de Hermes,  
 seu pai, que lhe havia dado uma memória imperecível.  
 Nem mesmo agora, que partiu para os redemoinhos  
 terríveis do Aqueronte, o esquecimento invadiu sua alma. 645  
 Mas o destino determinou que ela alternasse sempre,  
 ora entre aqueles que habitam sob a terra, ora, voltando ao brilho  
 do sol, entre os homens vivos. **Mas por que é necessário  
 que eu conte, em detalhe, os mitos de Etálida?**

Também no verso 1211 do canto, faz-se referência, em uma analepse, à infância de Hílas e à morte de seu pai, Teodomante. No entanto, no verso 1220, a narrativa é interrompida com a constatação do narrador de que a continuidade desta o afastaria de seus objetivos:

Ἄλλὰ τὰ μὲν τηλοῦ κεν ἀποπλάγξειεν ἀοιδῆς.  
 “Mas isto [esta narrativa] me desviaria para longe do meu canto”

A inserção dessa narrativa retrospectiva provoca o retardamento do ritmo – definido pela relação entre o tempo da narrativa e o tempo da história. Nos versos anteriores à referida analepse, o assunto da narrativa era o afastamento de Hílas do grupo de heróis para buscar água para a ceia. Neste ponto a narrativa é interrompida e o narrador passa a relatar episódios relacionados à infância do herói, o que adiciona tensão à narrativa, uma vez que o relato do posterior desaparecimento do companheiro de Hércules é adiado.

A presença do narrador pode ser percebida também quando este expõe sua opinião a respeito do que está sendo narrado ou atribui termos valorativos aos personagens e eventos. Cuypers (2004, p.51-52) salienta que esta última característica, abundante no texto de Apolônio, é encontrada, nos poemas homéricos quase que exclusivamente no discurso de personagens, uma vez que o narrador primário destes poemas, que se declara dependente da sabedoria das Musas, não costuma interferir na narrativa.

Durante o catálogo dos heróis, o narrador expressa sua opinião a respeito de Côronos, filho de Ceneu: “Tendo deixado a opulenta Girton, chegou Côronos, / o Cenida, valente, não superava seu pai” (vv.57-58). O mesmo pode ser observado nos versos 103-104, nos quais analisa a participação de Teseu e Pirítoos na expedição dos Argonautas: “certamente os dois / poderiam tornar mais fácil para todos o fim do esforço.” (vv.103-104); Ainda durante o catálogo (vv. 122-123), comenta (usando a primeira pessoa do plural “πυυθόμεθα”, do verbo “πυυθάνομαι”) a inclusão de Hércules na lista de tripulantes, contrariando a expectativa de que o filho de Zeus não participara da viagem:

Não ouvimos dizer que a força de Hércules,  
 de coração forte, descuidou o desejo do Esonida.  
 Mas, quando ouviu os rumores de que os heróis se reuniam,  
 tendo percorrido o caminho da Arcádia a Argos Lirceu – 125  
 o caminho pelo qual levava um javali vivo, que pastava nos vales  
 de Lampéia, pelo grande pântano Eurimantion –  
 a ele, na ágora principal de Micenas, envolto  
 em cordas, sacudiu seu largo dorso,  
 e, por sua própria vontade, contrário ao pensamento de Euristeu, 130  
 partiu...

Também no verso 196, o uso da forma verbal οἶω, “eu penso, eu creio”, sinaliza a expressão da opinião do narrador a respeito de Meleagro:

Assim, Meleagro, ainda na adolescência, entrava no grupo muito corajoso  
 de heróis. Eu creio que não chegou nenhum outro  
 superior a ele, exceto Hércules...

Termos valorativos podem ser encontrados também nos versos 609-619, nos quais o narrador relata o crime cometido pelas mulheres da ilha de Lemnos, que são qualificadas de μέλεια, “infelizes”, pois cometeram νηλειῶς, “sem piedade”, um crime λευγαλέος, “deplorável”; no verso 951, chama os Filhos da Terra de ἔκπλαγοι, “terríveis”, no verso 1037, qualifica a matança do rei Cízico e de seu povo de ἄδευκῆς, “amarga”, “odiosa” e no verso 1302 designa os filhos de Bóreas como σχέτλιοι, “desgraçados”, infelizes”.

Não são estas as únicas evidências da presença de um narrador aberto ao longo da narrativa. O uso da primeira pessoa, de termos valorativos, dentre outros recursos, revelam a existência de um narrador consciente de seu papel de organizador do texto, que emite opinião pessoal, e que decide o que merece ser narrado detalhadamente ou o que, ao contrário, não deve ser mencionado.

## 5.2. Modo da narrativa: os tipos de discurso

Conforme já foi dito, a narrativa de falas pode fornecer ao leitor mais ou menos pormenores, de uma maneira mais ou menos direta, o que sugere uma maior ou menor distância do que se conta. Os diferentes graus de distância em *Os Argonautas* podem ser identificados pelo emprego alternado de um discurso narrativizado, ou seja, mais redutor e, conseqüentemente, mais distante, e de um discurso imitado, relatado ficticiamente pelo

narrador, com uma maior impressão de fidelidade, pois, neste caso, o próprio personagem parece tomar a palavra.

No primeiro canto, além do narrador primário, outros quinze personagens ou grupo de personagens tomam a palavra. No entanto, visivelmente, a maior parte da narrativa é conduzida em discurso narrativizado, o que condiz com a tendência geral da obra.

Na *Iliada*, observa-se o emprego do discurso imitado já no verso dezessete do primeiro canto, quando Crises, sacerdote de Apolo, implora aos Aquivos a devolução de sua filha, mediante pagamento de um resgate. Também na *Odisséia*, no verso trinta e dois, o discurso de Zeus, na ocasião da assembleia dos deuses, é reproduzido pelo narrador da maneira como teria sido pronunciado pelo próprio deus. Todavia, em *Os Argonautas*, a primeira mudança de voz é anunciada apenas no verso duzentos e quarenta. Nesta ocasião, o narrador primário narra a marcha dos argonautas em direção ao navio que os conduzirá até a Cólquida, reproduzindo em discurso imitado o que teria sido dito pela multidão que acompanhava os heróis em sua marcha:

“Zeus soberano, qual o pensamento de Pélias? A que lugar  
fora da terra da Acaia ele envia tão numerosa tropa de heróis?  
No mesmo dia, poderiam incendiar com fogo destruidor o palácio  
de Eetes, se ele não lhes entregassem, de bom grado, o velocino.       245  
Mas não se pode evitar esta viagem, esforço impossível para os que  
seguem.”

Em seguida (vv. 251-259), ele relata, também em discurso imitado, a fala das mulheres que lamentam o destino de Alcímeda e Esão, pais de Jasão, precedida por uma prece aos deuses, referida em discurso indireto: “(...) as mulheres/ levantavam muitas vezes as mãos ao céu para os imortais/ , rogando que concedessem o termo do regresso, prazeroso.” (vv.247-249). Após a intervenção das mulheres, a narrativa passa a ser conduzida pelo narrador primário, que expõe, brevemente, e de forma narrativizada, as palavras do Esonida: “Jasão, todavia, apaziguava o sofrimento deles/ animando-os; ordenou que seus servos trouxessem suas armas/ de guerra...” (vv.265-267).

Novamente, é introduzido um narrador secundário interno: a mãe de Jasão, que se dirige ao Esonida evocando todos os sofrimentos a que seria submetida após a partida do filho (vv.279 -291). O narrador primário toma, então, a palavra, anunciando a resposta de Jasão à mãe, na tentativa de consolá-la (vv.295-305). A alternância entre discurso imitado e narrativizado é observada durante todo o poema. Sendo assim verifica-se, não somente no primeiro canto, a presença do texto do narrador – partes da narrativa que são apresentadas pelo narrador – intercalado com as falas de personagens, apresentadas em discurso imitado.

Note-se ainda que, o texto do narrador pode ser simples (quando o narrador apresenta sua própria focalização) ou de focalização encaixada (quando é apresentada a focalização de um personagem).

Nos versos 327-328, é anunciada, através do texto do narrador, a realização de uma assembleia, organizada pelo filho do Esonida: “Jasão, todavia, absteve-se de fazer perguntas aos dois/ e mandou-os sentar reunidos em assembleia”. Nos versos, seguintes (331-340), não mais em discurso narrativizado, as palavras de Jasão são reproduzidas pelo narrador primário. O Esonida reúne os companheiros com o intuito de que fosse escolhido “τὸν ἄριστον”, o melhor dentre os homens, para chefiar a expedição (vv.338-341). Imediatamente após o discurso do filho de Esão, o narrador anuncia a escolha de Hércules como guia, que recusa o convite, afirmando que o único homem capaz de chefiá-los seria aquele que os tinha reunido, ou seja, o próprio Jasão (vv. 345-347): “Que ninguém me conceda esta glória, pois eu não me deixarei / persuadir, assim como impedirei um outro de levantar-se / Que aquele que nos reuniu também comande nosso grupo”.

Após a fala de Hércules, evidencia-se, novamente o texto do narrador, quando este introduz o discurso de Jasão, que instrui seus companheiros a respeito dos preparativos para a viagem (vv.351-362):

“Se concedeis a mim a honra de cuidar de vós,  
então, que nada impeça, como antes, a viagem.  
E agora, depois de agradarmos a Febo com sacrifícios,  
preparemos, imediatamente, os banquetes. Até que cheguem  
meus escravos, guias dos estábulos, aqueles que cuidam de 355  
conduzir até aqui os bois bem escolhidos do rebanho,  
poderíamos, então, lançar a nau no mar e, depois de dispor  
todos os equipamentos, sortear os remos, pelos bancos.  
Enquanto isso, então, um altar, na praia, erijamos  
a Apolo, deus dos embarques, que, por um oráculo, prometeu-me 360  
mostrar e indicar os caminhos do mar, se com sacrifícios  
a ele eu começasse a trabalhar para o rei.”

Nos versos seguintes, após uma longa seção, na qual é relatado o cumprimento das instruções de Jasão (vv.363-410), reproduz-se mimeticamente a prece do Esonida a Apolo, através da qual o filho de Esão pede a proteção e a direção do deus durante o percurso, prometendo-lhe em troca, inúmeros sacrifícios e dons. Jasão estende sua fala até o verso 424. Em seguida, narra-se o ritual de sacrifício que antecede a partida dos Argonautas: os bois são degolados, despedaçados e suas carnes e gorduras são queimadas sob um tronco; nesta ocasião, o adivinho Idmon contempla o fogo do sacrifício, revelando, então, (VV. 440-447),

os desígnios do filho de Leto. A profecia é revelada através das palavras do próprio adivinho, caracterizando novamente a narrativa mimética:

“O destino que os deuses reservaram para vós é retornar aqui 440  
trazendo o velocino; porém, neste intervalo, até lá e  
durante o regresso, os trabalhos são inumeráveis.  
Mas, para mim foi decidido por decisão terrível de uma divindade  
morrer longe daqui, em alguma parte do continente asiático.  
Assim, sabendo já, desde antes, pelas aves funestas 445  
a minha sorte, deixei minha pátria para embarcar  
na nau, e graças a esse embarque, a glória permanece em minha casa”

O discurso imitado é utilizado também nos versos 463- 471, para relatar as palavras de Idas que, irritado com o Esonida, acusa-o de covarde. A ofensa de Idas suscita uma discussão entre ele e o adivinho Idmon, relatada em fala direta nos versos 476- 484 e 487-491.

A partir do verso 492, o narrador primário retoma o discurso por cento e cinquenta e cinco versos, até que, no verso 658, a narrativa mimética é empregada para descrever a fala de Hipsípila perante as mulheres de Lemnos; Polyxo, ama de Hipsípila também se pronuncia durante a assembleia (vv.676-696), acatando os conselhos de sua senhora, que anuncia o envio de uma mensageira a nau dos estrangeiros (vv.701-702); percebendo a aproximação de Ifínoe, os Míniás interrogam o motivo da chegada; ao contrário das falas anteriores e da posterior resposta de Ifínoe (vv.712-716), o discurso dos Argonautas é narrativizado e reduzido a poucas palavras: “(...) eles indagaram/ com que interesse ela chegou até ali.” (vv.709-710).

Nos versos 793- 833, Hipsípila conta a Jasão o motivo pelo qual a cidade de Lemnos encontrava-se ausente de população masculina e convida-o pessoalmente a habitar a ilha, convite recusado por Jasão, que alega a necessidade de cumprir suas provas (vv.836-841). A fala de ambos é apresentada em discurso imitado, assim como as palavras de Hércules nos versos 865-874 quando, irritado com seus companheiros, repreende-os pela permanência prolongada entre as lemnenses. A censura do filho de Zeus acarreta a partida dos argonautas, que é precedida por um diálogo de despedida entre Hipsípila e Jasão (vv.888-909).

A partir de então, o texto do narrador novamente se faz presente, até o verso 1091; ao contrário do diálogo acima referido, a conversa estabelecida entre Cízico, rei dos Dolíones, e os Argonautas é resumida pelo narrador primário, através do discurso narrativizado (vv.980-983):

Interrogavam-se uns aos outros, alternadamente. Perguntava-lhes 980  
qual era o objetivo de sua viagem e quais as ordens de Pélias:

E eles informavam-se sobre as cidades dos povos vizinhos  
e sobre todo o golfo da vasta Propôntida; mas  
não soube contar mais, embora desejassem saber.

A narrativa mimética só é empregada novamente nos versos 1092-1102, nos quais Mopso interpreta para o Esonida o vó profético do alcião:

“Esonida, é necessário que tu subas este lugar sagrado  
da áspera Díndimo, para aplacar a Mãe, de belo trono,  
de todos os bem-aventurados, e as tempestades violentas  
cessarão; pois eu acabei de ouvir tal presságio  
do alcião do mar que, por cima de ti, enquanto  
dormias, voou ao seu redor, anunciando tudo isso. 1095  
Graças a ela, os ventos, o mar, o mais profundo da terra  
e a morada nevoenta do Olimpo foram testadas,  
e a ela, quando sobe das montanhas até o vasto céu, 1100  
o próprio Zeus Cronida cede lugar, assim como os outros  
imortais bem-aventurados honram esta terrível deusa.”

Jasão comunica a mensagem aos seus companheiros, porém, não se observa o recurso empregado frequentemente em Homero, que se caracteriza pela repetição da informação a ser transmitida em discurso direto. Neste caso, narrador primário apenas relata de maneira muito resumida, em uma narrativa sumária, que a profecia foi comunicada: “Levantou alegre de seu leito e, apressado, fez levantar/ todos os companheiros; despertos, contou-lhes/ as predições do Ampicida Mopso.” (vv. 1104-1106).

Emprega-se o discurso imitado novamente no verso 1257; nesta ocasião Polifemo informa Hércules do desaparecimento de Hílas. O filho de Zeus sai à procura de seu companheiro e acaba acidentalmente abandonado pelos argonautas, que seguem viagem sem perceberem a falta dos dois heróis. Na manhã seguinte, quando todos notam a ausência dos dois, Telamon, irritado com Jasão, acusa o Esonida de ter abandonado Hércules deliberadamente. Mediante a acusação de Telamon, Glauco emerge do fundo do mar e anuncia, também em discurso imitado, o destino de Hílas e seu companheiro (vv.1315-1325):

“Por que, contra a vontade do grande Zeus, desejais  
conduzir o valente Hércules à cidade de Eetes? 1315  
Seu destino é realizar, em Argos, para o presunçoso Euristeu,  
todos os doze trabalhos, suportando muitas fadigas,  
e habitar a morada dos imortais, se já tiver realizado os poucos  
que faltam; assim, que não haja nenhum pesar por ele. 1320  
A Polifemo, por sua vez, foi outorgado pela sorte  
Chegar ao termo da vida na imensa terra dos Cálibes, após edificar,  
nas desembocaduras do Kios, uma ilustre cidade para os Mísios.  
Quanto a Hílas, uma deusa, uma Ninfa, por amor, tornou-o seu

esposo e, por causa dele, que se afastaram, foram abandonados.” 1325

Ao tomar conhecimento dos fatos, Telamon desculpa-se com Jasão e este responde ao Eacida, afirmando não guardar cólera contra ele; a fala de ambos é relatada mimeticamente. Este diálogo encerra o discurso de personagens no primeiro canto e a narrativa volta a ser conduzida até o fim pelo narrador primário.

### 5.3 Anacronias e velocidade narrativa

Conforme já mencionado, a narrativa de *Os Argonautas* tem início com uma invocação a Apolo, obedecendo ao estilo épico. No próêmio, compreendido nos vinte e dois primeiros versos, o narrador expõe de maneira resumida o propósito desta narrativa: lembrar as aventuras dos homens que, sob a ordem do rei Pélias, partiram na nave Argo em busca do velocino de ouro.

Considerando-se como narrativa principal o relato da viagem dos Argonautas – incluindo os preparativos que a antecedem – e como ponto de partida a apresentação do catálogo dos heróis, nota-se uma série de narrativas encaixadas, que se referem tanto ao passado, quanto ao futuro, caracterizando, respectivamente, o emprego da analepse e da prolepse.

Logo no início da narrativa, no quinto verso do poema, a primeira anacronia é observada, quando se relata, em analepse, o oráculo ouvido pelo rei, segundo o qual este pereceria por um homem que fosse visto sair entre o povo calçado com uma só sandália. O narrador estende a digressão até o verso 19, expondo os acontecimentos seguintes ao oráculo. Este recurso narrativo, ou seja, o uso de uma analepse explicativa, mostra-se essencial, à medida que recupera os antecedentes necessários à compreensão da lógica narrativa.

Nos versos seguintes (20-233) o narrador introduz o catálogo dos heróis que partiram com Jasão na nave Argo. O anúncio do catálogo é seguido de uma nova invocação, dessa vez às Musas inspiradoras do canto. Ao longo desses 213 versos, o narrador insere uma série de pequenas analepses que relatam episódios da vida de cada herói mencionado, como por exemplo, nos versos 40-44, que se dedicam a Polifemo, nos quais se faz referência ao combate entre o Ilatida e os Centauros, no passado. No entanto, estas analepses, ao contrário da empregada no próêmio, não oferecem informações muito relevantes para a compreensão da narrativa principal: os dados revelados contribuem muito pouco, ou quase nada, para elucidar os eventos retrospectivos e prospectivos relacionados à viagem. De fato, algumas narrativas



encaixadas parecem corresponder ao gosto helenístico pela erudição, sendo esta uma ocasião oportuna para o narrador do poema demonstrar seu conhecimento sobre os mitos e a geografia helênica. No verso trinta e cinco, por exemplo, ao apresentar Asterião, o narrador fornece informações detalhadas a respeito do local de habitação do herói:

35

Chegou, em seguida, Asterião, que Cometes  
engendrou, junto às águas do turbulento Apídano,  
em Pirésia, perto do monte Filéio, que ele habitava,  
lá onde o grande Apídano e o divino Enipeu,  
vindos de longe, unem-se, tornando-se um só.

O uso da analepse se faz presente ao longo de toda a narrativa: nos versos 256-259, que relatam o discurso das mulheres, na ocasião da partida dos heróis, observa-se uma breve referência a Frixo e ao carneiro alado:

Uma negra onda deveria ter tragado Frixo, junto com o carneiro,  
quando a virgem Hele morreu; mas o monstro funesto  
deixou escapar uma voz humana, para, mais tarde,  
causar a Alcímeda inúmeras dores e sofrimentos.

O mito referente ao velocino está diretamente relacionado á expedição liderada por Jasão. O narrador, no entanto, não fornece a princípio muitos detalhes a respeito, o que caracteriza o emprego da paralipse: embora o narrador tenha total conhecimento da história, prefere, a princípio, omitir informações. É somente no final do segundo canto, através do diálogo entre Argos, filho de Frixo, e Jasão, é possível entender melhor a conexão existente entre a viagem dos Argonautas e o velocino de ouro. Nos versos 1141-1151, Argos revela sua linhagem ao Esonida:

De um tal Frixo, filho de Éolo, que chegou a Ea da Grécia,  
Eu creio que, em verdade, vós mesmos já ouvistes falar antes,  
de Frixo, que chegou a cidade de Eetes,  
montado em um carneiro, que Hermes, então, transformou  
em ouro: e ainda hoje poderíeis ver sua pele.  
Em seguida, seguindo o conselho do próprio animal, Frixo  
sacrificou-o a Zeus Crônida, protetor, entre todos, dos fugitivos.  
E Eetes acolheu-o em seu palácio e entregou-lhe sua filha  
Calcíope, sem presentes de casamento, com alegria no pensamento;  
de ambos somos descendência, mas Frixo, velho, já morreu  
no palácio de Eetes...

Observa-se nesta narrativa o emprego da regressão épica, forma múltipla de composição em anel, caracterizada pela menção a um evento, pessoa ou objeto, seguida do retorno ao passado e um posterior avanço no tempo, até que o ponto de partida seja novamente alcançado. De Jong (2001, p. 14) observa ainda que a regressão épica é geralmente introduzida pela partícula γάρ ou um pronome relativo, fato observado no verso 1143 do referido exemplo – Φρίξον, ὅτις πτολίεθρον ανήλυθεν Αιήταο - no qual se verifica o emprego do pronome relativo ὅτις, forma épica equivalente a ὅστις,

Nos versos seguintes (1192-1195), Jasão pede ajuda aos filhos de Frixo para cumprir a tarefa de levar até a Grécia o velocino e expõe o objetivo de tal tarefa:

... pois conduzo esta expedição para expiar  
O sacrifício de Frixo, cólera de Zeus contra os filhos de Éolo.

A missão de expiar o sacrifício a que Frixo seria submetido é mencionada pela primeira vez, e o mito do sacrifício do carneiro é referido novamente. Embora não sejam fornecidas informações detalhadas a respeito da narrativa deste sacrifício – o que pode ser explicado pela constatação do próprio personagem Argos, nos versos 1141- 1142, que crê na fama da história de Frixo – o discurso do Esonida, assim como o de Argos, complementa a informação fornecida de maneira alusiva na breve analepse do primeiro canto. Observa-se, então, que a paralipse supracitada é aplicada em conjunto com a técnica da revelação gradual, que ocorre quando a informação a respeito de algo anunciado previamente é apresentada de maneira gradativa.

A narrativa da viagem é precedida por uma série de preparativos, que incluem uma prece e um sacrificio a Apolo. Nos versos 359-362, Jasão ordena a preparação do sacrifício, aludindo a promessa feita pelo deus flecheiro:

Enquanto isso, então, um altar, na praia, erijamos  
a Apolo, deus dos embarques, que, por um oráculo, prometeu-me 360  
mostrar e indicar os caminhos do mar, se com sacrifícios  
a ele eu começasse a trabalhar para o rei.”.

A consulta ao oráculo já havia sido citada em uma pequena analepse, inserida no catálogo dos heróis, vv.207-210, e é novamente lembrada pelo Esonida durante a prece a Apolo, nos versos 411-416:

Escuta, senhor, que habitas Págasas e a cidade de Esão  
que leva o nome de nosso pai, tu que me prometeste,  
ao consultar teu oráculo em Delfos, mostrar a realização e o fim

de minha viagem, pois tu és o motivador dos meus trabalhos.

Durante a realização do sacrifício, descrita nos versos 425-439, Idmon, ao contemplar o fogo das vítimas queimadas, revela os desígnios de Letô, em uma narrativa profética, o que caracteriza o emprego da prolepse. A esta prolepse segue-se uma analepse, através da qual o adivinho recorda o momento em que saiu de sua terra para embarcar na nave Argo, já tendo conhecimento de que não iria retornar (vv.445-447):

Assim, sabendo já, desde antes, pelas aves funestas 445  
a minha sorte, deixei minha pátria para embarcar  
na nau, e graças a esse embarque, a glória permanece em minha casa”

A analepse é novamente empregada pelo adivinho, nos versos 481-483. Nesta ocasião, não para se referir ao próprio passado, mas pra lembrar a morte dos filhos de Aloeus por Apolo, tendo por o objetivo convencer Idas a aplacar sua fúria contra Jasão:

Dizem que os filhos de Aloeus proferiram, outrora, injurias como estas  
contra os imortais, aos quais não te igualas em valentia.  
Contudo, ambos foram mortos pelas rápidas flechas  
do filho de Letô, embora fossem fortes

Na tentativa de evitar a iminente discórdia entre Idas e Idmon, Orfeu, tomando a cítara, canta. Nos versos 494-511, o narrador heterodiegético resume o objeto do canto do filho de Egeu: são feitas alusões aos Ciclopes, aos Titãs e à separação da terra, céu e mar e à infância de Zeus. Nestas breves analepses, nenhuma das referências é importante para a compreensão dos rumos da narrativa principal. Os acontecimentos narrados situam-se em uma esfera temporal distanciada do presente narrativo, parecendo exercer somente a função de distração.

Exemplo diferente é o encontrado nos versos 609-633, quando é relatado o massacre dos homens de Lemnos por suas esposas. Ao contrário do exemplo acima, esta analepse é essencial para esclarecer o motivo da ausência de população masculina na ilha. Nos versos 798-826 – a mais extensa narrativa retrospectiva do primeiro canto – o massacre é novamente aludido. Desta vez, não pelo narrador primário, mas por uma das personagens, Hipsípila, que conta a Jasão o motivo pelo qual a cidade encontra-se desabitada de homens. A narrativa é repetida, agora com um novo desfecho, pois Hipsípila desejou omitir o crime cometido.

Dois pequenas narrativas encerram os exemplos de analepse do canto I: nos versos 769-773, o narrador primário faz referência à lança de Jasão, lembrando a ocasião na qual o Esonida a recebeu, como presente de hospitalidade:

Jasão tomou em sua mão direita a lança, que fere de longe. Atalante,  
 outrora, no Menalo, lhe oferecera como presente de hospitalidade, 770  
 indo ao seu encontro cheia de boa vontade; desejava muito segui-lo  
 na viagem, mas ele, voluntariamente, detinha a jovem,  
 pois teve medo das terríveis discórdias causadas pelo amor.

A última analepse, também narrada pelo narrador primário em poucos versos (1211-1220) é constituída pelo episódio no qual Hércules mata Theodamas, pai de Hilas, e, em seguida, leva o companheiro, ainda criança, da casa do pai:

Pois, na verdade, em tais costumes Hércules o instruía,  
 após tê-lo levado, na primeira infância, da casa de seu pai,  
 o divino Theodamas que, em Dríopes, ele matou sem piedade,  
 em uma disputa por boi que lavra a terra. 1215  
 Theodamas fendia os campos de um alqueire  
 com a charrua, ferido pela tristeza; Hércules ordenava  
 que lhe entregasse o boi lavrador, contra a sua vontade.  
 Desejava, em verdade, um pretexto infeliz para levar a guerra  
 aos Dríopes, pois viviam sem preocupar-se com a justiça.  
 Mas isto me levaria para longe do meu canto. 1220

Assinala-se que, embora já tenha havido, na página 88, referência à prolepse, ela é empregada pela primeira vez na narrativa nos quatro primeiros versos, nos quais, como já foi dito, o narrador faz menção ao que será narrado, posteriormente, de forma minuciosa, como, por exemplo, a passagem da nau Argo através das Rochas Cianéias (relatada no canto II, vv. 531-605). Este recurso narrativo é utilizado no decorrer do poema, embora não seja tão usual quanto à figura inversa, a analepse.

Além do exemplo citado acima, registram-se outros: no catálogo dos heróis há uma referência à morte de Cantos e Mopso:

De Eubéia veio Cantos, que, por desejar muito,  
 Canetos, o Abantíada, enviou. Ele não devia  
 regressar a Cerinto: era destino que ele,  
 assim como Mopso, hábil na arte da adivinhação, 80  
 morressem, enquanto erravam, nos confins da Líbia.

A morte de ambos é narrada de maneira detalhada apenas no último canto do poema, nos versos 1483-1531: Cantos é assassinado enquanto tentava roubar os rebanhos de Cafauro. No mesmo dia, Mopso é envenenado, ao ser mordido por uma serpente.

Durante a prece destinada ao filho de Leto (vv.411-424), constata-se, também, o uso da prolepse, marcada pelo uso do advérbio ὀπίσσω, “em seguida”, “no porvir” (v. 416). Este advérbio contrasta com a forma νῦν, empregada no verso anterior, e assinala o início da narração de acontecimentos futuros, referentes ao final da viagem dos Argonautas: Jasão promete a Apolo numerosos sacrifícios e infinitos dons, que seriam levados a Delfos e Ortígia.:

Agora, tu mesmo guia a nau com meus companheiros sãos e salvos 415  
até lá e de volta à Hélade. Mais tarde, para ti, ofereceremos  
uma vez mais, sobre o altar, sacrifícios magníficos de  
tantos touros quantos forem os que regressarmos. E, tanto em Delfos,  
quanto em Ortígia, levarei infinitos dons.

Esta prolepse compensa uma futura elipse, pois a narração da viagem dos Argonautas tem seu término com a chegada dos heróis ao porto de Págasas, ponto de partida da viagem, sendo omitida, portanto, a narração destes futuros rituais de sacrifícios que seriam oferecidos ao deus.

A morte de outro personagem é também anunciada em forma de prolepse nos versos 440-447, que constituem o discurso do adivinho Idmon, ao revelar os desígnios do filho de Letô. Nesse momento ele declara que Jasão retornará à Tessália trazendo o velocino de ouro e prediz sua própria morte em algum lugar do continente asiático:

O destino que os deuses reservaram para vós é retornar aqui 440  
trazendo o velocino; porém, neste intervalo, até lá e  
durante o regresso, os trabalhos são inumeráveis.  
Mas, para mim foi decidido por decisão terrível de uma divindade  
morrer longe daqui, em alguma parte do continente asiático.

A morte do adivinho, ferido por um javali, é narrada em detalhes pelo narrador primário no canto II, vv.815-841, o que permite classificar a referida prolepse em repetitiva, uma vez que o narrador secundário apenas antecipa uma narrativa posterior. O mesmo não pode ser declarado a respeito da prolepse contida nos versos 1297-1309, nos quais se anuncia o destino de Zetes e Calais, filhos de Bóreas:

Infelizes! Para eles um odioso castigo estava reservado, no futuro,  
pelas mãos de Hércules, pois impediram sua busca:  
ao voltarem dos jogos em honra a Pélias, abatido  
em Tenos, banhada por todos os lados, ele os matou, amontoou terra 1305  
em volta deles e, por cima, erigiu duas estelas;  
uma delas, extrema admiração para a vista dos homens,  
move-se pelo sopro do sonoro Bóreas.

E assim era como tudo deveria realizar-se no decorrer do tempo.

Nestes versos, o narrador primário faz referência à morte dos heróis, situando-a temporalmente na ocasião dos jogos em honra a Pélias, acontecimento posterior ao término da viagem dos Argonautas e, portanto, ausente na narrativa.

Este tipo de prolepse – que é empregada para se fazer referência a eventos que serão omitidos pelo narrador, neste caso, por situar-se em uma esfera temporal distante do presente narrativo – pode ser observada, novamente, nos dois últimos exemplos de narrativas prospectivas do primeiro canto:

Nos versos 1310-1326, Glauco, após emergir das ondas do mar, revela aos Argonautas o futuro de Hércules e Polifemo, e informa o ocorrido com Hilas:

“Por que, contra a vontade do grande Zeus, desejais conduzir o valente Hércules à cidade de Eetes?	1315
Seu destino é realizar, em Argos, para o presunçoso Euristeu, todos os doze trabalhos, suportando muitas fadigas, e habitar a morada dos imortais, se já tiver realizado os poucos que faltam; assim, que não haja nenhum pesar por ele.	1320
A Polifemo, por sua vez, foi outorgado pela sorte Chegar ao termo da vida na imensa terra dos Cálibes, após edificar, nas desembocaduras do Kios, uma ilustre cidade para os Mísios. Quanto a Hilas, uma deusa, uma Ninfa, por amor, tornou-o seu esposo e, por causa dele, que se afastaram, foram abandonados.”	1325

Em seguida, o narrador primário reitera o discurso do personagem Glauco, ao mencionar, novamente, o destino de Hércules e Polifemo (vv.1345-1366):

Quanto aos outros dois, pelo querer de Zeus, um, o Ilatida Polifemo, deveria fundar para os Mísios uma cidade com o nome do rio, após assentar seus alicerces; o outro, deveria ir, novamente, sofrer os trabalhos de Euristeu. Ele ameaçou devastar rapidamente a terra dos Mísios, se não lhe descobrissem qual a sorte de Hilas, vivo ou morto.	1345
Entregaram como garantia os melhores filhos do povo, após escolhê-los, e fizeram juramentos de que nunca abandonariam o trabalho penoso de procurá-lo. Por essa razão, ainda hoje, os habitantes de Kíos perguntam por Hilas, filho de Teodamente, e cuidam da bem construída	1355
Traquis: foi lá que Hércules alojou as crianças que enviaram para que ele levasse dali como garantia.	

Apesar de tratar do mesmo assunto, esta prolepse destaca-se da anterior, pois é possível notar uma mudança da perspectiva temporal pelo narrador: primeiramente este adota a perspectiva do presente da narrativa, ou seja, faz menção à fundação de uma cidade por Polifemo e aos trabalhos de Hércules, considerando estes eventos como relativos ao futuro. No entanto, a partir do verso 1348, parece adotar a perspectiva temporal do presente da narração, considerando a busca por Hílas como referente ao passado, o que pode ser sugerido pelo emprego da construção εἰσέτι νῦν, “ainda agora”, relativa ao presente do próprio narrador.

Nos versos seguintes, dá-se continuidade à narrativa da viagem, encerrada no primeiro canto com a chegada dos Argonautas a terra de Âmico, e o surgimento da Aurora.

Além das anacronias citadas – caracterizadas, conforme já dito, pelo emprego da analepse e da prolepse – destaca-se, ainda, um dado referente à velocidade narrativa: Segundo Genette, ao confrontar-se a duração de uma narrativa com a duração da história que se conta, percebe-se uma diversidade de velocidades narrativas, que vai desde a velocidade infinita, representada pela elipse, até a lentidão absoluta da pausa descritiva. Existe ainda entre estes dois extremos, uma velocidade intermediária, que é a da narrativa sumária, na qual alguns parágrafos ou algumas páginas correspondem a vários dias, meses ou anos na história. A já referida prolepse dos quatro primeiros versos de *Os Argonautas* identifica-se com este tipo de narrativa. Também se observa o emprego da narrativa sumária, nos versos 353-359, durante o discurso de Jasão, na ocasião da primeira assembleia. O Esonida, ao orientar seus companheiros sobre os preparativos para a viagem, resume em sete versos o que será narrado a seguir de maneira detalhada (em quarenta e oito versos) pelo narrador heterodiegético:

E agora, depois de agradarmos a Febo com sacrifícios,  
 preparemos, imediatamente, os banquetes. Até que cheguem  
 meus escravos, guias dos estábulos, aqueles que cuidam de 355  
 conduzir até aqui os bois bem escolhidos do rebanho,  
 poderíamos, então, lançar a nau no mar e, depois de dispor  
 todos os equipamentos, sortear os remos, pelos bancos.  
 Enquanto isso, então, um altar, na praia, erijamos  
 a Apolo, deus dos embarques, que, por um oráculo, prometeu-me 360  
 mostrar e indicar os caminhos do mar, se com sacrifícios  
 a ele eu começasse a trabalhar para o rei.”

Embora, os exemplos acima se refiram a segmentos prospectivos, não apenas os casos de antecipações podem configurar narrativas sumárias. Em segmentos retrospectivos também

é possível encontrar uma narrativa limitada correspondendo a um vasto período de tempo no passado.

Uma rápida pausa descritiva – que representa o grau de lentidão absoluta da velocidade narrativa – ocorre nos versos 324-326, ocasião na qual se descreve a capa que Argos carrega nos ombros:

Um, Argos Arestórida, cobria os ombros com uma pele de touro  
de pelos negros, que caía até os pés; o outro, por sua vez,                    325  
com uma bela manta dupla, que sua irmã Pelopeia lhe presenteara.

Uma pausa mais significativa ocorre nos versos 725-768. Aqui a narração é interrompida e o narrador descreve minuciosamente o manto que a deusa Atena oferecera a Jasão. É preciso salientar que, conforme observa Genette, nem toda descrição interrompe a narrativa. É o caso, por exemplo, da descrição do escudo de Aquiles, no canto XVIII da *Ilíada*, vv.478- 608, pois o objeto é descrito à medida que é forjado pelo deus Hefesto.

Não só a pausa descritiva interrompe a narração. Ao longo do poema os símiles – um dos artifícios narrativos mais típicos do gênero épico – são empregados com frequência: nos versos 269-275, Alcímeda é comparada a uma menina que, abandonada aos cuidados da madrastra, sofre os insultos infligidos por ela; nos versos 307-310, Jasão, que marchava em direção a nau, é comparado ao deus Apolo, ao sair de seu templo perfumado; os Argonautas são equiparados a um grupo de jovens formando um coro ao filho de Letô (vv.536-541); Jasão, nos versos 774-781 iguala-se a uma estrela brilhante; As mulheres de Lemnos, na ocasião da partida dos Argonautas da ilha, são comparadas a abelhas que zumbem em volta de belos lírios (vv.879-883); nos versos, 1003- 1010, os Filhos da Terra, mortos pelos companheiros do Esonida, são relacionados a grandes vigas de madeiras enfileiradas na praia. Já os Dolíones, em sua fuga, assemelham-se a pombas que se assustam diante de falcões (vv.1049-1050); a chegada dos Argonautas à Mísia, nos versos 1172-1177, é comparada a chegada de um homem do campo a sua tenda, após um dia de trabalho; Hércules assemelha-se a uma tempestade nos versos 1201-1205 e a um touro nos versos 1265-1272; Polifemo assemelha-se a uma fera selvagem (vv.1243- 1249). Até os peixes que acompanham a rota de Argo se tornam personagens de um símile, ao serem comparados a ovelhas que seguem o rastro de seu condutor (vv.572-579).

Como pode ser observado, os símiles utilizados referem-se a cenas cotidianas – como a de um homem do campo após um dia de trabalho – e, na maioria das vezes, têm animais como segundo termo da comparação: abelhas, touros, ovelhas seguindo a um pastor, feras



selvagens e pombas. Sempre que empregados, interrompem a narrativa principal, conduzindo a narração a um cenário diferente.

Bernd Effe (2001, pp.147-170) observa que grande parte dos símiles empregados por Apolônio alude a modelos homéricos. No entanto, a maioria dos exemplos de empregos de símiles analisados pelo autor aponta, ao mesmo tempo, para um distanciamento do modelo homérico – que pode ser exemplificado pela intensificação da função temática do símile, que em Apolônio apresenta um paralelismo mais estrito, realizado por um número maior de pontos de contato entre símile e narrativa, a ponto de permitir que o símile frequentemente suplante a exposição da ação na narrativa. Muitas vezes, como assinala o autor, o que prevalece em *Os Argonautas* é não apenas o distanciamento, mas uma tendência subversiva em relação a Homero, que se explica, por exemplo, pela necessidade de adaptação do modelo épico tradicional à nova visão poética adotada por Apolônio, que inclui uma concepção diferente a respeito da guerra e do heroísmo, por exemplo. A aproximação ao estilo tradicional associado ao afastamento ou subversão deste modelo – observado também no que tange ao relacionamento entre o narrador e as musas, já discutido no capítulo 2 – delinea as novas formas de se fazer poesia do período helenístico, que tem Apolônio de Rodes, como um dos seus principais representantes.

## 5. CONCLUSÃO

Embora a obra em discussão esteja distanciada em alguns séculos da epopeia arcaica, percebem-se ainda, como é comum no período helenístico, traços característicos deste tipo de poesia, que se evidenciam através do uso do dialeto homérico e do estilo formular da epopeia. Recursos típicos de Homero como as invocações aos deuses, o uso de símiles e epítetos, a descrição de sacrifícios e as intervenções divinas – ainda que em poucas ocasiões – estão presentes na obra de Apolônio, quase sempre utilizados seguindo novos padrões.

Além das semelhanças de estilo, observam-se, também, relações de intertextualidade temática entre *Os Argonautas* de Apolônio de Rodes e o *corpus* homérico e hesiódico, a poesia de Píndaro, a tragédia de Eurípedes e os idílios de Teócrito. As informações fornecidas pelas referidas obras possibilitam, em alguns casos, a recuperação de antecedentes narrativos omitidos ou resumidos na poesia de Apolônio, inclusive no que diz respeito aos personagens, embora, nem sempre, os dados fornecidos sejam coincidentes.

As epopeias homéricas compartilham também com a poesia de Apolônio o uso de técnicas narrativas semelhantes como o emprego de narrativas encaixadas, a introdução de narradores secundários, que narram a sua própria história ou a de outros personagens, e o uso alternado de discurso narrativizado e discurso imitado.

Em relação à organização temporal, observa-se que, em geral, a ordem cronológica dos acontecimentos é respeitada, com exceção de algumas analepses e prolepses, introduzidas tanto pelo narrador heterodiegético como pelos narradores homodiegéticos. Estas anacronias mostram-se essenciais por antecipar acontecimentos futuros e, principalmente, por compensar omissões na narrativa. No entanto, algumas parecem exercer apenas uma função de distração.

Assim como há uma alternância entre narrador heterodiegético e narradores homodiegéticos, existe também a diversidade de narratários – classificados pela narratologia, segundo os mesmos padrões utilizados para os narradores.

Destaca-se a postura do narrador na obra de Apolônio: Tanto nos poemas homéricos quanto no poema de Apolônio nota-se, a princípio, a presença de um narrador heterodiegético e onisciente. Porém, ao contrário do narrador da *Ilíada* e da *Odisséia*, o narrador primário de *Os Argonautas* manifesta-se constantemente ao longo de sua narrativa, determinando seu curso de maneira declarada, comentando aquilo que narra, e, por vezes, interagindo com seus narratários. O relacionamento deste primeiro narrador com as Musas também o diferencia do narrador homérico: o padrão único de relacionamento observado em Homero, segundo o qual

o aedo se declara um porta-voz da sabedoria divina, é substituído em Apolônio por uma variedade de padrões, que vai desde a inicial ausência da Musa até a declaração de total dependência de seu conhecimento.

## 6. BIBLIOGRAFIA

APOLLONIOS DE RHODES. *Argonautiques*, Texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

APOLONIO DE RODAS. *Las Argonáuticas*. Ed. Manuel Pérez Lopes. Madrid: Ediciones Akal, 1991.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. Ed. rev. par 1. Sechan et Pierre Chantraine. Paris, Hachette, 1950.

BUCOLIQUES GRECS. Théocrite. t.I. 8 ème ed. Texte établi et traduit par Ph. –E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

CUYPERS, M.P. *Apollonius of Rhodes*. In: DE JONG, Irene. NÜLIST, René BOWIE, August (eds). *Narrators, Narratees and narratives in Ancient Greek literature: Studies in Ancient greek Narrative*. V.1. Leinden /Boston : Brill, 2004

DE JONG, Irene. NÜLIST, René. BOWIE, August (eds). *Narrators, Narratees and narratives in Ancient Greek Literature: Studies in Ancient greek Narrative*. V.1. Leinden /Boston : Brill, 2004.

DE JONG, I. J.F. *A narratological commentary on the Odyssey*. Cambridge, 2001, pp.11-19.

DETIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Les Ruses de L' intelligence: La mêtis des Grecs*. Flammarion, 1974. pp.203-243

EFFE, Bernd. The Similes of Apollonius Rhodius. Intertextuality and Epic Innovation. In: PAPANGHELIS; RENGAKOS (eds.). *A companion to Apollonius Rhodius*. Leiden: Brill, 2001. pp. 147-170.

EURIPIDE. *Médée*. Texte établi et traduit par Loius Méridier. Paris: Les Belles Lettres, 1947.

FANTUZZI, Marco. "Homeric" Formularity in the *Argonautica* of Apollonius of Rhodes. In: PAPANAGHELIS; RENGAKOS (eds.). *A companion to Apollonius Rhodius*. Leiden: Brill, 2001. pp. 141-192.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Ed. Du Seuil, 1972.

\_\_\_\_\_, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad.: Fernando Cabral Martins, Lisboa, Ed. Vega, 1995 (3ª ed.).

HESIOD, *Theogony*. Edited with Prolegomena and Commentary by M.L. West. Oxford, Clarendon Press, 1966.

HESIODE, *Théogonie*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris, Belles Lettres, 1972. Pp.32-68.

HESÍODO, *Teogonia*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo, Iluminuras, 2003.

HOMERE. *Iliade*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. 4 ed. Paris, Belles Lettres, 1957. 4v. \_\_\_\_\_ . Hymnes. Texte établi et traduit par Jean Humbert. 7 ed. Paris, Belles Lettres, 1997. 4v.

HOMERI OPERA. Tomus III, *Odysseae libros I-XII*. Tomus IV, *Odysseae libros XIII-XXIV*. Oxford, Clarendon Press, 2000.

HOMERO, *Iliada*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

\_\_\_\_\_. *Odisséia*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

MORRIS, Ian & POWELL, Barry (eds). *A New Companion to Homer*. Leiden/ New York/ Köln: Brill, 1997, pp. 489-507.

HUNTER, Richard. The Poetics of Narrative in the *Argonautica*. In: PAPANAGHELIS; RENGAKOS (eds.). *A companion to Apollonius Rhodius*. Leiden: Brill, 2001. pp. 93-126.

NELIS, D.P. Apollonius of Rhodes. In: FOLEY, John Miles (ed.). *A companion to Ancient Epic*. Blackwell Publishing, 2005.

PAPANGHELIS; RENGAKOS (eds.). *A companion to Apollonius Rhodius*. Leiden: Brill, 2001.

PINDARE. *Pytiques*. Texte établi et traduit par Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

PÍNDARO, *Odas Triunfales*. Introducción, traducción y notas de José Alsina. Barcelona: Editorial Planeta, 1990.

SÁNCHEZ, Máximo Brioso. Literatura helenística. In: FERREZ, J.A. López (ed.). *Historia de la literatura griega*. Madrid: Catedra, 1998, pp.804-815.

TEIJEIRO, Manuel García. Apolonio de Rodas. In: FERREZ, J.A. López (ed.). *Historia de la literatura griega*. Madrid: Catedra, 1998, pp.781-793.